

UNICESUMAR – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROMOÇÃO DA SAÚDE

EVERTON ANTONIO MARCELINO DE SIQUEIRA

“CÂMERA NA MÃO E SKATE NO PÉ”: Pesquisa de ação participativa usando *Photovoice* para explorar a relação da prática do skate com a promoção da saúde e a cidade

MARINGÁ
2019

EVERTON ANTONIO MARCELINO DE SIQUEIRA

“CÂMERA NA MÃO E SKATE NO PÉ”: Pesquisa-ação participativa usando *Photovoice* para explorar a relação da prática do skate com a promoção da saúde e a cidade

Dissertação apresentado ao Programa de pós-graduação em promoção da saúde do Centro Universitário de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Promoção da Saúde.

Orientador: Profº. Drº. Marcelo Picinin Bernuci

Coorientador: Tiago Franklin Rodrigues Lucena

MARINGÁ
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S618c Siqueira, Everton Antonio Marcelino.
 “CÂMERA NA MÃO E SKATE NO PÉ”: pesquisa-ação participativa usando *photovoice* para explorar a relação da prática do skate com a promoção da saúde e a cidade / Everton Antonio Marcelino Siqueira. Maringá-PR: UNICESUMAR, 2019.
 119 f. ; 30 cm.

 Orientador: Prof. Dr. Marcelo Picinin Bernuci.
 Coorientador: Prof. Dr. Tiago Franklin Rodrigues Lucena.
 Dissertação (mestrado) Universidade Cesumar – UNICESUMAR, Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, Maringá, 2019.

 1. Redes comunitárias. 2. Fotografia. 3. Saúde da população urbana. 4. Liberdade de circulação. I. Título.

CDD – 613

Biblioteca Central UniCesumar

Ficha catalográfica elaborada de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

EVERTON ANTONIO MARCELINO DE SIQUEIRA

“CÂMERA NA MÃO E SKATE NO PÉ”: Pesquisa de ação participativa usando *Photovoice* para explorar a relação da prática do skate com a promoção da saúde e a cidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde do Centro Universitário de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Promoção da Saúde pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Marcelo Picinin Bernuci
Centro Universitário de Maringá (Presidente)

Prof. Dr. André Luiz Correia Gonçalves Oliveira
Universidade Estadual de Campinas (Membro Externo)

Profa. Dra. Tânia Maria Gomes da Silva
Centro Universitário de Maringá (Membro Interno)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotos enviadas pelo participante Eduardo no aplicativo <i>WhatsApp</i>	30
Figura 2 - Mapa de categorização dos resultados em eixos temáticos e temas	50
Figura 3 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o tema ‘lugares de prática’	53
Figura 4 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o tema ‘construção de espaços para a prática’	56
Figura 5 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o tema ‘ocupação de espaços públicos’	62
Figura 6 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o tema ‘a cidade de Maringá e o Skate’	64
Figura 7 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o tema ‘contribuição do skate para a cidade’	67
Figura 8 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o tema ‘visão externa’	72
Figura 9 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o tema ‘visão interna’	78
Figura 10 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o tema ‘Ensinaamentos’	79
Figura 11 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o tema ‘relações entre a saúde e a prática de skate’	83
Figura 12 - Nuvem de palavras gerada a partir de todas as narrativas sem a distribuição em temas	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese de publicações sobre skate e saúde.....	49
Quadro 2 - Fotografias e narrativas dos skatistas sobre o tema lugares de prática.....	51
Quadro 3 - Fotografias e narrativas dos skatistas sobre o tema Construção de espaços para a prática.....	54
Quadro 4 - Fotografias e narrativas dos skatistas sobre o tema Ocupação de espaços públicos	57
Quadro 5 - Extrapolações das fotografias sobre o tema Ocupação de espaços públicos	61
Quadro 6 - Narrativas sobre o tema A cidade de Maringá e o skate.....	63
Quadro 7 - Fotografias e narrativas sobre o subtema Contribuição do skate para a cidade	65
Quadro 8 - Extrapolações das fotografias sobre o subtema Contribuição para a cidade	66
Quadro 9 - Fotografias e narrativas sobre o tema visão externa	68
Quadro 10 - Extrapolações das fotografias sobre o tema visão externa	71
Quadro 11 - Fotografias e narrativas sobre o tema Visão interna	72
Quadro 12 -Extrapolações das fotografias sobre o tema Visão Interna	77
Quadro 13 - Narrativas sobre o subtema Ensinaamentos.....	78
Quadro 14 - Fotografias e narrativas sobre o tema relações entre a saúde e a prática de skate	80
Quadro 15 - Extrapolações das fotografias sobre o tema relações entre a saúde e a prática de skate.....	81
Quadro 16 - Narrativas sobre o tema Sugestões	83

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Skatistas participantes do estudo por idade e tempo de prática	28
Tabela 2 - Número de fotografias enviadas e escolhidas pelos skatistas	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	16
2.1 Objetivo geral	16
2.2 Objetivos específicos	16
3 REVISÃO DA LITERATURA	17
3.1 <i>Photovoice</i> : antecedentes na área da saúde	17
3.2 Características do <i>Photovoice</i> como método	20
3.3 <i>Photovoice</i> e saúde: publicações	22
4 METODOLOGIA	25
4.1 REVISÃO DA LITERATURA CIENTÍFICA	25
4.2 ESTUDO DE AÇÃO PARTICIPATIVA	26
4.2.1 Utilização do <i>Photovoice</i> e aspectos éticos	26
4.2.2 Participantes do estudo	27
4.2.3 Coleta de dados	29
4.2.4 Análise dos dados	31
5 RESULTADOS	32
5.1 REVISÃO DA LITERATURA CIENTÍFICA	32
5.1.1 Associação negativa do skate com o indivíduo	33
5.1.2 Associação negativa do skate com o espaço (urbano)	36
5.1.3 Associação positiva do skate com o indivíduo	40
5.1.4 Associação positiva do skate com o espaço (urbano)	44
5.2 ESTUDO DE AÇÃO PARTICIPATIVA	50
5.2.1 ESPAÇOS DE PRÁTICA	51
5.2.1.1 Lugares de prática	51
5.2.1.2 Construção de espaços para a prática	53
5.2.1.3 Ocupação de espaços públicos	57
5.2.1.4 A cidade de Maringá e o skate	63
5.2.1.5 Contribuição do skate para a cidade	64
5.2.3 PERCEPÇÃO SOBRE A PRÁTICA DO SKATE	68
5.2.3.1 Visão externa	68
5.2.3.2 Visão interna	72
5.2.3 RELAÇÕES ENTRE SAÚDE E A PRÁTICA DE SKATE	79
5.2.4 SUGESTÕES	83
5.2.5 Nuvem de palavras geral	85

6 DISCUSSÃO	86
6.1 ESPAÇOS DE PRÁTICA	87
6.2 PERCEPÇÃO SOBRE A PRÁTICA DO SKATE	90
6.3 RELAÇÃO ENTRE SAÚDE E A PRÁTICA DO SKATE.....	94
6.4 SUGESTÕES	98
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
8 CONCLUSÃO	102
REFERÊNCIAS.....	102
ANEXOS.....	114

RESUMO

Este estudo foi realizado em colaboração com skatistas da cidade de Maringá, nele objetivamos compreender a percepção dos skatistas sobre a sua atuação no espaço urbano, como experimentam a agressividade urbana e as relações da prática com a promoção da saúde. O estudo foi realizado em duas etapas: sendo a primeira uma revisão da literatura científica com intuito de analisar como o skate é abordado pelas diferentes áreas do conhecimento; e a segunda um estudo de ação participativa utilizando o método *Photovoice* com o intuito de analisar como os skatistas manifestam sua percepção frente ao espaço urbano e de que modo tal percepção permite uma postura reflexiva sobre urbanismo e promoção da saúde. Para a revisão de literatura utilizou-se os termos ‘Skate’ e ‘saúde’ e ‘skating’ AND ‘health’ como descritores para busca nas bases de dados Pubmed, Web of Science, Lilacs, Scielo, Google Scholar e Plataforma periódicos CAPES. Estudos cuja terminologia “skating” não se direcionava especificamente a prática do skate foram excluídos. Um total de 52 publicações científicas entre artigos, livros e documentos publicados por Estados ou municípios foram utilizados na revisão. A maioria dos estudos publicados em revistas científicas da área da saúde relacionaram a prática do skate a aspectos negativos como quedas, fraturas e acidentes. Por outro lado, em revistas de outras áreas do conhecimento, aspectos positivos, como protagonismo, participação social e cultura jovem foram mais encontrados. Para o estudo de ação participativa, 12 skatistas realizaram fotografias de situações ocorridas durante sua prática de skate na cidade. Posteriormente, os skatistas foram entrevistados a fim de compreender o significado das fotografias selecionadas e de que forma elas refletiam ao contexto urbano contemporâneo, a agressividade urbana, e como a prática do skate pode inspirar uma postura crítica quanto a promoção da saúde da população urbana. Os dados foram organizados utilizando o *Software* QSR NVIVO 12 e apresentados através de uma análise temática. Obtivemos 132 fotografias realizadas e compartilhadas pelos skatistas, dessas foram selecionadas 40. As fotos foram agrupadas em 4 eixos temáticos: (1) espaços de prática; (2) percepção sobre a prática do skate; (3) relação entre saúde e skate; (4) sugestões. Os resultados demonstraram que os temas mais presentes nas narrativas dos skatistas foram seus (a) lugares de prática; (b) a construção de espaços para a prática; (c) a ocupação de espaços públicos; (d) a cidade de Maringá e o skate; (e) a visão interna e (f) externa sobre a cultura do skate; (g) a contribuição do skate para a cidade e os (h) ensinamentos advindos da prática. Concluimos que a prática de skate desenvolve no praticante um interesse por participar do espaço público com maior protagonismo, criar espaços para que outras pessoas possam se encontrar para ter momentos de convívio, cuidar e melhorar as praças públicas e ambientes abandonados. Além disso, os skatistas contrariam a visão negativa que o skate carrega na literatura científica da área da saúde. Para eles a prática tem relação com o bem-estar físico, mental e social e sugerem que a maior abertura para dialogar sobre inclusão e respeito da prática de skate pode contribuir com políticas e ações saudáveis para a cidade.

Palavras-chave: redes comunitárias; fotografia; saúde da população urbana; liberdade de circulação;

ABSTRACT

This study was carried out in collaboration with skaters in the city of Maringá, as it aimed to understand the perception of skaters about their performance in the urban space, how their experience urban aggressiveness and the practice relationships with health promotion. The study was carried out in two stages: the first being a review of the scientific literature in order to analyze how skateboarding is approached by different areas of knowledge; and second, in a participatory action research that uses the *Photovoice* method in order to analyze how skaters manifest their perception in front of the urban space and the way that this perception allows a reflective posture on urbanism and health promotion. For the literature review, we used the terms 'Skate' and 'Saúde' and 'skating' AND 'health' as descriptors for research in the databases Pubmed, Web of Science, Lilacs, Scielo, Google Scholar and the CAPES periodicals platform. Studies whose terminology "skating" is not aimed at the practice of skateboarding that has been excluded. A total of 52 scientific publications including articles, books and documents published by states or municipalities were used in the review. Most studies published in scientific journals in the health area were related to skateboarding with aspects related to falls, fractures and accidents. On the other hand, in magazines from other areas of knowledge, positive aspects, such as protagonism, social participation and youth culture were found more. For the study of participatory action of 12 skaters, take photographs of situations that occurred during your skateboarding in the city. Subsequently, skaters were interviewed with the aim of understanding or defining the meaning of the photographs and how they reflected the contemporary urban context, urban aggressiveness and how skateboarding can inspire a critical assessment of urban health promotion. The data were organized using the QSR NVIVO 12 Software and presented through a thematic analysis. It obtains 132 photographs taken and shared by skaters, selected 40. The photos were grouped into 4 thematic axes: (1) practice spaces; (2) perception of skateboarding; (3) relationship between health and skateboarding; (4) suggestions. The results demonstrated on the themes most present in the skaters' narratives were their (a) places of practice; (b) construction of spaces for practice; (c) an occupation of public spaces; (d) the city of Maringá and skate; (e) an internal and (f) external view of the skate culture; (g) a contribution from skateboarding to the city and (h) advanced teaching of the practice. Conclude that the practice of skateboarding for the skaters develop interest in participating in the public space with greater protagonism, creating spaces for other people who can find moments of conviviality, caring and improving as public areas and abandoned environments. In addition, skateboarders contradict the negative view that skateboarding carries in the scientific literature on health. For them, the practice have relashinship with physical, mental and social well-being and suggesting that greater openness to dialogue about inclusion and respect for skateboarding can contribute to policies and actions that are useful for the city.

Keywords: Community Networks; Photography; Urban Health; Right to Freedom of Movement;

1 INTRODUÇÃO

“Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”. A conhecida frase dita pelo cineasta brasileiro Glauber Rocha em meados da década de 60 é símbolo do movimento do Cinema Novo. Este movimento propunha que o cinema brasileiro mostrasse a realidade de miséria do povo brasileiro durante período histórico de ditadura militar e de repressão das liberdades individuais e coletivas. Com baixo orçamento e precariedade dos meios de produção, a frase indicava o uso do cinema como peça cultural que devia ser socialmente e politicamente orientada. Trata-se do uso dos meios de produção artística a serviço da transformação social.

Desde o início do movimento, o brasileiro passou por um processo de redemocratização e atualmente algumas conquistas sociais e históricas estão sendo perdidas por uma nova onda de política econômica e uma crise da democracia liberal (CASTELLS, 2018). Vimos também desde essa década uma acentuação do processo de urbanização brasileira, que resultou em novos problemas sociais devido a segregação, gentrificação e má distribuição de renda, percebida visivelmente em algumas cidades, especialmente pelo crescimento da periferia (SANTOS, 2008). Este fenômeno é global e se encontra presente em maior ou menor intensidade em países com diferentes estágios de desenvolvimento econômico. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), em 2030, cerca de 60% de toda a população mundial viverá em cidades (ONU, 2016). Este rápido crescimento da urbanização é um dos temas integrantes dos *Objetivos globais de desenvolvimento sustentável* e onde se encontra a descrição da necessidade de pensar em cidades e comunidades sustentáveis inclusivas, resilientes e saudáveis (ONU, 2017).

O projeto cidades saudáveis, concebido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), expõe, segundo Westphal e Mendes (2000), seu intuito em motivar estratégias nos setores das políticas sociais para alavancar ações interinstitucionais e intersetoriais de saúde coletiva. O projeto flerta com a ideia de que ações voltadas para a melhoria das condições de vida e saúde da população urbana respingam positivamente na qualidade de vida. Na promoção da saúde, os apontamentos sobre saúde remontam a uma atmosfera de responsabilidades individuais (BRASIL, 2017), mas ao pensarmos na cidade, os espaços frequentados pelos cidadãos e as relações neles construídas moldam simbólico e culturalmente uma identidade coletiva. Com isso, para alcançar resultados significativos no ‘pensar urbano saudável’ parece-nos fundamental nos aproximarmos dos interesses da população e convidá-la a participar das ações estratégicas de saúde coletiva, principalmente ao refletirmos sobre o espaço urbano por todos compartilhado.

Como fruto desse movimento urbano e contexto social atual, temos milhões de pessoas que se deslocam pelas cidades, se conectam as redes sociais online, e produzem imagens das suas experiências por meio de *smartphones*. Ao mesmo tempo vemos imagens de denúncias, de conflitos e de problemas no espaço urbano sendo disseminadas pelas redes informáticas (CASTELLS, 2012). Não seria interessante então pensar no potencial uso desse registro imagético para repensar as condições e segregações do espaço urbano? Como menciona Dallabona-Fariniuk e Firmino (2018) o uso do *Smartphone* na contemporaneidade vem influenciando o modo como as pessoas interagem e atribuem sentido no espaço urbano. Do mesmo modo, as publicações referentes a promoção da saúde já contribuíram com os conceitos de *eHealth*, em relação a criação de informações e tecnologias de comunicação eletrônica e *mHealth* quanto ao uso de celulares e dispositivos sem fio para a oferta e melhorias de serviços de saúde (WHO, 2013). Tais conceitos já inferem que a posse desse dispositivo e a inegável rede online atua cada vez mais na vida das pessoas, e por isso, nos conduzem tanto a considerar a influência da presença do *Smatphone* na vida e hábitos das pessoas como desvendar as imagens criadas por elas em relação ao uso e percepção do espaço urbano.

A ocupação territorial por diferentes pessoas acarreta em uma diversidade social, na qual estas pessoas precisam conviver para desenvolver-se socialmente. A Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS), em seus temas prioritários, nos mostra a necessidade de trabalhar com a convivência, a mediação de conflitos, o respeito a diversidade, identidades territoriais e culturais pensando em intervenções de âmbito individual e coletivo (BRASIL, 2018). Neste cenário, surgem grupos identitários com suas respectivas características, realizando ações em meio a cidade em desenvolvimento. Um destes grupos, os skatistas, são praticantes de um movimento que chegou ao Brasil por volta de 1970, nascido e desenvolvido nas ruas e atualmente se encontra entre os esportes mais praticados no país (CBSK, 2015).

A literatura que utiliza do skate como temática nasce principalmente nas ciências humanas. Estudos etnográficos, por exemplo, expressam considerações quanto às características culturais e sociais desta manifestação, analisando os conflitos que surgem entre o skatista e as características de sua representação social (BRANDÃO, 2008; RAMPAZZO; STIGGER, 2016; TEIXEIRA, 2017). A construção histórica do skate na cidade adveio de adolescentes e jovens que apresentaram características reprovadas por uma espécie de ‘norma culta urbana’, o que sugere a nascente do skate como pertencente a uma contracorrente sofrendo, muitas vezes, com a estigmatização. Outra linha de estudos etnográficos discorrem

sobre a mobilidade, a dinâmica e a apropriação aplicadas pelos skatistas de rua no espaço urbano (ADAMKIEWICZ, 1998; ANGNER, 2017; HOWELL, 2001; MACHADO, 2011). Estes textos expõem que a relação do skatista com as cidades têm também um caráter simbólico, poético, criativo e ativo. Nesta perspectiva, se valoriza o indivíduo skatista como criador de outros usos possíveis para os espaços da cidade. A prática do skate, portanto, se assemelha a identidade de um grupo urbano, os skatistas, são eles que fazem uso dos espaços públicos e privados de modo diferenciado, no caso, para praticar skate. Adiante mostraremos que os conflitos gerados pela presença e ocupação do espaço urbano por parte dos skatistas rende uma visão negativa das pessoas que não a conhecem. Porém, para os skatistas, há uma visão positiva onde a cultura do skate pode contribuir com a cidade no que diz respeito a práticas de convívio e criação de espaços inclusivos para a comunidade urbana.

A carta de Ottawa, importante documento no campo da Promoção da Saúde, contém em seus escritos apontamentos sobre ‘criação de ambientes favoráveis à saúde’, nos quais fazem parte o favorecimento ao lazer, a própria cidade e o empoderamento comunitário (OMS, 1986). Essas considerações nos inspiraram a olhar para a atenção que o indivíduo disponibiliza para a sua saúde ou sua consciência sobre o que origina a saúde e também para a sua percepção sobre a cidade contemporânea. Assim, primeiramente, ao pensarmos no skate como prática de lazer saudável na cidade, as referências mostraram-se adversas. A associação entre skate e saúde é ainda incipiente na comunidade científica, sendo na maioria das vezes, negativa e relacionada às quedas e injúrias sofridas pelos praticantes de skate ((FELETTI; BRYMER, 2018; FORSMAN; ERIKSSON, 2001; KADDIS; STOCKTON; KIMBLE, 2016). São textos que, para usar uma expressão urbana e jovial, são “caretas” na sua concepção da prática do skate e desconsideram um olhar interdisciplinar dessa atividade híbrida entre esporte, cultura e meio de transporte e de apropriação do espaço urbano.

Embora a literatura encontrada em relação ao skate seja significativa, principalmente nas ciências humanas, na área da saúde observações prévias apontam uma visão preventiva e de controle da prática. Ainda que consideremos o skate como promotor de protagonismo juvenil, união com um grupo por identificação, como uma prática esportiva saudável na cidade, não constam nestes registros um material relevante que valorize o indivíduo skatista e relacione a prática com os temas que interessam na promoção da saúde na cidade. Mesmo com o aumento de praticantes de skate no Brasil, que segundo pesquisa Datafolha, somam 8.500.000 em 2015 (CBSK, 2015), não colocam este grupo como promissor na produção científica de promoção da saúde.

Assim, valendo-se desta mobilidade urbana diferenciada que o skate proporciona, poderiam os skatistas contribuírem com um projeto criativo de promoção da saúde? Podemos tomar a experiência dos praticantes dessa modalidade para se pensar nos modelos de cidade e de inclusão? Este estudo buscou realizar um projeto colaborativo com os skatistas, convidando-os a identificar e documentar pontos de *agressividade*¹ urbana na cidade de Maringá.

Como agressividade chamamos aqui todos os acontecimentos, eventos, lugares e configurações físico-espaciais da cidade que afetam negativamente o praticante do skate ou outro usuário no desfrute do espaço urbano. O termo ‘agressividade urbana’ surgiu de uma junção entre os conceitos de “arquitetura defensiva”, descrita por Howell (2001) e Borden (2001). Para Howell (2001) o termo condiz com as intenções de autopreservação dos espaços urbanos, que, sob ideal produtivo e mercantil, tendem a criar e a conduzir os espaços afastando o uso considerado indesejado, mantendo apenas a sua receptividade para o consumo e para o trabalho. A outra ideia descrita por Borden (2001) destaca os impulsos do design urbano em dificultar o acesso aos aparatos físicos comuns de uso humano, como bancos, bordas, calçadas, escadas, corrimãos. O anexo de correntes, câmeras de vigilância, construção das estruturas com materiais e tamanhos desconfortáveis tornam estes espaços desagradáveis de permanecer e podem ser encarados como exemplos dessa “agressividade urbana”. É justamente esta intenção de impermanência que parece conduzir a uma cidade que afasta algumas ações da vida humana, delimitando seus espaços e funções a algumas mais “socialmente aceitas” e como refletimos, poderiam afetar o desejo em desfrutar da cidade por desagradar o usuário-skatista.

Daí residiu a nossa intenção em refletir junto aos skatistas de um centro urbano, a cidade de Maringá. Indivíduos que acessam diretamente estes espaços mencionados, de modo dinâmico e diferenciado dos pedestres e motoristas. Elucidamos algumas reflexões como por exemplo: Como o skatista é visto? Quais são os obstáculos físicos? Quais as relações interpessoais e institucionais que se constroem? A partir disso, sugerimos um projeto coletivo para compreender a percepção dos skatistas sobre a sua atuação no espaço urbano e como experimentam a agressividade urbana. Ou seja, com inspiração no espírito de Glauber Rocha,

¹ Agressividade– No dicionário infopédia de língua portuguesa: 1. Qualidade do que é agressivo; 2. Tendência ou disposição para agredir, 3. Combatividade.

Não temos a intenção de desconceituar o termo agressividade, tão menos alterar sua estrutura semântica, apenas estamos considerando neste estudo a agressividade como ações ou gestos presentes na dinâmica da cidade que sugerem desconforto para o usuário do espaço urbano, que desmotivam suas vontades ou afetam seu desfrute urbano. A estas questões chamaremos de agressividade urbana.

e com o skate nos pés e ideias na cabeça, esses jovens foram convidados a registrar em imagens e a refletir conosco as perguntas acima.

De forma geral, buscamos na presente Dissertação compreender como a literatura científica aborda o skate nas diferentes áreas do conhecimento e qual a percepção dos skatistas sobre a sua atuação no espaço urbano e como experimentam a agressividade urbana. Para tanto foi realizado um estudo de revisão de literatura e um estudo de pesquisa de ação participativa utilizando o método *Photovoice* (WANG; BURRIS, 1997). Trata-se de um método pelo qual pessoas podem identificar, representar, melhorar sua comunidade através de uma específica técnica de fotografia (WANG; BURRIS, 1997; WANG; CASH; POWERS, 2000). No nosso caso, os skatistas produziram fotografias de suas experiências de prática e contato com essa agressividade urbana. A prática do skate, quando investigada com intenções de refletir sobre o uso do espaço urbano na contemporaneidade sugere uma promissora discussão da atual conjuntura pessoa-ambiente. Do mesmo modo, os indivíduos skatistas têm percepções de cidade e saúde que são passíveis de diálogo com a promoção da saúde, principalmente em relação a participação social e diversidade dos grupos urbanos.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender a percepção dos skatistas sobre a sua atuação no espaço urbano, como experimentam a agressividade urbana, e as relações da prática com a promoção da saúde.

2.2 Objetivos específicos

Analisar como o skate é abordado na literatura científica da saúde, urbanismo e antropologia cultural.

Analisar como os skatistas manifestam sua percepção frente ao espaço urbano e de que modo tal percepção permite uma postura reflexiva sobre urbanismo e promoção da saúde.

3 REVISÃO DA LITERATURA

A revisão de literatura foi realizada por meio de pesquisa nas bases de dados *Pubmed*, *Web of Science*, *Lilacs*, *Scielo*, *Google Scholar* e Plataforma periódicos CAPES, utilizando os descritores ‘*Photovoice*’ e ‘*health*’. Portanto, apresentamos um panorama histórico sobre o método de Wang (1994, 1999) Wang e Burris (1997) e depois buscamos estudos mais atuais (2015 até 2019) que fizeram uso do *Photovoice* para evidenciar a relevância do método em publicações científicas.

3.1 *Photovoice*: antecedentes na área da saúde

Considerando um certo ineditismo no programa e da pouca familiaridade que os leitores possam ter com o método utilizado nessa pesquisa, o *Photovoice*, vamos aqui apresentar breve revisão de quando esse método e técnica de coleta e análise dos dados surgiu.

O *Photovoice* parece ter surgido no ensaio de Caroline Wang e Mary Ann Burris, de 1994, intitulado ‘*Empowerment through Photo novella: Portraits of Participation*’. Que apresentam um processo participativo que integra empoderamento na educação, teoria feminista e Fotografia documental (WANG; BURRIS, 1997, 1994). Nessa proposta, Wang e Burris (1997, 1994) propõem a disponibilização de câmeras fotográficas para crianças, mulheres de aldeia, trabalhadores comunitários e outros indivíduos que tenham pouco acesso aos que tomam decisões sobre suas vidas. As fotografias realizadas por esses indivíduos teriam um potencial de espelhar a comunidade e os inspiram a narrar por si mesmos suas forças e fragilidades.

Apresentado pelas autoras como uma forma de inserir novas vozes nas discussões políticas, facilitando a aprendizagem coletiva, expressão e ação, a *Photo novella*, depois foi chamada de *Photovoice* se sustenta nos seguintes conceitos: Empoderamento, Teoria feminista e fotografia documental.

O conceito de empoderamento, no método, advém da teoria pedagógica de Paulo Freire, que propunha o diálogo com a comunidade (rural) para o qual lecionava e procurava capacitá-la para identificar seus problemas e estimular o compartilhamento. Essa relação com as teorias e ideias do pedagogo brasileiro será aprofundada em item posterior. Aqui lembramos que a propensão ao diálogo presente na teoria de Freire é descrita como uma

forma de estreitar a distância entre os indivíduos que vivem em determinado contexto e o reconhecimento de sua realidade como um fenômeno político. Isso nos mostra que, para uma comunidade, a capacidade crítica de identificar os substratos culturais presentes em seu contexto e que influem sobre suas vidas podem acarretar em mudanças positivas para a própria comunidade (FREIRE, 1987).

Para entender o processo Wang e Burris (1994) citam o projeto da Associação Peru-Mujer, realizado em 1984, que engajou mulheres iletradas e semiletradas a participarem de iniciativas para a saúde e planejamento familiar. O projeto criou livretos com desenhos simples e acompanhados de textos informativos que foram entregues às mulheres como livros para colorir. Os desenhos foram pintados em atividades de grupo ou foram levados para casa pelas mulheres que coloriram junto a seus maridos e filhos (WANG; BURRIS, 1994). Agentes comunitários se reuniram com as mulheres para discutir as imagens e levantar alguns tópicos que elas compartilhavam entre si para discussão. Temas como desemprego, alcoolismo, violência doméstica, custo de vida, visitas a clínica emergiram, e, devido a familiaridade, facilitaram a discussão de assuntos embaraçosos como anatomia e métodos contraceptivos. O projeto terminou com diploma e algumas ainda se matricularam em cursos de alfabetização, relatando aumento de autoestima e continuaram se reunindo depois para discutir problemas da comunidade e ajudar outras que viviam em ambientes domésticos violentos (WANG; BURRIS, 1994). Trata-se de um exemplo pioneiro, onde vemos o empoderamento presente no método, que se aproxima das ideias de Paulo Freire.

O segundo eixo de *Photo novella* foi a teoria feminista. Wang e Burris (1994) se apegaram principalmente ao questionamento que o feminismo faz em relação aos nossos entendimentos de poder, representação e voz. Valorizando principalmente a autorrepresentação ao invés da representação de si por outrem, a autonomia em oposição a dependência e a capacitação de si mesmo pela criação de conhecimento fundamentado em ideologia de responsabilidade.

Consideramos citar uma teórica pedagoga americana que implementou dizeres da teoria feminista em sala de aula com mulheres negras. Bell Hooks defendeu a inserção de referências da literatura negra e o diálogo em sala de aula. Segundo suas ideias, mulheres, homens e crianças negras, marginalizadas no período do *Apartheid*, deveriam ter a oportunidade de, em sala de aula, se sentirem seguros para compartilhar seus anseios e paixões, que era preciso dialogar e adquirir referências de força em um momento de racismo estrutural (HOOKS, 2017). Notamos que a autora está comentando sobre a importância da

identificação e manutenção de uma comunidade em um espaço de aprendizagem, uma vez que o contexto vivido por um grupo é deslocado do palco de discussões, Hooks propõe que o próprio grupo adquira, pela educação, força e apoio para narrar e se encontrar em sua própria história.

Cabe destacar que a autora também foi leitora e destaca Paulo Freire e que, portanto, identificou-se com a pedagogia libertária defendida pelo mesmo (HOOKS, 2017). Hooks lecionou e influenciou uma geração de pedagogas negras a desenvolver um ambiente em sala de aula inclusivo para receber e dialogar com os alunos sobre temas que se desprendessem do colonialismo e se aproximassem de um ensino democrático. Assim, podemos compreender um ponto em comum entre empoderamento e teoria feminista, presentes na gênese de *Photo novella*.

O terceiro eixo do método é a fotografia documental. Segundo Rosler (1987) consiste em enfatizar a consciência social através de imagens. A autora cita que a fotografia documental foi importante durante a Depressão nos Estados Unidos, no qual fotógrafos eram enviados para captar imagens de pobreza, violência e humilhação social. As imagens serviam como representações para o momento político-econômico e demonstrar como a população estava imersa em uma condição de mal-estar. Nessa época fotógrafos como Dorothea Lange, Walker Evans viajavam por áreas campestres dos EUA captando imagens de camponeses e agricultores que viviam miseravelmente com suas famílias em zonas rurais americanas.

Wang e Burris (1994) comentam sobre a característica da fotografia documental (realizada por fotógrafos profissionais) em retratar o estado social, econômico, mental dos sujeitos e da sociedade no qual fazem parte. Entretanto, na *Photo novella*, as câmeras são disponibilizadas aos membros nativos da comunidade de interesse, que produzem as imagens.

Percebemos que o *Photo novella* e como veremos depois, o *Photovoice* tornou-se um método de pesquisa de ação participativa baseado na comunidade, influenciado pela teoria feminista, pelo empoderamento na educação e pela fotografia documental. Na teoria feminista recorreremos a Hooks (2017), leitora de Freire, do qual faz menção de referência para a sua pedagogia emancipatória se relacionando diretamente com o empoderamento. Em relação ao empoderamento na educação os estudos que se referem a educação e saúde que encontramos, guiados pelas direções traçadas pelos próprios definidores do método *Photovoice* Wang (WANG, 1999) Wang et al. (1998), Wang e Burris (1994) chegamos em Shaffer e Shaffer (1983), Sharma e Romas (2007), Wallerstein e Bernstein (1988) todos autores estrangeiros,

nacionalidades diferentes e que escreveram sobre saúde, empoderamento, comunidade, e todos citam Freire como parte do constructo teórico. Por conclusão lógica, podemos pronunciar que o teórico brasileiro influenciou diretamente sobre o *Photovoice*, e sua teoria e métodos prenunciaram também outras gerações de pesquisadores de educação e saúde.

3.2 Características do *Photovoice* como método

Posterior a prévia compartilhada como *Photo novella*, as autoras rebatizam o método como *Photovoice*, considerando como um conceito e metodologia. De acordo com o conceito descrito, *Photovoice* é um método de pesquisa de ação participativa, *Participatory action research* (PAR), pelo qual pessoas podem identificar, representar, melhorar sua comunidade através de uma específica técnica de fotografia. Elas destacam também a importância da posição de membro da comunidade que o método demanda, “confia câmeras nas mãos das pessoas para que possam atuar como registradores, e potenciais catalizadores para mudança, em sua própria comunidade (WANG; BURRIS, 1997, p. 369).

Três objetivos principais do método foram descritos pelas autoras, primeiro, permitir que pessoas registrem e reflitam sobre os pontos fortes e preocupações de sua comunidade. Segundo, para promover o diálogo crítico e conhecimento sobre questões da comunidade através de grandes e pequenos grupos de fotógrafos, e por último, para alcançar formuladores de políticas (WANG; BURRIS, 1997).

O *Photovoice*, desde seu início foi elaborado com objetivo de flertar com questões de saúde da comunidade. Wang e Burris (1997) sugerem que o método pode ser utilizado para objetivos específicos de participação em promoção da saúde, com diferentes grupos e comunidades e para diversas questões de saúde pública. Assim, o pesquisador da saúde, ou o agente comunitário pode fazer uso desta proposta para localizar demandas, encontrar meios de dialogar sobre temas de interesse para a saúde da comunidade e compartilhar os resultados com determinantes de atenção pública.

Para compreender as dinâmicas e conceitos chave do método vale destacar Wang (1999). No primeiro, *imagens ensinam*, ela expõe que a imagem visual fornece lugares de aprendizagem que podem influenciar profundamente a saúde e o bem-estar das pessoas. Isso porque o significado está mais voltado para o que o fotógrafo tem a dizer sobre o motivo fotografado, então através de imagens feitas pela comunidade podemos sugerir condições

sociais, culturais, econômicas diferentes, bem como contribuir para ampliar o modo como vemos status de saúde, diferenças e resultados.

Em seguida, no conceito *imagens podem influenciar política*, uma vez que um modo de alcançar os formuladores de políticas seria alavancando as imagens produzidas pela comunidade para que adentrem na agenda política. Se somos influenciados pelas imagens, se elas ensinam, então as imagens que vemos afetam nosso foco e visão de mundo. (WANG, 1999).

O seguinte conceito, *peças da comunidade devem participar da criação e definição de imagens que formem políticas públicas saudáveis*, Wang (1999) esclarece que as imagens feitas pelas mãos da comunidade podem ajudar a formar políticas públicas saudáveis que atuem diretamente nas urgências que a comunidade experimenta na vida cotidiana. Isso ocorre porque as imagens precisam ser definidas por seus produtores, precisam ser discutidas, ganhar significados e interpretações e com isso passar a representar recortes da realidade da comunidade.

O próximo conceito, *O processo requer que os planejadores tragam à mesa os formuladores de políticas e outras pessoas influentes para servir como público para as perspectivas das pessoas da comunidade*, transcorre sobre o uso do *Photovoice* como ferramenta de influência política. Para tanto, precisamos ter em mente que o método se baseia no intercâmbio entre as pessoas, o pesquisador da saúde e os formuladores de políticas dialogando sobre as imagens que representam a comunidade. A partir daí o pesquisador busca, através de argumentos imagéticos e conclusivos, meios de alcançar essas pessoas que podem efetivamente mobilizar mudanças políticas (WANG, 1999).

A autora sugere ainda, o último conceito, *Photovoice enfatiza ação individual e coletiva*. Trata-se de um método de pesquisa de ação participativa, fundamentado no entendimento de que as políticas construídas precisam integrar o conhecimento, as habilidades e recursos locais presentes em populações por elas afetadas. Portanto, o método começa com percepções individuais dos viventes da comunidade, (expostas através de fotografias e significados) e busca alcançar integração com o grupo que representa o interesse coletivo mais amplo (diálogo entre comunidade, pesquisador da saúde e formuladores de políticas) (WANG, 1999).

3.3 *Photovoice* e saúde: publicações

O uso do *Photovoice* é aceito e está presente em publicações no campo da saúde. Aqui citaremos alguns artigos que se utilizaram dele em diferentes contextos e temas da área. O primeiro é o de True, Rigg e butler (2014) que utilizaram o *Photovoice* com veteranos do exército americano que serviram no Iraque. O objetivo do estudo foi aumentar a compreensão das perspectivas e entendimentos destes sujeitos sobre a busca e envolvimento em cuidados de saúde mental. Quarenta veteranos foram selecionados para fazer parte do estudo e durante duas semanas realizaram fotos ou as selecionaram de coleções pessoais. As fotos representaram o impacto do serviço militar e o desdobramento em sua saúde, necessidades em cuidados de saúde e fontes de recuperação e apoio.

Os resultados apontaram aspectos que denunciavam que existe uma dualidade entre a condição de indivíduo que está sujeito a ter problemas de saúde sob qualquer condição (agravadas em situações extremas como conflitos e guerras) versus a cultura militarista que demanda do indivíduo uma postura omissa frente a saúde com foco no cumprimento de tarefas e reconhecimento do físico e mental apenas como armas atuantes. Demonstra também que muitos veteranos de guerra se sentem desvalorizados e esquecidos pelo país depois de prestados seus serviços, e essa sensação de abandono perdura em complicações e agravos para sua saúde mental. (TRUE; RIGG; BUTLER, 2014).

Irby et al. (2018) conduziram um estudo realizado em Winston-Salem, cidade que segundo os autores extrapola anualmente o número de crimes violentos enumerados nos Estados Unidos. O estudo contou com dez adolescentes que compartilharam suas percepções de causa, consequências e soluções para a violência. Durante duas semanas de projeto estes adolescentes criaram fotografias e escreveram sobre elas. O *Photovoice* nesse projeto revelou que o ambiente no qual os adolescentes estavam envolvidos era formado por poucos lugares seguros, violência cotidiana deliberada e mais latente em certas etnias e classes econômicas. Os adolescentes reconheceram que desejam sair do ciclo de violência, entretanto, o contexto social e cultural que lhes rodeia sugere um ciclo claustrofóbico de violência (IRBY et al. 2018).

Darby (2018) utilizou o *Photovoice* para investigar inclusão e exclusão nos espaços e lugares do campus de um instituto na Irlanda. Trinta e cinco estudantes enviaram fotos referentes aos espaços do campus e escreveram suas percepções sobre eles. Os quatro lugares considerados mais inclusivos foram a cantina, dentro da sala de aula, a biblioteca e as

instalações esportivas. Estes espaços se destacaram positivamente devido a sua permissão para encontros com a diversidade, o cruzamento de etnias presentes no campus e o compartilhamento de interesses comuns por pessoas culturalmente diferentes. Ao contrário, os dois espaços considerados menos inclusivos ou excludentes foram a sala comum (lounge) e os espaços de silêncio (citado como oratório), o principal motivo para ambos é que não permitem integração entre culturas por estarem sempre ocupados pelos mesmos grupos e, no caso do oratório, majoritariamente por católicos. Percebemos então que o principal ponto evidenciado neste estudo é a permissão a alteridade, ao pluralismo cultural (DARBY, 2018).

Outros estudos atuais exemplificam a aplicabilidade e validade científica do método *Photovoice*. A pesquisa realizada por Hees et al. (2017) envolveu 18 idosos que viviam de forma independente e 14 profissionais que atuavam com a população idosa, entre eles assistentes sociais, consultores de habitação, gerentes de bairro e agentes comunitários, para fotografarem e discutirem sobre os locais que estes sujeitos consideram importantes para o envelhecimento, e como lugares de envelhecimento, na parte sul da Holanda.

O estudo desenvolvido por Yu et al. (2018) apresentou como objetivo entender as barreiras e recursos encontrados por homens negros sobre a sua recuperação do uso de drogas ou a sua reinserção após o encarceramento em um bairro urbano e economicamente desfavorecido. A participação dos sujeitos deste estudo ocorreu associada aos homens que estavam presentes nas reuniões que compunham um programa comunitário de atenção primária em um bairro de Chicago nos Estados Unidos da América. Em cada reunião haviam entre 15 e 20 sujeitos que compuseram a amostra do estudo.

Daniels (2018) desenvolveu um estudo sobre as relações entre estudantes de graduação e suas situações sociais e econômicas na concepção sobre uma carreira associada a área da saúde. Por meio de um curso sobre Fundamentos da Saúde Global, o pesquisador utilizou do *Photovoice* para possibilitar aos estudantes o desenvolvimento de projetos individuais de pesquisa.

No estudo de Leal et al. (2018) objetivou-se entender como as mães identificam o processo de amamentação ou de desmame considerando as características culturais do ambiente no qual estavam inseridas. Participaram deste estudo 12 mães adolescentes que estavam vivenciando a amamentação ou já haviam vivenciado.

A pesquisa desenvolvida por Padilla et al. (2018) teve por objetivo identificar interpretações locais de fatores sociais e estruturais complexas que influem sobre o bem-estar das populações dominicanas afetadas pela toxicodependência. Participaram desta pesquisa

sete artistas-ativistas, que foram recrutados enquanto moravam na rua, e o processo de coleta de dados e as discussões sobre as fotos ocorreram por 12 meses.

Sims-gould et al. (2018) aplicaram o *Photovoice* para entender as experiências de homens mais velhos sobre sua mobilidade e atividade física. Participaram da pesquisa 14 homens que foram incluídos em um programa de atividade para homens com baixa atividade física.

O estudo de Baig et al. (2019) tiveram por objetivo avaliar a aceitabilidade, viabilidade e utilidade percebida do *Photovoice* em uma intervenção de autogestão do diabetes para latinos. Participaram deste estudo 37 adultos com diabetes de um programa de educação auto gerenciada.

Na pesquisa apresentada por Creighton et al. (2019) se problematizou quais são as experiências de traumas de infância e tendências suicidas das mulheres de minorias sexuais? Participaram desta pesquisa 11 mulheres que já haviam sofrido traumas na infância e que relataram experiências de negligência, abuso emocional, físico ou sexual pelos pais ou pelos cuidadores.

D'Angelo e Her (2019) desenvolveram um estudo que visou entender como os membros da comunidade percebiam a relação entre lugar, saúde e abuso de substâncias em Haldford, Connecticut. O estudo se estruturou em momentos e encontros que resultavam a apresentação das fotos e as discussões sobre as mesmas, bem como a participação dos sujeitos em uma entrevista semiestruturada.

Ferlatte et al. (2019) exploraram as causas da tendência suicida a partir da perspectiva de homens gays, bissexuais e outros com histórico de suicídio. Vinte e um sujeitos participaram deste estudo, através das suas fotos e da discussão sobre as mesmas, sendo que as entrevistas que ocorreram por meio de encontros foram individuais.

A pesquisa de Gullón et al. (2019) teve por objetivos identificar percepções da comunidade sobre fatores urbanos construídos, sociais e políticos / econômicos associados à atividade física para gerar recomendações de políticas conduzidas pela comunidade para aumentar a atividade física. Realizada em dois distritos em Madri de diferentes status socioeconômico, tendo no total a participação de 24 residentes.

Lucke et al. (2019) apresentaram uma pesquisa sobre a motivação em relação a participação no jardim comunitário, e também focaram na proposta de compreender como os sujeitos que atuam no plantio e nas experiências do jardim se relacionam com os alimentos.

Os exemplos acima nos mostram que projetos envolvendo o *Photovoice* se caracterizam por acessar comunidades e convidá-las a narrar suas realidades através de propostas interventivas, no caso, o registro de imagens, a discussão crítica dos registros e o compartilhamento de ideias. Como resultado o método tende a auxiliar no entendimento das características, qualidade, fragilidades, problemas das comunidades, o que pode funcionar como facilitador para setores como a saúde pública.

4 METODOLOGIA

Uma vez que o objetivo geral de nosso estudo foi compreender a percepção dos skatistas sobre a sua atuação no espaço urbano, como experimentam a agressividade urbana, e as relações da prática com a promoção da saúde, optamos primeiramente por realizar uma revisão de literatura científica, buscando por estudos que inserissem skate como temática para discussões em saúde e condições de vida urbana (*objetivo específico 1*). Em seguida, para compreender a percepção dos skatistas sobre cidade e agressividade urbana aplicamos de modo experimental um método de pesquisa intitulado *Photovoice* de Wang (1999; 1994), Wang e Burris (1997) com algumas adaptações que consideram a tecnologia atual (*objetivo específico 2*).

4.1 REVISÃO DA LITERATURA CIENTÍFICA

Para cumprir com o objetivo específico de analisar como o skate é abordado na literatura científica da saúde, urbanismo e antropologia cultural realizamos uma revisão da literatura científica. Primeiramente definimos ‘Skate’ e ‘saúde’ e ‘*skating*’ AND ‘*health*’ como descritores para busca. Em seguida utilizamos as bases de dados *Pubmed*, *Web of Science* e *Lilacs* para buscar estudos com esses descritores sem delimitar uma linha temporal. Notamos que diversos artigos continham o descritor ‘*Skating*’, mas ele também pode significar patinação no gelo (*ice skating*) ou patinação artística (*figure skating*), além da própria patinação que faz uso dos patins e, portanto, não se tratam de nosso tema. Consideramos essa similaridade na nomenclatura um o critério de exclusão para estudos que não tratavam do objeto skate e da prática de skate nas ruas ou pistas.

Outra parte da revisão de literatura foi a busca por estudos com a temática do skate em outras áreas do conhecimento. Utilizamos as bases de dados *Scielo*, *Google Scholar* e

Plataforma periódicos CAPES, procurando apenas com os descritores ‘skate’ e ‘skating’. O critério de inclusão foi selecionar artigos de diversas áreas.

Após aplicação dos critérios de exclusão, um total de 52 publicações científicas entre artigos, livros e documentos publicados por Estados ou municípios foram utilizados na revisão.

4.2 ESTUDO DE AÇÃO PARTICIPATIVA

Trata-se de um estudo de natureza aplicada, qualitativo descrito como pesquisa de ação participativa (*Participatory Action Research* – PAR). O método que utilizamos se intitula *Photovoice* e pode ser conceituado como um processo no qual pessoas podem identificar, representar, e melhorar sua comunidade através de uma técnica de fotografia específica (WANG; BURRIS, 1997).

4.2.1 Utilização do *Photovoice* e aspectos éticos

Para a condução do *Photovoice* algumas fases são sugeridas por Wang (1999), são elas: i. Selecionar e recrutar um público alvo de decisores políticos ou líderes comunitários; ii. Recrutar um grupo de participantes do *Photovoice*; iii. Introduzir a metodologia *Photovoice* para os participantes e facilitar uma discussão de grupo; iv. Obter consentimento informado; v. Colocar um tema inicial para tirar fotos; vi. Distribuir câmeras aos participantes e revisar como utilizá-las; vii. Dar tempo aos participantes para tirar fotos; viii. Se reunir para discutir fotografias; ix. Planejar com os participantes uma forma de compartilhar as fotografias e relatos com decisores políticos ou líderes comunitários (WANG, 1999).

Indicamos que os itens i e vi não foram realizados neste estudo. O primeiro porque se trata de um estudo experimental, onde optamos inicialmente por acessar apenas a comunidade e testar as dimensões do *Photovoice*. Uma estratégia que insira os decisores político como indicado no item ‘i’ das fases pode ser elaborada em um estudo futuro após maior familiaridade com o método. Quanto ao segundo item não aplicado, recorremos a Wang e Burris (1997) que menciona a flexibilidade do método *Photovoice* para se adaptar as características da comunidade e do objetivo do estudo. Mesmo conhecendo a fase *distribuir câmeras aos participantes e revisar como utilizá-las*, consideramos que as inovações tecnológicas e as novas mídias da contemporaneidade modificaram nosso contexto cultural em relação ao período das autoras. Para facilitar a coleta, optamos por solicitar aos skatistas

que realizassem as fotografias utilizando o *Smartphone*, isso porque ele é um aparelho, hoje, protagonista do cotidiano das pessoas, de posse e uso cada vez mais comuns e de simples manuseio para realizar fotografias de boa qualidade (FALANDES; ANGELUCI, 2019).

Por se tratar de um estudo envolvendo pessoas e a utilização de material fotográfico produzido pelos skatistas, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). O estudo também contou com a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) sobre o parecer número do CAAE 10532719.6.0000.5539.

4.2.2 Participantes do estudo

Os participantes do estudo foram skatistas, residentes na cidade de Maringá. A abordagem considerou a visita durante um mês (maio de 2019) aos principais lugares de aglomeração de praticantes na cidade: Praça Pedro Álvares Cabral (conhecida popularmente como Banks), localizada na Av. Cerro Azul; Vila Olímpica da Maringá; Praça da Prefeitura (conhecida entre os skatistas como praça vermelha). Abordamos os praticantes individualmente, por conveniência, em seguida explicamos o estudo convidando-os para participar. Destacamos que alguns participantes recomendaram outros possíveis candidatos, então, nossa abordagem se estendeu também para um convite realizado pela rede social *Instagram*. Ao final, vinte skatistas com idade acima de dezoito anos aceitaram colaborar com a pesquisa,

Cabe destacar que o método *Photovoice* não especifica um número adequado de participantes, Wang (1997) cita apenas que pode ser realizado com pequenos ou grandes grupos de fotógrafos. Considerando no entanto, os artigos presentes na revisão de literatura, vimos que essa quantidade varia de 40 (TRUE; RIGG; BUTLER, 2014), passando por 25 (DARBY, 2018) até 10 (IRBY et al., 2018). No nosso caso, definimos 20 como um número apropriado considerando número de fotos suficientes para a análise dos dados.

Dos 20 skatistas convidados e que aceitaram participar, 12 enviaram fotografias, e tiveram as imagens analisadas. A lista dos 12 participantes pode ser visualizada na tabela abaixo.

Tabela 1 - Skatistas participantes do estudo por idade e tempo de prática

Nome	Idade	Tempo de prática (anos)
Eduardo	33	20
Ezequiel	19	6
Fernando	23	8
Gabriel	25	10
João	38	25
Jonas	21	-
Matheus	22	11
Paulo	24	10
Rafael	36	27
Susy	24	-
Tiago	28	18
Veb	21	5

Os skatistas sem a informação do tempo de prática na tabela acima simplesmente não responderam ou não se lembraram no momento da entrevista. As informações sobre a quantidade de fotografias realizadas e enviadas pelos participantes podem ser vistas a seguir na tabela 2. Destacamos, ainda, que da quantidade de fotos realizadas pelos skatistas foram escolhidas por eles quais delas representariam suas percepções. Os skatistas deste estudo se chamam: Eduardo; Ezequiel; Fernando; Gabriel; João; Jonas; Matheus; Paulo; Rafael; Susy; Tiago e Veb (vulgo²).

² De acordo com o Dicionário Michaelis: vulgo - 1. A camada popular da sociedade, plebe, povo, ralé, turba. O sentido atribuído por Veb ao termo vulgo faz referência ao seu pseudônimo de artista de rua envolvido com o grafite e a pichação. Ele preferiu ser referido no trabalho apenas como Veb, “é como sou conhecido nas ruas”, não usaremos seu nome civil.

Tabela 2 - Número de fotografias enviadas e selecionadas pelos skatistas

Nome	Fotografias enviadas	Fotografias selecionadas na entrevista
Eduardo	23	3
Ezequiel	32	3
Fernando	11	4
Gabriel	5	5
João	20	3
Jonas	3	2
Matheus	10	2
Paulo	3	2
Rafael	7	5
Susy	11	4
Tiago	55	5
Veb	10	2
<u>Total</u>	132	40

Observamos que na aplicação da entrevista semiestruturada foram analisadas 40 fotos, selecionadas pelos 12 participantes.

4.2.3 Coleta de dados

A coleta de dados fotográficos ocorreu durante sete semanas consecutivas (maio e junho 2019). Durante este período os participantes realizaram fotografias utilizando a câmera de seus *Smartphones*. O tema inicial para a realização das fotografias foi: produzir fotos sobre a sua percepção de como o skatista atua na cidade e o que você enxerga como agressivo no espaço urbano quando pratica skate.

Os participantes enviaram as fotografias via aplicativo *Whatsapp*, criamos uma lista no aplicativo para facilitar a interação com cada participante. Uma lista se assemelha a um grupo, entretanto as mensagens enviadas e recebidas se caracterizam como individuais, porque são visualizadas apenas por receptor e destinatário. As fotografias enviadas pelos skatistas foram salvas em um banco de imagens em formato de pastas nomeadas com cada um dos skatistas, como demonstrado na Figura 1.

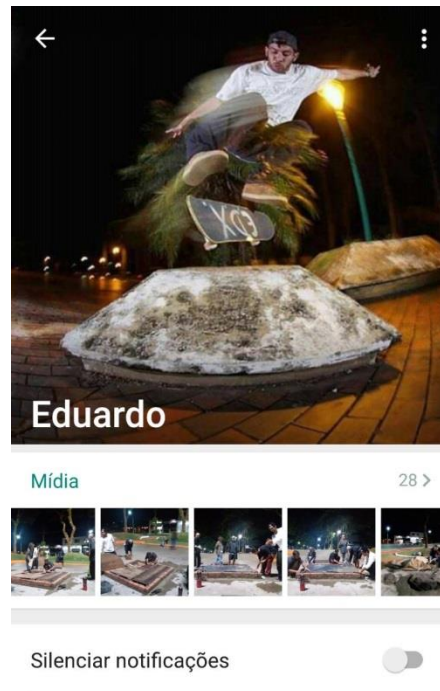


Figura 1: fotos enviadas pelo participante Eduardo no aplicativo *WhatsApp*.

Wang et al. (1998) e Wang (1999) expõem uma forma de contextualizar e nortear a discussão na fase de análise dos dados, denominada ‘se reunir para discutir fotografias’. Os autores comentam sobre encorajar os participantes a enquadrar suas imagens e histórias em termos de perguntas que formem uma sigla intitulada SHOWeD: What do you See here? (O que você vê aqui?) What's really **H**appening here? (O que realmente está acontecendo aqui?) How does this relate to **O**ur lives? (Como isso se relaciona com nossas vidas?) (**W**hy does this problem or this strength exist? (Por que esse problema ou essa força existe?) What can we **D**o about this? (O que podemos fazer sobre isso?). Segundo Wang et al. (1998) isso causa questionamento para identificar a raiz do problema e discutindo essa raiz pode-se desenvolver estratégias para modificar a situação.

Realizamos essa fase em forma de entrevista semiestruturada com gravação de áudio, expondo as cinco perguntas do SHOWeD como roteiro prévio, e expandindo as reflexões através do diálogo aberto, ouvindo os skatistas para além das perguntas presentes na sigla (APÊNDICE 1). Além de conversar sobre as fotografias que realizaram, os skatistas selecionaram dentre todas as suas imagens quais eles preferiam ver na versão final para representar sua percepção. Nessa fase, também, algumas fotografias receberam títulos dos próprios skatistas ou eles compartilharam ideias para depois o próprio pesquisador intitulá-las.

Definimos juntamente aos skatistas que a melhor forma de compartilhar suas fotografias e relatos seria a própria concretização deste estudo.

4.2.4 Análise dos dados

Para a análise dos dados optamos pela análise temática de Pope, Ziebland e Mays (2009) com uso do *software* QSR NVIVO 12® que permite um trato com grandes quantidades de dados e disponibiliza ao pesquisador formas de minerá-los e visualizá-los de modo organizado. (AMARAL-ROSA, EICHLER 2019).

A nuvem de palavras foi um recurso utilizado do Nvivo que distribui os termos de um conteúdo por frequência de aparição. Por meio do número de palavras o *Software* nos fornece uma representação visual da frequência de aparição das palavras agrupando-as por tamanhos diferentes, assim o termo mais frequente aparece centralizado na nuvem e com o maior tamanho, os seguintes são dispostos em tamanhos decrescentes de acordo com o número de vezes que constam no texto (RIVADENEIRA; GRUEN; MULLER; MILLEN, 2007).

Sabemos que o *Software* faz a contagem de menções do termo e através de um cálculo percentual determina visualmente o tamanho da palavra na nuvem (RIVADENEIRA et al., 2007). Apesar disso, optamos por não inserir na exposição dos resultados o porcentual em números, utilizamos apenas a representação em tamanho e cores. Fazemos isso para valorizar o elemento visual, visto que reconhecemos já estar de acordo com a porcentagem e que se trata de um estudo onde a imagem se faz importante para atribuir significado aos resultados.

O usuário que faz a varredura para obter a nuvem de palavras pode remover os termos que considera neutros para a análise dos dados. Por exemplo, quando os entrevistados utilizam ‘de’, ‘para’, ‘isso’, ‘porque’, entre outros, podemos deletá-los e fazer novas varreduras até que a mineração das palavras tenha saturado e todos os termos estejam de acordo com os direcionamentos do estudo (AMARAL-ROSA; EICHLER, 2019).

O uso que fizemos do Nvivo foi para: I) criar temas para associar as falas das entrevistas feitas com os skatistas; II) realizar nuvem de palavras para expor os principais pontos abordados pelos skatistas em cada tema.

Como nosso principal método de coleta e análise dos dados foi a realização do *Photovoice*, que é baseado em fotografias e relatos dos participantes, ele demanda fidelidade com as narrativas da comunidade convidada e comprometimento do pesquisador para não as modificar. Segundo Pope, Ziebland e Mays (2009) quando a análise temática é realizada como parte pequena de um estudo que já utiliza outros métodos, podemos simplesmente

agrupar os dados em temas para então descrever e relatar esses agrupamentos temáticos (POPE; ZIEBLAND; MAYS, 2009). Agrupamos então as fotografias e narrativas em temas, garantindo incluir e enquadrar todas as manifestações dos skatistas. Esse material foi apresentado em formato de quadros presentes na seção Resultados.

5 RESULTADOS

5.1 REVISÃO DA LITERATURA CIENTÍFICA

A revisão de literatura considera aqui a associação entre skate e saúde. Após a leitura do corpo de 52 artigos e textos sobre o tema do Skate e suas múltiplas interseções com o campo da saúde, podemos agrupar as publicações encontradas em quatro grandes blocos conceituais, que serão trabalhados como tópicos separados nesta revisão de literatura.

1. **Associação negativa do skate com o indivíduo:** nesta categoria agrupamos artigos e reflexões que apresentam o perigo da prática do skate para a saúde do indivíduo, exemplos de artigos que discorrem sobre injúrias, quedas, fraturas, acidentes, envolvendo o skatista ou pedestre;
2. **Associação negativa do skate com o espaço (urbano):** artigos e textos que apresentam o potencial destrutivo da prática para o espaço físico e urbano. São exemplos de estudos que tratam sobre o atrito com os bancos, calçadas e a “deprecação” do patrimônio público e privado, além da perturbação da paz;
3. **Associação positiva do skate com o indivíduo:** considerando os benefícios cognitivos, equilíbrio e saúde. São textos que ressaltam o skatista como ator político e social. A criação de grupos e vínculos sociais e que podemos associar com aspectos da qualidade de vida do indivíduo que pratica uma atividade física e da promoção da saúde e, por fim;
4. **Associação positiva do skate como ocupação do espaço urbano:** ao abordar por exemplo, o desenvolvimento de identidade, a forma de atuar e agir na cidade e nos benefícios advindos dessa relação para o espaço urbano.

5.1.1 Associação negativa do skate com o indivíduo

Neste tópico apresentamos artigos e textos que ressaltam os aspectos considerados como negativos da prática do skate. São artigos que são, em sua maioria, identificados como próprios do campo das ciências da saúde e sustentam uma visão biomédica sobre o tema. São em sua grande maioria artigos encontrados em bases de dados científicas, resultantes de busca com os termos Skate e Saúde / *skate and health* (Ex: PubMed, *web of Science*, *Lilacs*).

Um dos primeiros aspectos negativos ressaltados nos artigos se refere a quedas e fraturas. Forman e Erisson (2001) identificaram um padrão de acidentes envolvendo o objeto skate e seu usuário. Segundo eles, os acidentes não somente ocorrem por quedas dos próprios skatistas, mas também por colisões com os pedestres. Eles concluem que uma solução para evitar tais ocorrências de “pedestres feridos por skatistas” é a construção de espaços supervisionados, isto é, as chamadas pistas de skate. Uma medida semelhante é descrita no estudo de Rethnam, Yesupalan e Sinha (2008), que avaliam as ocorrências de acidentes envolvendo o skate atendidas em um centro ortopédico hospitalar. Eles concluíram que o skate não se mostrou um esporte perigoso, tendo uma baixa incidência de acidentes, sem traumas severos, mas, sugerem restringir o skate a lugares supervisionados como medida de redução de riscos aos skatistas e aos pedestres.

O caminho apresentado como solução pelas duas pesquisas descritas, encontra similaridade com diversos outros artigos que apresentam os aspectos das injúrias causadas na prática do skate e os procedimentos possíveis para evitá-las. Um bloco de estudos chama a atenção sobre o risco que o praticante de skate corre por escolher esta prática, apresentamos estes riscos nos estudos a seguir.

Tominaga et al. (2013) identificou ocorrências de traumas faciais e cerebrais em acidentes com a prática do skate. Também é exposto que os praticantes mais velhos apresentaram lesões mais severas, isto por conta das situações diferentes em que os praticantes se colocaram, como obstáculos maiores, pular escadas, alcançar maiores velocidades. A sugestão apresentada no estudo é trabalhar com ações preventivas, educativas e planejamento da equipe médica para atender situações de emergência nessas ocasiões. Cooper; McGree e Anderson (2003) avaliaram a incidência de ferimentos no pescoço e cabeça nos atletas de diversos esportes, e em relação ao skate, 26.000 pessoas foram tratadas anualmente por ferimentos advindos da prática, sendo o dado mais atualizado do estudo de 1996, quando lesões na cabeça correspondiam a 7,2% dos acidentes.

O estudo de Page et al. (2012), realizado no Canadá, chama a atenção para a utilização do capacete na prevenção de lesões cerebrais em práticas como o skate. Vale destacar que é exemplificado neste estudo a legislação canadense sobre a obrigatoriedade do uso de capacete para ciclistas menores de 18 anos. Os autores discutem a ampliação da lei para as demais idades e atividades sobre rodas (no qual cita o skate) como uma forma de minimizar a ocorrência das injúrias. Esse acessório de segurança é indicado como ação preventiva às lesões na prática de skate (COOPER; MCGEE; ANDERSON, 2003; KADDIS; STOCKTON; KIMBLE, 2016; LINDSAY; BRUSSONI, 2014; MAJERCIK et al., 2015; RUTH WHELAN; WHELAN, 2007; KEAYS; DUMAS, 2014; SHUMAN; MEYERS, 2015; TOMINAGA et al., 2015).

Segundo Mckenzie et al. (2016), em estudo realizado nos Estados Unidos, de 1990 até 2008, cerca de 1.226.868 crianças/adolescentes chegaram nos departamentos de emergência hospitalar para atendimento por lesão na prática de skate. Calcularam 64.572 casos por ano, sendo fraturas e deslocamentos os principais diagnósticos. Este estudo destaca que as lesões mais graves de face e cabeça diminuem conforme aumenta a idade dos praticantes. Isso pode estar relacionado ao fato de que a maior incidência de quedas com skate ocorre nas primeiras semanas de prática, onde o skatista ainda é um aprendiz e tem os primeiros ensaios do que é equilibrar-se e mover-se sobre um skate (RUTH WHELAN; WHELAN, 2007). Deste modo, uma alternativa para as crianças e adolescentes seria ter mais paciência com seu ritmo de aprendizado, respeitar seus limites, como é sugerido pelos estudos uma vez que a prática apresenta riscos.

As injúrias e riscos presentes na literatura da saúde sobre a prática do skate não relatam somente quedas e ferimentos. Audrain-McGovern e Rodriguez, (2015) ressaltam que algumas práticas esportivas aproximam os jovens de práticas não saudáveis: fumar cigarros, fazer uso de álcool e maconha, e o skate é citado como esporte que mostra jovens com índices de uso das três substâncias. Freitas et al. (2016), em estudo realizado em Santa Catarina, entrevistaram skatistas para verificar quais eram as suas percepções sobre o uso de drogas lícitas e ilícitas. O uso de álcool apareceu como droga mais utilizada entre os jovens skatistas, entretanto, eles relataram que não fazem uso quando estão praticando skate, por causa do descontrole cognitivo e motor que podem causar e atrapalham o desempenho. Os skatistas também evidenciaram que a maconha cumpre um papel socializador, ou seja, quem faz uso prefere os momentos em que estão junto com outros indivíduos, para interagir ou relaxar. Foram encontrados outros estudos que também citam familiaridade do skate com hábitos

ilícitos (BRADLEY, 2010; BRADLEY; STINSON, 2008; PERETTI-WATEL; BECK; LEGLEYE, 2002).

A associação negativa ao skate da qual faz menção a literatura da saúde também evidencia que, além das injúrias, quedas, ferimentos e hábitos ilícitos autodestrutivos, o skatista coloca em risco os pedestres que compartilham dos espaços públicos. Isto porque a prática ocorre muitas vezes em espaços como as ruas, as calçadas, em meio ao tráfego, estando sujeito a colisões com veículos, trombadas com pedestres e situações de violência. Zhou et al. (2013) analisaram as características e fatores de risco que conduzem a acidentes entre os adolescentes e estudantes na China, o fator “andar de skate em lugares inseguros” demonstrou 25.38% de incidência para acidentes considerados ‘brutos’, preocupando os estudiosos da saúde pública no país. Osberg et al. (1998) refletem que o skate, como movimentação rápida para um pedestre e lenta para um veículo motorizado ou uma bicicleta, mostra-se como um novo modo de mobilidade e transporte e isso causa certa dificuldade em situá-lo dentro da cidade. De fato, o skate ‘invade’ espaços como calçadas, ruas e como resultado podem ocorrer as colisões citadas (FORSMAN; ERIKSSON, 2001; MCKENZIE et al. 2016).

Fang (2018) ressaltou a complexidade da localização do skate dentro da lógica de convívio urbano. Sendo o skate uma manifestação de mobilidade, de que forma torná-lo seguro? Uma solução sugerida é a construção de pistas ou vias exclusivas para o skate para reduzir os casos de acidentes com automóveis e pedestres. No entanto, o skatista também é um pedestre, e não pratica skate somente como lazer, mas também como transporte, então inevitavelmente faz uso dos espaços da rua e da calçada.

Outros artigos ressaltam a colisão entre o skatista com os veículos automotores. De acordo com a Academia Americana de Pediatria (2001) apenas 5% das lesões envolvendo prática de skate são graves, e 25% dos acidentes são causados por colisão contra veículos, tal situação ocorre porque as crianças e os jovens julgam erroneamente suas habilidades de reconhecimento e poder de decisão para manter sua segurança. De qualquer forma, o comitê indicou que crianças de até 10 anos não deveriam praticar skate sem supervisão de um adulto ou adolescente responsável e crianças menores de 5 anos não deveriam praticar skate em hipótese alguma. Foi dito que pais e pediatras devem então, incentivá-los a realizar outra atividade mais adequada para o seu estágio de desenvolvimento. Esta premissa, além de indicar que, sob a ótica saudável institucionalizada, o skate não é citado como tendo potencial para auxiliar no desenvolvimento das crianças e jovens, a sua prática só funcionaria se

vigiada, daí a indicação do comitê de que comunidades devem continuar a desenvolver pistas de skate e encorajar os jovens a praticar lá (AMERICAN ACADEMY OF PEDRIATRICS, 2001).

Encontramos também o estudo de Furr et al. (2017) que analisou os hábitos de exposição e proteção ao sol de skatistas. O skate é popular em regiões praianas e, portanto, atividade também ativa no verão. A autora verificou que mais da metade do público avaliado relatou já ter sofrido com queimaduras de sol nesse período e com baixos índices de hábitos de proteção. Conclui que é preciso pensar em ações de educação e comportamento para conscientizar esse público sobre o uso de proteção solar, prevenção ao câncer de pele e alto nível de exposição.

Os artigos ajudam a associar semanticamente a pratica do skate como algo perigoso. O termo inclusive aparece em artigos que o colocam como “ameaça”. A visão de que o skate quebra com a lógica de segurança civil é citada no estudo de Forsman e Eriksson (2001), evidenciando que a onda crescente de popularidade do skate e os acidentes envolvendo sua prática nas ruas fizeram com que ele fosse referido, na década de 60, como ‘ameaça médica’. Este rótulo torna-se mais gritante ao verificar que na década de 80, o skate foi banido das ruas e das calçadas de várias comunidades na Suécia e a legislação sueca passou a requerer que todos os skates vendidos para menores de 12 anos fossem entregues rotulados e acompanhados de um aviso sobre seus perigos. Na Noruega a proibição foi mais severa, uma vez que o skate foi completamente banido das ruas, estas abordagens foram revogadas na década de 90 e o skate novamente aumentou de popularidade.

Essa problemática da presença do skatista no espaço urbano nos lança para uma revisão que considera os artigos que tratam sobre críticas da arquitetura e planejamento urbano e da agressividade do objeto skate em contato com o patrimônio público e privado.

5.1.2 Associação negativa do skate com o espaço (urbano)

Neste bloco elencamos estudos que apresentam uma visão voltada para o planejamento urbano e saúde na/da cidade. Os artigos coletados apresentam visões da arquitetura, urbanismo, engenharia civil e falam sobre uma “agressividade” e potencial destrutivo que o skate tem ao deslizar sobre as estruturas da cidade (bancos, corrimãos, calçadas, bordas, rampas).

Cabe lembrar inicialmente que no Brasil, a prática de skate já foi proibida na cidade de São Paulo. Em 1986, o então prefeito Jânio Quadros deu ordem para que a prática fosse

proibida no Parque Ibirapuera, local onde na época também se localizava a prefeitura da cidade de São Paulo (BRANDÃO, 2014). O espaço, por ter um chão liso e marquises bem construídas tornou-se um dos pontos mais frequentados por skatistas da região, eles se reuniam ali para ouvir músicas e se divertir andando de skate, ações desgostosas sobre a ótica do atual prefeito e seu pleito. Os skatistas tentaram acessar o prefeito para discutir a decisão, mas qualquer tentativa não foi exitosa, eles organizaram uma passeata, tomando as ruas para protestar contra a restrição. A mobilização parece ter engatilhado a irritação de Jânio Quadros que resultou na proibição da prática de skate em todas as ruas da cidade de São Paulo. Ainda segundo Brandão (2014), após a proibição os skatistas receberam duras repressões da polícia, a situação só cessou com a posse de Luiza Erundina, seguinte prefeita da cidade de São Paulo, revogando a proibição em 1989, reconhecendo o skate como esporte em ascensão.

Em Madri, Espanha, uma lei foi discutida para retirar o skate das ruas e das calçadas no ano de 2005. De acordo com o documento, o tráfego de skatistas apresentava perigo devido ao contato e atrito com pedestres e automóveis, então o fluxo deveria migrar para áreas específicas de prática para proteger e assegurar os pedestres (MADRID, 2005).

Em Washington, DC, é crime utilizar skate em qualquer via pública que não esteja designada pelo presidente da câmara ou pelo conselho como rua de ‘recreação’. A violação de tal legislação resulta em multa de 50 dólares e se o usuário/proprietário do skate for menor de 16 anos, o skate deverá ser retirado pelos pais ou responsáveis depois do pagamento (DISTRICT OF COLUMBIA, 1995). Na cidade de Boise, em Idaho, Estados Unidos, existiu um mapa que demarcava áreas específicas da cidade em que a prática de skate era proibida, a violação de tal legislação resultava em multa de 81.50 dólares de acordo com a lei estatal 5191 (BOISE MUNICIPAL CODE, 1996). Consideramos importante destacar que a legislação da cidade de Boise também citou a proibição do contato dos ‘aparatos com rodas’ contra construções, bancos, corrimãos, imóveis ou objetos sem autorização por escrito para fazê-lo.

Segundo Howell (2001) o skate chama a atenção de arquitetos, construtores civis, paisagistas, carregando neste nicho o que o autor chama de “patologia urbana”, isto porque a prática é frequentemente relacionada a um ato nocivo para os espaços da cidade. Esta visão nada mais é do que a já citada presunção de que a rua, a calçada, as praças são espaços de ordem, de segurança e então a prática de skate rompe com a “saúde” por fazer uso indevido desses espaços. Como resultado, atualmente discute-se na arquitetura algumas ferramentas táticas para dissuadir a prática, como por exemplo pinos de ferro nas bordas e bancos, placas

de proibição, excessivas câmeras de segurança monitorando as atividades nos espaços públicos e privados, aparatos que suscitam uma tendência a uma ‘arquitetura defensiva’. Tal ideal de defesa sugere que é de interesse sistêmico manter um aspecto de segurança, e consequentemente, de receptividade do espaço baseado na vigilância, daí o interesse em reunir os skatistas em pistas de skate, facilitando o controle e definindo o espaço pelo seu uso.

Segundo Borden (2001) as marcas que a agressividade do skate deixa nos espaços da cidade podem ser encontradas nas estruturas de concreto (contato dos *trucks* com as bordas, corrimãos) na madeira (contato do *shape/deck*³ com os bancos e bordas) e de certa forma estas marcas criminalizam a visão que a arquitetura tem quanto ao skate. Silva (2013) narra a história de conflito entre os moradores próximos à área da praça Roosevelt, em São Paulo, e os skatistas que frequentavam a praça para praticar. O embate ocorreu porque, segundo os moradores, a permanência dos skatistas perturbava a segurança dos cidadãos usuários e relataram diversos incômodos noturnos.

De fato Woolley; Hazelwood e Simkins (2011) destacam que existem algumas percepções que colocam o skate como uma incivilidade social e que causa desordem pública, isto quer dizer que algumas pessoas consideram o skate perigoso porque pode ocorrer colisão com outros usuários e danificar o espaço físico construído. Além disso, existem também considerações de que o skate é barulhento e suas manobras em velocidade podem colocar em perigo e perturbar o uso do espaço pelas outras pessoas. Como resposta a estas percepções é destacado o uso de controle físico, como por exemplo, contatar seguranças para expulsar os skatistas dos espaços, elaborar leis para restringir ou limitar a prática, ou utilizar de acessórios que impedem o acesso do skate nas construções, conhecidos como *Skate Stops*.

Sobre estes acessórios, Borden (2001), afirma que mudanças no design dos espaços urbanos estão ocorrendo, como por exemplo construir utilizando cascalho ou areia, materiais que são considerados ‘não-skatáveis’, ou então anexar aos espaços já construídos alguns aparatos para impossibilitar a prática, por exemplo espigões ou pinos e solavancos em corrimãos, blocos de concreto aos pés dos bancos, ou correntes nos degraus.

Flusty (2000) expõe que uma alegação de irritação dos moradores que compartilham o uso de praças com skatistas é que o skate deixa ‘cicatrices’ nas superfícies arquitetônicas caracterizadas por manchas escuras. Estas manchas sujam e estragam os acabamentos do pavimento. O autor se refere ao estrago visual que o skate deixa devido a sua característica de atrito e contato com os objetos físicos do espaço.

³ Ver anexo I – figura com as partes que compõem o objeto skate.

Chiu (2009) realizou um estudo em Nova York sobre a insistência dos skatistas em praticar nas ruas mesmo com uma legislação proibindo a prática em calçadas e praças públicas em 1996. No período citado, foram construídas 16 pistas de skate, mas muitos skatistas rompiam a norma e continuavam a frequentar áreas não designadas. O estudo evidenciou que existem diferenças entre o skate de pista e o skate de rua, pois enquanto os praticantes de pistas sentiam-se satisfeitos com o espaço privado construído, os skatistas de rua preferem encontrar ambientes naturais para interagir através da exploração e recriação de possibilidades nas formas urbanas, e da relação cultural que a prática constrói com alguns espaços da cidade, tornando-os pontos de referência. A legislação flertava com o afastamento dos skatistas das ruas para manter a segurança dos pedestres e proteger a integridade das propriedades públicas e privadas. A conclusão da autora foi que a governança do espaço público precisa se adaptar aos múltiplos usos que os grupos atribuem aos espaços para não os excluir sem, ao menos, realizar tentativas de inclusão.

Howell (2008) relata que quando os skatistas não tinham espaços sancionados para a prática eles tomavam espaços públicos como praças, calçadas, piscinas vazias, ruas, construções. Entretanto, mais de 2.000 pistas de skate foram construídas nos Estados Unidos nos anos em que ele realizou o estudo, ainda assim, os skatistas continuam “afrontando” as normas e praticando nas vias públicas que não foram construídas para andar de skate. As pistas de skate são construídas na tentativa de imitar as formas físicas da cidade que atraem os skatistas, como rampas, corrimãos, bancos de mármore, porém os skatistas apresentam uma preferência pelo desafio real e exploração do espaço público, e não por essas ‘imitações artificiais’ (HOWELL, 2008).

Todo esse conflito aparenta criar um verdadeiro embate entre a intenção dos skatistas de rua em encontrar e explorar os espaços da cidade e a resposta de uma parcela dos planejadores urbanos em obstruir o acesso a estes espaços de interação. Flusty (2000) cita que uma opção destes planejadores tem sido a substituição do uso do concreto por areia reciclada, já que a areia danifica as rodas e rolamentos do skate e os tem se tornado cada vez mais caros, devido em parte, a popularização e demanda mercantil do skate. Conflitos entre skatistas e outras personalidades civis e organizacionais foram encontradas também em outros estudos (DELFIN; MACHADO; IMBRIZI, 2015; JENSON; SWORDS; JEFFRIES, 2012; TEIXEIRA; SILVA, 2015).

Os achados na literatura da saúde sobre a temática do skate, juntamente com este bloco de estudos mais voltados para o planejamento urbano tradicionalista insistem, como um

rio que corre apenas em uma direção, em findar indicando que o skate apresenta riscos à saúde da população urbana e torna os espaços públicos mais perigosos e danificados. Como artistas e trazendo reflexões do campo da promoção da saúde, estamos interessados em propor aprofundamento no estudo desta temática, organizamos a seguir outros dois blocos com estudos antagônicos a estas duas partes já apresentadas. Já colocamos sob a mesa os estudos localizados dentro de uma esfera mais biomédica e que mostram os riscos do skate e os estudos de planejamento urbano que reprovam a prática nos espaços da cidade. Agora serão expostos artigos e ensaios que apontam o potencial saudável e inclusivo do skate para os praticantes e a defesa de sua utilização como ação política e engajada no fortalecimento da atenção ao espaço urbano.

5.1.3 Associação positiva do skate com o indivíduo

Em contraponto ao que apresentamos até aqui nesta revisão bibliográfica, encontramos também estudos que apontam diversos aspectos positivos sobre a prática do skate e como ela pode proporcionar aos skatistas, qualidades que remetem ao campo da saúde dos jovens e da cidade. São artigos e textos que expõem benefícios físicos, cognitivos, afetivos, identitários e políticos da população que pratica ou é beneficiada pelo skate.

Optamos por distribuir o texto em dois momentos, o primeiro apresentará artigos voltados para a saúde dos praticantes de skate, já o segundo irá expor os achados quanto aos benefícios do skate para a cidade como um todo, estando relacionado com a ideia de que esta prática pode ser fundamental para discutir questões políticas e inclusivas na vida urbana.

Associação positiva do skate para o indivíduo

Durante a busca de artigos para a construção desta revisão bibliográfica notamos que seria difícil equiparar ou equilibrar os lados da discussão. Falamos isso porque a quantidade de artigos que citam o skate vinculado à área da saúde está mais voltada para a visão biomédica apresentada no primeiro bloco, como os casos de injúrias, quedas, fraturas, riscos, entre outros. Enquanto os estudos de perspectiva positiva da prática do skate pertencem às ciências humanas, em áreas como a comunicação, arte, sociologia, antropologia, e estes não se concentram especificamente na questão saudável do skate, mas em grande maioria as suas dimensões culturais.

Deste modo, como poderíamos encontrar um corpo conceitual para confrontar o discurso respeitado das análises médicas de que o skate é perigoso? Este déficit de discurso positivo quanto a saúde na prática do skate poderia ser desmistificada se considerarmos o conciso conceito de Organização Mundial da Saúde, que define saúde como o completo bem-estar físico, mental e social, não consistindo apenas da ausência de doenças (OMS, 1946). Se considerarmos este conceito ampliado para o termo parece que o papel de equilibrar os lados da discussão torna-se menos árduo, encontrando caminho na defesa de que o skate não deve ser encarado unicamente como prática que apresenta riscos, mas também como atividade que remeta ao bem-estar individual, de protagonismo, de identificação coletiva, pois segundo o conceito de promoção da saúde, são estes também aspectos influentes na saúde do indivíduo. São esses aspectos que serão apresentados a seguir, e que estabelece ponte para se pensar no campo da saúde.

Para iniciarmos com uma proposta positiva do skate, citamos que na cidade de Sacramento, Califórnia, existe uma abordagem de terapia para crianças com deficiência apresentada por Kirk (2017). O programa, intitulado SkateMD, auxilia crianças diagnosticadas com autismo, paralisia cerebral, síndrome de Down e espinha bífida a desenvolverem habilidades como força, equilíbrio e coordenação através da prática do skate. Segundo Kirk (2017) o método tem demonstrado resultados positivos quanto a encorajar as crianças a enfrentarem suas dificuldades e também a nutrir relações sociais. Uma das primeiras dificuldades narradas para o emprego dessa terapia foi justamente a reputação negativa que o skate carregava entre os pais das crianças, neste ponto o projeto também se mostrou benéfico por proporcionar mudança na visão de pessoas que normalmente não se envolveriam com skate ou skatistas, e que agora estabelecem laços de amizade (KIRK, 2017).

Furr, Nessler e Newcomer (2018) analisaram os níveis de resposta cardiovascular de jovens praticantes de skate durante a prática. Objetivando testar se praticar skate provoca consistência e aptidão cardíaca indicadas para jovens, os autores convidaram skatistas para percorrer distâncias comuns controladas por eles com medidores de batimentos. Os resultados mostraram que quando praticando, os skatistas alcançam níveis de batimentos cardíacos congruentes com o indicado para jovens, sugerindo o skate como uma atividade que pode beneficiar a saúde cardiovascular.

Os benefícios para a saúde física do praticante de skate também são apresentados no estudo de Galliano et al. (2012). Avaliando potência aeróbica, potência muscular, massa corporal, habilidades motoras como agilidade e equilíbrio em um grupo de jovens skatistas,

foi concluído que a prática pode desenvolver diferentes habilidades físicas e motoras (GALLIANO et al., 2012). A força e o equilíbrio na prática são desenvolvidos à medida que o skatista aprende o movimento de pernas para impulsionar o skate, a se equilibrar na ação de embalo e ao executar manobras. De fato, Oliveira (2011) indica que os movimentos realizados no skate auxiliam no desenvolvimento de consciência corporal, tônus muscular e flexibilidade. Podemos constatar também, que a prática do skate tem o potencial de desenvolver perseverança e senso de desafio, isto porque o praticante constantemente enfrenta obstáculos para realizar e acertar as manobras, reconhecendo e ultrapassando seus limites.

O autoconhecimento físico e mental faz com que o skate também seja mencionado por autores da educação física. Armbrust e Lauro (2010) apresentam um projeto de inserção do skate como atividade escolar para a disciplina de educação física, os autores sugerem que o skate poderia contribuir, entre vários aspectos, com o desenvolvimento motor. A prática do skate possibilita um senso de progresso no aprendizado de habilidades e isso poderia ser usado para convergir as habilidades motoras necessárias com atividades estruturadas para corresponder aos estágios do desenvolvimento motor. A maneira como os autores indicam o uso do skate na educação está atrelada a um desenvolvimento progressivo de domínio corporal.

É possível identificar também que alguns autores realizam estudos para tentar romper com a visão negativa que o skate carrega e que dificulta sua utilização como ferramenta pedagógica.VELOZO e Daolio (2013) analisaram a prática do skate como atividade corporal inerente a cultura juvenil, assim como prática promotora de inserção dos jovens na cultura do movimento através das aulas de educação física. Entretanto, os autores mostraram que uma grande barreira para tal ação é a estereotipagem do skate como atividade perigosa e não saudável. Mesmo os resultados apontando relação entre prática de skate e benefícios para o desenvolvimento integral do jovem quanto a protagonismo, autoconhecimento, ativismo, ainda é uma prática não incentivada pedagogicamente devido ao rótulo dos riscos de acidentes e aproximação com hábitos ilícitos.

Santos (2012) apresenta os benefícios físicos, psíquicos e sociais em que a prática do skate atua. No aspecto físico, o skate trabalha a resistência aeróbica quando o skatista realiza a remada nas ruas ou em direção a algum obstáculo, e a anaeróbica quando realiza um esforço em curto espaço de tempo para executar uma manobra. O skatista trabalha também na flexibilidade dos tecidos e músculos porque todas as manobras necessitam de movimentos articulados. A força e resistência muscular são constantemente solicitadas do skatista, desde

para chutar e executar manobras com precisão, saltar, absorver impacto, ou proteger-se nas quedas a força muscular está em fluente desenvolvimento. O skate desenvolve, ainda, a lateralidade, que seria a capacidade de realizar e dominar movimentos com um lado do corpo, fundamentais para o desenvolvimento de consciência espacial, por exemplo.

Quanto aos aspectos psíquicos, o skate trabalha a concentração, a tomada rápida de decisões, a confiança, a criatividade e contrariando as estatísticas, a segurança. Isto porque para realizar as manobras e vencer o enfrentamento dos obstáculos o skatista têm um grande senso de seus limites e capacidades, e este reconhecimento permite explorar os espaços sem expor-se aos riscos desnecessários (SANTOS, 2012).

Os aspectos sociais desenvolvidos na prática do skate são a idade, que é indiferente para a prática, a amizade, a competição, ou a auto competição, que colaboram com o enfrentamento individual dos obstáculos e respeita também o desafio individual do outro, comemorando suas vitórias coletivamente (SANTOS, 2012)

Destacamos o estudo citado acima por relacionar-se com a visão holística de saúde no qual respaldamos nossas intenções nos estudos de promoção da saúde. É possível esboçar que a prática do skate tem vários benefícios para o indivíduo, não foi verificado apenas perigo e riscos, mas também visões positivas sobre skate. Inferimos que o skate é descrito inclusive como modo de combater preconceitos, muito por conta da postura questionadora e desafiadora do skatista.

Alguns estudos de gênero reportam que as mulheres skatistas têm alcançado representatividade na cultura do skate. O estudo de Figueira e Goellner (2013) explicita que o skate tem sido utilizado por mulheres para questionar a dominância masculina na cultura do esporte. Isto significa que a identificação feminina com o skate está ligada a uma insurreição política contra a exclusão e desequilíbrio nas oportunidades para homens e mulheres, e empoderar o público feminino na luta contra as relações desiguais de poder. Do mesmo modo Machado (2013) expõe que as mulheres skatistas ao realizar movimentos, performances, compartilhar experiências e socializar em um ambiente marcado pela dominância masculina estão criando posicionamentos políticos e libertários, além de mostrar as diversas formas de ser skatista e produzir identidade.

Produzir identidade mostra-se uma forte capacidade positiva do skate, alguns estudos trazem os skatistas como protagonistas quando envolvidos frequentemente na prática. Segundo Brandão (2011), o modo de vida, ou o *life Style*, como é dito no skate, nos mostra que o indivíduo que se identifica com o skate e passa a envolver-se com o movimento, carrega

consigo os aparatos culturais e faz uso deles em suas ações cotidianas. O autor expõe que o vestuário, o vocabulário, as músicas presentes no universo do skate relacionam-se com a liberdade, com a rebeldia, com a radicalidade e formam uma configuração de corpo jovem com características ímpares para os adeptos do movimento. Machado (2011) verifica que estes corpos jovens constroem redes sociais por terem identificações em comum, por compartilharem vivências, sentimentos, e através da prática do skate produzem e comunicam uma estética juvenil. Neste caso, falamos da cultura do skate, que é latente nas cidades justamente pelo número de sujeitos que se identificam e a vivem nas ruas.

O fato de o skate ser praticado nas ruas faz com que a construção da identidade skatista seja voltada também para a interação com o espaço público. Haja visto que estamos falando de uma identidade urbana, consideramos necessário fazer menção a corrente de autores que explicam esta relação skatista-cidade e seus benefícios para a convivência urbana e engajamento comunitário.

5.1.4 Associação positiva do skate com o espaço (urbano)

Já evidenciamos as ‘rixas’ entre skatistas e planejadores urbanos ou autoridades civis que demonizam a prática do skate na cidade. Percebemos que a tensão se dá principalmente por perigo de acidentes e pelo uso diferente que o skatista faz do espaço público e privado, que muitas vezes causa danos e prejuízos aos proprietários. Vimos que existem benefícios físicos, cognitivos e sociais da prática, mas ainda não questionamos a visão negativa sobre este contato com os espaços públicos. Portanto, exporemos agora os estudos encontrados sobre os potenciais benefícios que a prática do skate pode trazer para a esfera pública e comunidade.

De acordo com Howell (2001), o skate tem sido referido por arquitetos e urbanistas como uma ‘patologia urbana’, isto porque o contato do skate com as construções e estruturas causa danos que ‘fere’ a saúde do espaço. Vale lembrar dos estudos de Borden (2001) que mencionou os já tomados impulsos do design para impedir que os skatistas acessem os bancos e escadas utilizando de aparatos defensivos. Mas Howell (2001) aborda de forma diferente esta arquitetura defensiva, pois para ele estes espaços construídos defensivamente tem objetivo excludente, ou seja, são voltados para uma parcela seletiva da população, trabalhadores e consumidores. Nesta perspectiva, têm se preocupado em construir espaços mais seguros e amigáveis para atrair a população, porém os espaços já vêm acompanhados de usos permitidos e proibidos, de modo que os indesejáveis são barrados.

Howell (2001) propõe o uso do skate no espaço físico urbano como uma forma de se posicionar politicamente contra o espaço excludente. Isto porque a medida que os skatistas se apropriam do espaço estão sujeitos a acionar as defesas e a vigilância que seguram o espaço e protegem sua integridade. Entretanto muitos espaços da prática do skate são o que conhecemos como ‘espaços de convivência’, como evidencia Machado (2011), os encontros e as dinâmicas sociais do skate ocorrem no centro, nos parques, praças e são nestes espaços que as redes comunitárias acontecem.

Adamkiewicz (1998) descreveu a prática de skate na cidade de Lyon, França na Praça Louis Pradel, que se configura como um ambiente de serenidade, onde os skatistas, de média 16 a 20 anos se aglomeram para praticar, pessoas sentam em volta para assistir e a relação com a polícia municipal é relativamente boa. Os representantes policiais reconheceram que a prática não apresenta perigo e os skatistas tentam organizar seu trajeto para não se chocar com os pedestres. Em Lyon a prática do skate permite também que os skatistas circulem pela cidade em busca de outros lugares de prática e alguns skatistas apresentam interesse em estudar cinema para realizar filmes de skate.

A Tony Hawk Foundation (THF), instituição que leva o nome de um dos mais populares skatistas da história, realizou uma entrevista com 102 policiais, de 32 estados dos Estados Unidos, sobre as consequências da construção de espaços públicos para a prática de skate sob a perspectiva de melhorias comunitárias. A maioria dos policiais relatou que verificam os espaços de prática de skate como um atrativo positivo para a comunidade, houveram relatos de diminuição do crime juvenil, e também os espaços tornaram-se mais abertos, visíveis e acessíveis (THF, 2009).

O skatista faz uso constante dos espaços públicos e sua permanência de certo modo preenche com ‘vida’ estes espaços. Isto porque o que os skatistas fazem ao sair com seus skates pela cidade é procurar novos espaços que possibilitem realizar manobras (BRANDÃO, 2012; MACHADO, 2011). Poderíamos dizer que o skatista possui uma pulsão criativa pela rua, o que Machado (2011) chama de *olhar skatista*, isto é, o indivíduo ao transitar pela cidade, investiga atentamente as condições dos espaços em busca de novos obstáculos, novas rotas e lugares de prática.

Esta ação criativa denota que o skatista se mantém constantemente de olho nas ruas, não como os pedestres ou motoristas normalmente o fazem, fixados em um ponto de partida e outro de chegada, mas sim como aproveitadores de momentos, dispostos a criar instantes de sociabilidade.

Böes (2014) descreve que a regulamentação do uso do espaço público tende a criminalizar movimentos reconhecidos como contraculturas, e os órgãos de poder podem agir para ilegalizar algumas práticas. O autor verifica que estas práticas ilegalizadas precisam agir por resistência para sobreviver dentro desta lógica de exclusão. Neste sentido a prática do skate por ser constantemente rotulada de perigosa, não saudável, afrontosa têm sua legitimação dificultada para se estabelecer como prática importante nas comunidades urbanas (BÖES, 2014; BRANDÃO, 2008)

Um dos termos que circundam a cidade grande é a ‘selva de pedra’, usado para simbolizar as construções monumentais, os prédios, as ruas lotadas de carros e suas buzinas, a paisagem sobreposta, os movimentos frenéticos e sem fim, características que remontam realmente a uma atmosfera selvagem. Segundo Böes (2013) o skate é uma forma de usufruir da cidade deslizando em direção contrária a este caos urbano, isto porque andar de skate é uma forma diferente de prestar atenção, e então, enxerga possibilidades diferentes de desfrute urbano.

Podemos refletir que o deslizar do skatista na contramão da multidão transeunte possa ser reconhecido como um abalo na lógica veloz e implacável do tempo contemporâneo. Ora, se a selva de pedra carrega este título é muito por conta de seu ciclo natural de carros incontáveis, vias rápidas, passos de pressa, cabeças abaixadas, e não seria muito difícil imaginar que um skatista deslizando lentamente sobre as vias ou estacionado sob uma calçada de fluxo contínuo venha a causar desconforto. A questão nos conduz a problematizar se estes conflitos não teriam relação com o choque de alteridade que a presença do skatista causa no espaço, isso por se configurar como uma prática diferente da mobilidade tida como padrão e de uso comercial e tradicional do espaço físico. Estamos nos referindo ao seguinte pensamento: A cidade já tem seu tempo e seu uso pré-definidos? A quem interessa essa apropriação acrítica do espaço urbano? E por fim, andar de skate é de fato um erro ou é apenas uma outra forma de se apropriar do espaço?

É neste sentido que Jacques (2014) ao se referir aos *errantes*, aqueles que provocam dissensos urbanos, nos fala que são dotados de uma capacidade em denunciar as fragilidades e exclusões da cidade. Uma vez que estes sujeitos aproveitam os espaços de forma despreocupada, criticando o exagero do tempo rápido demais. Os errantes se comunicam através de outras formas de narrativas, performances e experiências do corpo, da mobilidade e da vida coletiva. Interpretamos aqui que a prática do skate se aproxima do conceito de errante dado pela autora, uma vez que ela trata o termo como moradores de rua e outros indivíduos

que se deslocam pela cidade sem objetivos aparentes. Trata-se de reconhecer o deslizar de corpos dos skatistas como uma narrativa, um interesse em reconhecer e recriar a cidade.

Voltamos ao que Howell (2001) afirma sobre o skate ser reconhecido como uma patologia urbana, mas de modo diferente, desta vez questionamos junto com o autor se os conflitos entre skatistas e planejadores urbanos não seriam um sintoma desta patologia urbana. Discutimos isso porque parece-nos que o interesse em afastar a prática do skate das ruas remove junto o potencial criativo e transformador dos espaços, de modo que os torna banais. A cidade para os carros, a cidade para o consumo, a cidade para a passagem, remonta a um ambiente tedioso de impermanência, de medo dos riscos e perigos, defensivo demais para ser receptivo. Não estariam as cidades projetadas como espaços muito fechados e não abertos a exploração?

Trazemos para esta revisão Jane Jacobs, estudiosa americana das questões urbanas, em seu livro *morte e vida de grandes cidades* (1961), um dos mais clássicos e importantes estudos críticos do funcionalismo do urbanismo. A autora pontua, entre vários aspectos, a importância do uso das ruas e calçadas para segurança da cidade, isto é, a cidade que consegue ser atrativa em levar as pessoas a frequentar os espaços públicos por livre interesse de desfrute tende a ser mais segura. Uma vez que na cidade existem muito mais desconhecidos do que conhecidos, o que afasta as pessoas das ruas é justamente esta insegurança em estar diante de tanta incerteza a sujeição de riscos (JACOBS, 2011). Por temor às pessoas frequentam menos as ruas, e o vazio nos espaços urbanos é mais suscetível a disparar situações de crime e violência.

Cabe lembrar que a crítica levantada por Jacobs recaia nas cidades que eram estruturadas em função da mobilidade urbana por meio de veículos automotores. Para atender a essa vazão e a esse novo contexto tecnológico, elevados e ruas largas eram abertas sem considerar, naquele momento, as consequências para a vida cotidiana do bairro e do nível da rua. Neste sentido, a cidade passava a ser construída na lógica do carro, criava-se pontes, zonas escuras, que condicionavam o aumento da violência. Assim, a cidade foi sendo cortada e desenhada para carros.

Um exemplo dessa perspectiva é dada por Kinder (2014) que relata como os moradores de um bairro no sudeste de Detroit tentaram resolver uma situação de violência. O bairro em questão continha diversas casas vazias que eram frequentemente utilizadas por usuários de drogas e traficantes. As casas eram utilizadas para expansão de ‘bocas de fumo’ ou como novo refúgio pós batida policial. Tal situação aterrorizava a população que não tinha coragem de deixar seus filhos saírem e, portanto, evitavam as ruas. Os moradores tentaram

contatar as autoridades, mas não obtiveram resultado conciso. A solução apareceu de um engajamento comunitário no qual os moradores começaram a ‘preencher’ as casas vazias com objetos que sugerissem que ainda existiam moradores vivendo ali. Através de algumas estratégias como cortar a grama, colocar cortinas, pintar fachadas, colocar vasos de flores nas sacadas fazendo com que a ausência de moradores na casa fosse maquiada. Este exemplo sugere que a observação mútua do espaço e a sensação de ‘vida’ pode funcionar como um aspecto de vigilância e segurança, do mesmo modo que o engajamento coletivo desta comunidade proporcionou maior controle sobre as mazelas da violência.

Jacobs (2011) defende que a segurança nas ruas tende a ser mais eficaz quando é feita de modo mais informal, ou seja, quando apresenta menos traços de hostilidade. Neste sentido, fazer uso espontaneamente do espaço público, mesmo que inconscientemente, acaba por policiar o espaço. Jane Jacobs chega a citar a importância do skate para uma cidade ativa e saudável, segundo ela o skate tem um potencial de incentivar a comunidade, a liberdade e o movimento nos grupos. A autora defende que o laço de vizinhança é fundamental para que uma comunidade se construa saudável, e no caso do skate, as tentativas de retirá-lo das ruas ou desaprova-lo agem opostamente ao incentivo de uma cidade saudável, porque os grupos ativos precisam se sentir parte da sociedade para colaborar com a força das cidades saudáveis (JACOBS, 2009).

As visões contrastantes e as diferentes abordagens teóricas dada para o tema do skate no campo da saúde e espaço urbano justificam a necessidade de se pensar no fenômeno como múltiplo e complexo, atravessado de pressupostos sociais, de saúde, urbano e político. Para colaborar com uma visão da revisão de literatura apresentamos, para sintetizar, um quadro que localiza os autores por “correntes de pensamento” (Quadro 1).

Quadro 1 - Síntese de publicações sobre skate e saúde

	VISÃO + NEGATIVA	VISÃO + POSITIVA
INDIVÍDUO	AMERICAN ACADEMY OF PEDRIATRICS (2000) AUDRAIN-MCGOVERN; RODRIGUEZ (2015) BRADLEY (2010) BRADLEY; STINSON (2008) COOPER; MCGEE; ANDERSON (2003) FORSMAN; ERIKSSON (2001) FREITAS et al. (2016) KADDIS; STOCKTON; KIMBLE (2016) KEAYS; DUMAS (2014) LINDSAY; BRUSSONI (2014) MCKENZIE et al. (2016) OSBERG et al. (1998) PAGE et al. (2012) PERETTI-WATEL; BECK; LEGLEYE (2002) RETHNAM; YESUPALAN; SINHA (2008) RUTH WHELAN; WHELAN (2007) TOMINAGA et al. (2013) ZHOU; CHEN; DONG (2013) FURR et al. (2017) SHUMAN; MEYERS (2015)	ARMBRUST; LAURO (2010) DELFIN; MACHADO; IMBRIZI (2015) BRANDÃO (2008) FIGUEIRA; GOELLNER (2013) GALLIANO et al. (2012) KIRK (2017) MACHADO (2013) OLIVEIRA (2011) SANTOS (2012) VELOZO; DAOLIO (2013) FURR, NESSLER E NEWCOMER (2018)
CIDADE	CHIU (2009) JENSON; SWORDS; JEFFRIES (2012) WOOLLEY; HAZELWOOD; SIMKINS (2011) SILVA (2013) MADRID (2005) DISTRICT OF COLUMBIA (1995) BOISE MUNICIPAL CODE (1996)	ADAMKIEWICZ (1998) FANG (2018) FLUSTY (2000) BÖES (2013) BÖES (2014) BORDEN (2001) BRANDÃO (2011) BRANDÃO (2012) HOWELL (2001) HOWELL (2008) JACOBS (2009) JACQUES (2014) KINDER (2014) MACHADO (2011) THF (2009)

5.2 ESTUDO DE AÇÃO PARTICIPATIVA

Como um método de criação de conteúdo baseado na comunidade, os resultados obtidos pelo *Photovoice* se constituíram através da voz dos nossos convidados para falar. As fotos e narrativas que veremos ao longo dessa exposição de resultados pertencem e são defendidas por seus realizadores, os skatistas. A organização desta seção segue a abordagem da análise temática. Aos autores, primeiramente, coube nos referir aos skatistas por seus nomes, como nos foi permitido pelos mesmos.

Foi elaborado um mapa de categorização para compartilhar os principais eixos temáticos e os temas presentes nas fotos e falas dos skatistas (Figura 2).

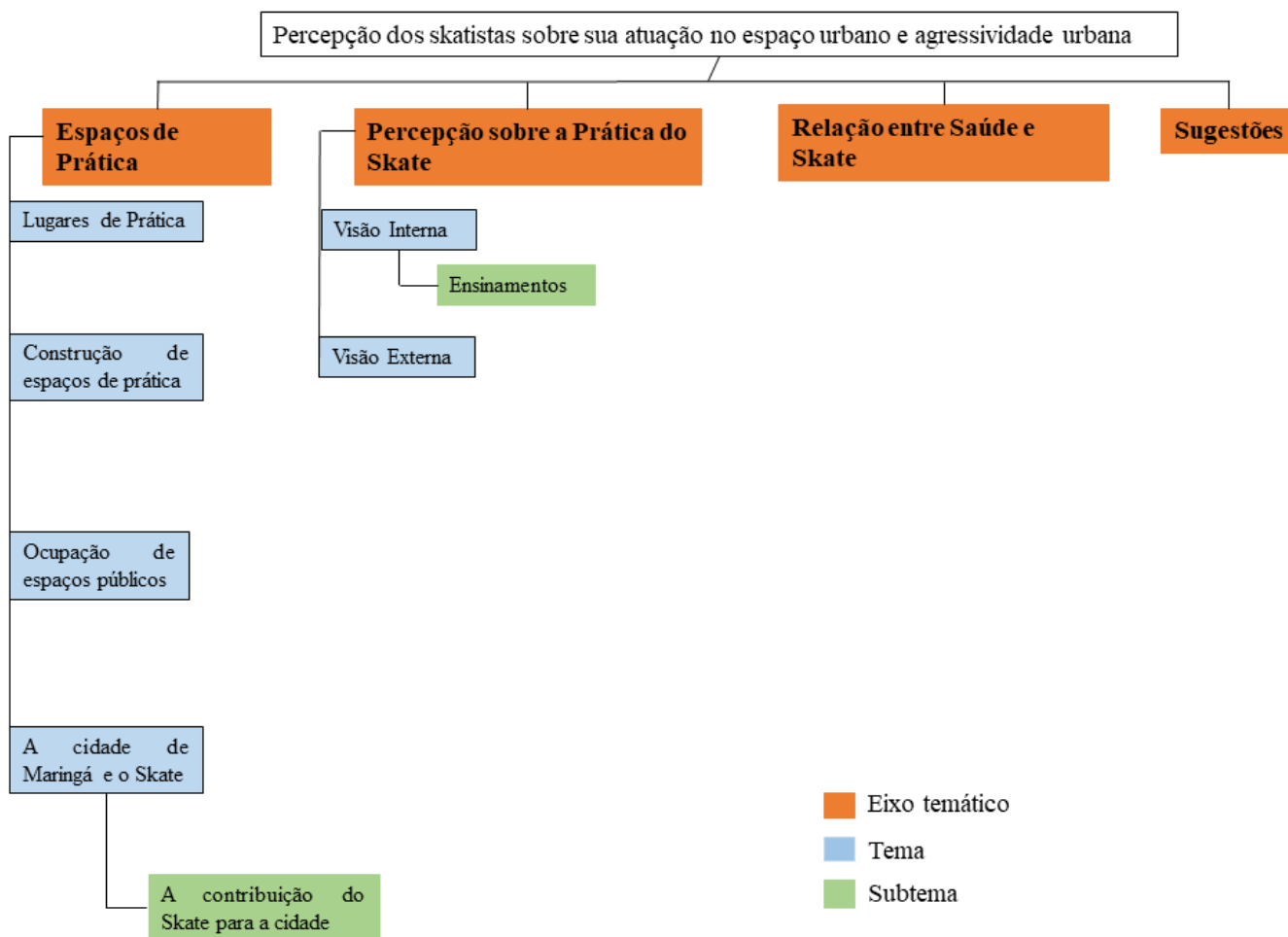


Figura 2- Mapa de categorização dos resultados em eixos temáticos e temas.

Esse mapa de categorização representa a forma como agrupamos todas as manifestações dos temas, de acordo com os resultados obtidos nesta pesquisa, optamos por assim descrevê-los. Partindo do enfoque percepção dos skatistas sobre sua atuação no espaço

urbano e agressividade urbana, verificamos quatro eixos temáticos motrizes presentes nas fotos e falas dos skatistas, são eles: (1) *Espaços de prática*; (2) *Percepção sobre a prática do skate*; (3) *Relação entre saúde e a prática do skate* e (4) *Sugestões*.

5.2.1 ESPAÇOS DE PRÁTICA

O eixo temático Espaços de prática se desdobra em quatro temas: lugares de prática, construção de espaços para a prática, ocupação de espaços públicos, e a cidade de Maringá e o skate, sendo que esse último possui um subtema, a contribuição do skate para a cidade.

5.2.1.1 Lugares de prática

No tema Lugares de prática esses skatistas contam como se referem e quais são os pontos urbanos que fazem uso para praticar skate. Algumas fotos e narrativas sobre lugares de prática estão apresentadas no quadro 2.

Quadro 2 - Fotografias e narrativas dos skatistas sobre o tema lugares de prática.



Foto 1, Paulo. *Gap ATI.*



Foto 2, Paulo. *Chão ATI.*

Paulo, sobre as fotos:

[...] costumo ir muito no *Banks*, lá onde tem tudo para praticar, corrimão, rampa, todo tipo de obstáculo. E além desses dois picos que eu falei, eu gosto de ir na ATI (academia da terceira idade) por ser um lugar muito perto, fácil para eu chegar, no meu

bairro.

É uma ATI localizada no parque Itaipu, se tornou um pico de encontro dos atletas locais por falta de uma pista de skate ou quadra ou um centro poliesportivo na região. O pico é, basicamente, um espaço com chão liso em um corredor estreito dividindo espaço com equipamentos para exercícios, um pequeno gap com um corredor muito estreito, e um banco de ferro muito difícil de manobrar. E ATI é um lugar que a gente sempre vai estar compartilhando o espaço com outras pessoas que vão lá praticar outros tipos de exercícios.

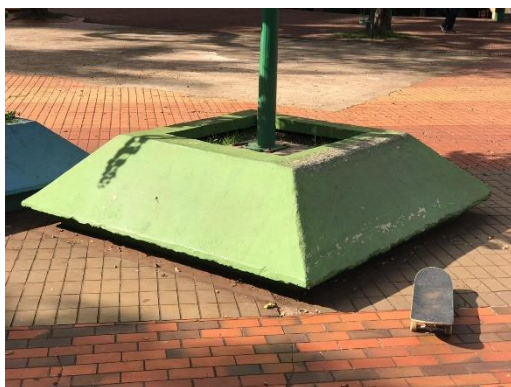


Foto 3, Rafael. Pirâmide da praça da prefeitura.

Rafael, sobre a foto:

Então, os lugares que eu mais ando em Maringá... ando bastante no *Banks*, aqui na praça da prefeitura que é um lugar que eu ando desde 94, 95 mais ou menos e agora eu estou aproveitando que a Catedral está vazia para andar ali, né.

Apesar de não ser um espaço construído com objetivo de servir a prática de skate, Paulo descreve a ATI como lugar que gosta de ir. Rafael relatou utilizar a praça a bastante tempo para andar de skate, menciona também que observa o espaço público a procura de oportunidades para praticar em outros lugares.

A Figura 3, apresenta a nuvem de palavras construída a partir das percepções desses skatistas sobre os lugares de prática do skate.

A palavra Praça aparece centralizada na nuvem de palavras, sendo constante na fala de todos os participantes deste estudo como principal ponto para praticar skate. Quando esses skatistas se referem a praça estão dizendo sobre a Praça Pedro Álvares Cabral, conhecida por eles como *Banks*, onde hoje se localiza uma pista de skate, mas também remete a Praça da Prefeitura e Praça da Glória, presentes na nuvem. A vila, ou Vila Olímpica e a Catedral de Maringá são citadas como locais públicos que esses skatistas buscam para andar. A rua é referenciada por eles como uma preferência, é o espaço que exploram procurando obstáculos que possibilitem executar manobras, que chamam de espaço “skatavel”. Alguns elementos na

Quadro 3 - Fotografias e narrativas dos skatistas sobre o tema Construção de espaços para a prática.



Foto 7, Ezequiel. *Levantando a tampa de bueiro para utilizar o corrimão.*

Ezequiel, sobre a foto:

[...] expressão de rua, mano, coisa que só um skatista ou dependendo também do skatista que vai utilizar isso aí né, tipo assim, é uma tampa de bueiro, tá ligado? É uma tampa de bueiro mano! Tipo, que cidadão vai olhar para uma tampa de bueiro, o que que ele vai querer fazer com uma tampa de bueiro? Fazer nada, está ali, mas tipo, skatista já vê como uma rampa né?



Foto 4, Eduardo. *Construção obstáculo Banks.*



Foto 5, Eduardo. *Cobrindo com lona.*



Foto 6, Eduardo. *Novo obstáculo do Banks.*

Eduardo, sobre as fotos:

Isso enche meu coração de alegria, ver que tem pessoas que se importam com os espaços públicos, porque a maioria você vê tudo abandonado, até praticantes de outros esportes não se juntam, não tem uma motivação, [...] tendem a cobrar o governo e colocar toda a culpa no governo, nesse ponto o skate é um esporte muito diferente, nós fazemos.

[...] quanto mais gente se importar, mais rápido as coisas fluem e o fardo pesa menos, tá ligado? Para alguns que estão no corre, estão metendo a cara e fazendo acontecer.

[...] é muito gratificante depois de concluído ver a galera manobrando, evoluindo e todo mundo fazendo parte, porque cada um fazendo um pouco o bagulho acontece de uma forma legal e desperta o interesse de outras pessoas em estar ajudando, e agora isso acontece direto.

A foto feita por Ezequiel exemplifica uma adaptação de um objeto já existente na paisagem urbana, já as fotografias de Eduardo registram o processo de construção de um obstáculo realizado no Banks. O tema foi mencionado em outras entrevistas, entretanto somente as fotografias acima o representam. A nuvem de palavras baseada na Construção de espaços é apresentada na Figura 4.

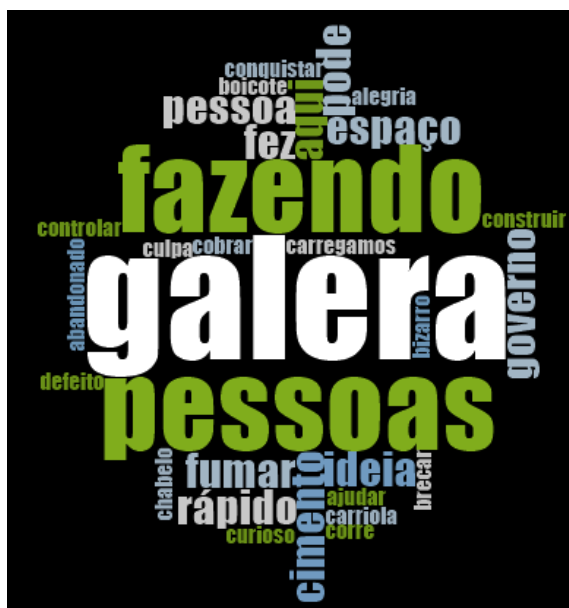


Figura 4 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o tema ‘construção de espaços para a prática’.

A palavra central é Galera, que expressa coletividade e foi destacada como característica importante para se obter êxito nas ações de construção. Os skatistas se unem para fazer, nos espaços, a construção de obstáculos e a manutenção desses lugares para a prática. Os espaços que recebem tal atenção dos skatistas, normalmente, são aqueles que estão abandonados ou que de alguma forma podem se tornar utilizáveis através de pequenas intervenções.

Esses skatistas procuram fazer a vigilância do espaço para impedir que uma visão negativa se construa referente a sua utilização para a prática. Na nuvem de palavras vemos o termo fumar, o skatista Rafael comenta sobre o Chabelo, uma antiga pista de skate que existia na Universidade Estadual de Maringá (UEM), e descreve algumas tentativas para manter o local bem quisto.

[...] Ali aconteciam algumas coisas, direto chegava gente para fumar e tal, caras nada a ver com skate, mas a gente chegava e trocava ideia porque, pelo espaço ser pequeno, a gente conseguia controlar...na vila olímpica não tem nem como trocar ideia com aqueles caras, mas lá na UEM chegava uns caras [...] para fumar e a gente falava ‘foi maior luta conquistar isso aqui, você pode respeitar?’ Daí a galera entendia (fala da entrevista).

Os atritos que podem ser gerados na intenção de tornar um espaço público utilizável para o skate e manter a credibilidade da prática aparece no tema a seguir.

5.2.1.3 Ocupação de espaços públicos

O tema se refere tanto a atenção para locais que os skatistas se apropriaram e permanecem se reunindo para praticar, como também espaços onde eles visualizam oportunidades momentâneas de executar manobras. Os locais escolhidos por eles têm características já descritas (rampas, corrimãos, chão liso, bordas, bancos) como demonstrado no quadro 4.

Quadro 4 - Fotografias e narrativas dos skatistas sobre o tema Ocupação de espaços públicos.



Foto 8, Fernando. Borda de mármore da praça abandonada.



Foto 9, Fernando. Escadaria da praça abandonada.



Foto 10, Fernando. Condições do chão da praça abandonada.

Fernando, sobre as fotos:

[...] são obstáculos que podem ser usados para andar de skate, como essa borda de mármore que está na minha foto, e também tem a escada, mas infelizmente, não só pelo fato do chão não ser muito adequado par o skate, mas também o fato da praça ter sido esquecida [...] acaba não sendo utilizada por ninguém

[...] acho que a praça podia sofrer algum tipo de reforma que abordasse o uso para todas as pessoas da sociedade incluindo o skatista [...] uma pequena atenção a ela poderia resolver o problema, então o que eu vejo é principalmente um abandono da praça. O que eu poderia dizer é que isso pode representar para gente uma falta de atenção aos detalhes da cidade.



Foto 11, Rafael. *Pessoa repousando na praça.*



Foto 12, Rafael. *Praça.*



Foto 13, Rafael. *Ciclovias*

Rafael, sobre as fotos:

Então, essa praça abandonada, assim como outras que tem aqui em Maringá, você olha aqui e o que tem? Tem um cara dormindo ali, mas poderia ser ocupada, ter um monte de atividades, para o skate, por exemplo, se tivesse só um chão liso a gente já ia dominar (risos) aqui, se divertir bastante. É mais essa questão de... acho que com pequenas iniciativas poderia melhorar muito mais esse espaço que agora está abandonado e a disposição de coisas ruins.

A ciclovia é mais uma questão para mobilidade também, porque eu, por exemplo, moro lá perto do Borba Gato e direto vou de skate, vou pelo asfalto [...] existe uma questão de que é feito para andar de *bike* e tudo, mas mano, um negócio que eu sempre me pergunto: Por que que em Maringá a ciclovia é tão áspera assim? Tão irregular? Eu já perguntei até para o pessoal do departamento de arquitetura aqui da prefeitura. Eles disseram que fazem esses frisos para em caso de chuva não derrapar [...] se for lisa igual é na maioria dos lugares que eu já fui por aí, dá para andar de skate, dá para usar o skate também como uma forma de locomoção, colaborar com o meio ambiente, com o trânsito e tudo mais, tá ligado?

[...] ao invés de colocar *Skate stop* eu acho que, na verdade, as pessoas têm que começar a pensar em construir algo resistente, tá ligado? Por mais que, sei lá, o custo aumente um pouco, mas exatamente para cidade ser utilizada, porque não adianta fazer algo lá que não seja acessível até para as próprias pessoas que tenham dificuldade de mobilidade ou locomoção.



Foto 14, Matheus. *Calçadinha lisa.*



Foto 15, Matheus. *Tamanho da calçadinha.*

Matheus, Sobre as fotos:

[...] é um lugar bem simples mesmo, é só uma calçada, mas é uma calçada bem grande, é um lugar bem aberto e com muito pouco movimento que eu enxergo a possibilidade de andar de skate, diariamente, sem ninguém se incomodar [...] a gente sempre procurava inovar o lugar com obstáculos que apareciam [...] madeiras, pedras, TV's velhas que jogavam lá e a gente usava para treinar manobra, porque essa calçada é na frente de um terreno baldio então as pessoas jogavam entulho, jogavam lixo mesmo.

[...] a gente construiu um corrimãozinho, tentamos né, construir um corrimãozinho, ele ficou lá por vários anos até realmente começarem a fazer alguma reforma no terreno e então decidiram retirar [...] a gente fez totalmente por conta própria, sem pedir permissão para ninguém, o lugar que fizemos já era próximo do meio-fio para não atrapalhar a passagem de nenhum pedestre, nenhuma pessoa. Fizemos também pensando que é um lugar abandonado, que não iria causar nenhum problema.

[...] a gente precisava de um lugar próximo de casa para andar, né? Por mais que tinha o centro esportivo não era sempre que dava para andar, o centro da juventude também, começaram a proibir skate lá, então a calçadinha lisa (como chama o lugar) era o lugar mais legalizado que tinha para gente andar. A parte positiva eu acho que foi pelo laço de amizade que foi construído ali, a gente montar os obstáculos, se encontrar lá quase que diariamente, poder andar tranquilamente, acho que foi por isso.



Foto 16, Jonas. *Catedral com água*



Foto 17, Jonas. *Catedral sem água.*

Jonas, sobre a foto:

[...] O que eu vejo aí? Eu vejo uma pista de skate [risos].

É um lugar bonito quando tem água, cara, é maravilhoso, muito bonito e tal, porém, ao meu ver, parece que essa é a única função: causar beleza. Não que isso seja pouco, mas quando você tira a água, igual eu te disse, vira uma pista de skate, tipo, a gente deu uma outra vida, entende? O simples detalhe de estar com ou sem água na fonte faz esse lugar mudar totalmente para nós.

[...] o skate é uma ferramenta para reinterpretar a rua [...] faz isso em muitos e muitos lugares, você pode pegar por exemplo um hidrante, um hidrante, quantas pessoas vão dar importância para um hidrante? [...] se você sair perguntando para um skatista onde tem hidrante na cidade ele vai saber, porque é um obstáculo para a gente, damos importância para isso.

Skate saiu da rua mano, não tem como... a pista ela é uma simulação da rua entendeu? A rua é fundamental para o skatista desenvolver, não só em questão do nível de manobra, mas a visão do skate, é muito importante você estar na rua.



João, Foto 18. *Duas rampas*



Foto 19, João. *Escada com corrimão.*

João, sobre as fotos:

Hoje em dia eu olho para um banco de praça e não vejo só a utilidade dele para sentar, eu olho para uma escadaria e não vejo só uma via de acesso para subir e descer degraus, eu não vejo em um corrimão somente um objeto de segurança para acessar uma escada ou rampa, eu vejo em tudo isso uma possibilidade de manobrar com skate. Então penso que isso transforma a arquitetura da cidade em novas possibilidades, para que os monumentos e espaços sejam mais bem utilizados ou não só utilizados para um único objetivo [...] o skate é documentado em vídeos, mas mesmo que não esteja filmando, é legal quando você chega em um lugar e se identifica com o lugar, pela arquitetura.

Existe essa dificuldade de as pessoas só enxergarem com uma funcionalidade aquele espaço, assim, dentro da compreensão de outras pessoas o skate é visto como vandalismo, como depredação, mas, por exemplo, um grande arquiteto, Oscar Niemeyer que acreditou que os espaços construídos devem ser funcionais, eles devem ser utilizados por todas as pessoas, de todas as compreensões, então na maioria de seus projetos ele utilizou isso [...] para que uma praça seja realmente utilizada, não somente para que uma pessoa vá até lá e se sente em um banco a espera de alguém, mas sim para ser utilizada como espaço público mesmo.

Eu acho que os *Skate Stops* não atrapalham só os skatistas, atrapalham também o uso comum dos espaços e dos objetos urbanos, né? Se você trava um banco com um pino, tudo bem, um skatista não vai andar ali, mas qual o conforto para um cidadão que se senta em um banco com pinos? Nenhum, eu acho que eles até fazem isso para as pessoas não usarem mesmo, para as pessoas não se sentarem, geralmente, considerando que moradores de rua se apropriam desses espaços, então eles preferem retirar até a funcionalidade básica desses objetos, né?

Além das narrativas sobre as fotos, alguns skatistas continuaram a opinar sobre a ocupação de espaços públicos a medida que o tema esteve presente na entrevista de todos. Estas falas estão nos quadros *Extrapolações das fotografias* (Quadro 5).

Quadro 5 - Extrapolações das fotografias sobre o tema Ocupação de espaços públicos.

Eduardo

[...] hoje o *Banks* se tornou um espaço que famílias, mesmo as desse bairro ao redor, vem para ter um momento de lazer [...] hoje a gente vê o espaço lotado quase todo dia, principalmente final de semana, final de tarde, noite, muitas pessoas no pós-trabalho acabam vindo com a família, trazer o filho para andar, ler um livro, vem no parquinho que a criançada gosta de brincar [...] muitas vezes encontramos a galera de outras gerações que andaram de skate com a gente [...] eu acho que, com isso, até as pessoas mais rígidas mudam a visão, né mano? Vendo as pessoas praticarem um esporte, vendo que aquela marginalização e vinculação com o uso de drogas não se aplica na realidade desse espaço.

[...] tentamos tornar os espaços ‘skataveis’ e ao mesmo tempo que o pessoal possa utilizar para se reunir e ter bons momentos.

[...] esperamos que ao menos, em todos os bairros de Maringá tenha, pelo menos, uma praça com um banco, um palquinho ou coisa do tipo para a galera utilizar.

Gabriel

E como a maioria das pessoas que começam a andar, começa como? Na rua de casa, talvez, na rua [...] então a gente acabou optando por andar mais na rua. E também por ser uma forma mais essencial do skate.

[...] essa tentativa de nos impedir de praticar alguma coisa pode impedir também o aproveitamento positivo da pessoa nos espaços. Por exemplo, eles fazem uma praça de chão ecológico, aquele *paver*, com isso eles estão nos impedindo de andar de skate? Estão..., mas ao mesmo tempo eles impedem o cadeirante de passar com conforto por ali, a bicicleta e isso, além de limitar a presença nesses espaços, pode causar alguns acidentes também.

Nós tentamos trazer uma luz para esses espaços, mostrar o potencial de nossa presença na rua, temos disposição para fazer isso naturalmente, então porque não permitir?

Susy

[...] eu acho muito interessante a ocupação do espaço público. Na verdade, eu amo o espaço público, tá ligado? A gente, muitas vezes, parece que tem mente de loco, porque a gente vê as coisas e as pessoas não estão vendo.

[...] eles estão, tipo assim, automatizando a cidade para desumanizar o máximo possível, parece que é para retirar os seres humanos... né? Porque é natural do ser humano querer praticar um esporte, uma arte, então tipo assim, que absurdo né? A gente quer desumanizar a cidade que é a própria expressão da humanidade.

A nuvem de palavras sobre narrativas de ocupação de espaços públicos está apresentada na Figura 5.



Figura 5 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o tema ‘ocupação de espaços públicos’.

O termo *andar* surge no centro como principal motivação dos skatistas para ocupar espaços. A presença na rua e o constante movimento os levam aos lugares que visualizam possibilidades para realizar manobras e manter a atividade do local como ponto de encontro. Os skatistas referenciam a praça como um espaço que, com a mobilização deles para trabalhar

na manutenção e nas reformas, ampliaram as relações de encontro, sendo que, hoje enxergam no *Banks* pessoas que antes não se aproximavam daquele espaço.

5.2.1.4 A cidade de Maringá e o skate

Aqui se encontra a forma como esses skatistas definem a característica da cultura do skate na cidade de Maringá. Nenhuma foto foi feita especificamente para esse tema, entretanto, alguns skatistas revelaram tais percepções nas entrevistas. Apresentamos através de um quadro com narrativas e por nuvem de palavras (Quadro 6 e Figura 6).

Quadro 6 - Narrativas sobre o tema A cidade de Maringá e o skate.

Eduardo

Cara, desde sempre, desde quando eu comecei a andar mesmo, eu sempre gostei de fazer palcos, rampas, sabe? Não ficar esperando cair do céu, nem ficar cobrando o governo [...] na visão do pessoal de fora que vem para cá e vê nosso corre, eu fico bem feliz, porque o pessoal muitas vezes também inspira outras pessoas em outros locais para estar fazendo [...] o pessoal vem de fora e vê que existe um bagulho que a gente fez, que os próprios skatistas se uniram.

Rafael

Já faz, sei lá, décadas aí que a galera não se acomoda esperando só do poder público, né? Então eu acho que essa cultura está passando de gerações em gerações [...] teve uma continuidade, exatamente por isso que a cena de Maringá eu acho que é tão forte, porque sempre teve alguém fomentando para não morrer. Tem várias cidades que foram referência aí e tem uma galera que anda bem pra caramba, mas que a cena local está morta. Maringá, acho que pelo fato da união, por ter referência [...] a galera mostra como exemplo e as outras pessoas seguem, isso acaba fortalecendo mais.

Susy

Não existe a cidade sem eu, se não existe a cidade sem eu então eu faço parte da cidade e a cidade tem que me representar e tem que ter a minha identidade lá, porque eu sou a cidade, nós somos a cidade, né? [...] Maringá não tem muito essa questão de identidade sem ser para além da cultura urbana, a gente tem aqui as árvores, os bosques, tudo mais, mas uma coisa que é muito característica de Maringá é a cultura urbana, é o skate, o grafite, então são coisas que estão se transformando em Maringá.

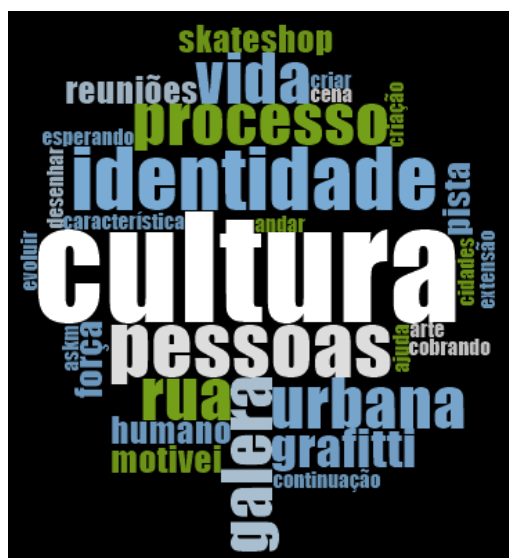


Figura 6 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o tema ‘a cidade de Maringá e o Skate’.

A cultura do skate da cidade de Maringá, segundo os skatistas, faz parte da identidade das pessoas que se identificam com o movimento. As referências que as realizações desse grupo deixam no espaço urbano motiva não apenas os skatistas locais a continuar envolvidos, mas também mantem Maringá como uma cidade referência no cenário do skate. Além de identificar a cultura do skate, os skatistas relataram as contribuições de tal movimento para a cidade de Maringá, elas estão apresentadas no próximo item como um subtema.

5.2.1.5 Contribuição do skate para a cidade

Este Subtema se encontra dentro do tema A cidade de Maringá e o skate, aqui é apresentado o que os skatistas entrevistados comentaram sobre o impacto da prática na cidade de Maringá (Quadro 7).

Quadro 7 - Fotografias e narrativas sobre o subtema Contribuição do skate para a cidade.



Foto 20, Tiago. *Go skate day.*



Foto 21, Tiago. *Evento de Hip hop no Banks.*

Tiago, sobre as fotos:

O skate valoriza a praça, valoriza o ambiente que a gente está praticando [...] a nossa cultura é sempre reformar, revitalizar para a gente andar [...] A Praça Pedro Álvares Cabral (Banks) teve uma época que era feio de ver, eram só alguns horários que você podia vir, nos outros era chegar aqui e a polícia mandar você embora, porque achava que você era um traficante, só que você não era traficante, e os traficantes colocavam um skate embaixo do braço para falar que eram skatistas.

[...] Maringá é uma cidade plana, é uma cidade com arquitetura que para o skate é perfeito, a urbanização, cheio de árvores [...] aqui em Maringá você se locomove, se você não tiver uma bicicleta, mas tiver um skate, você está muito bem.



Foto 22, Susy. *Evento ELAHS Crew de skate e Hip hop para mulheres.*

Susy, sobre a foto:

Quando eu vi que poderia trabalhar com esse grupo que estava surgindo de mulheres. [...] pensando no macro, realmente é algo que vai mudar a vida de muitas mulheres e está mudando, porque não existia na cidade nenhum tipo de movimento assim, movimento da cultura urbana, com skate, organizado só por mulheres, e agora que está existindo, as minas estão tendo outra perspectiva, é bem interessante [...] é algo que está criando coisas, é necessário, na real.

Além das fotografias de Tiago e Susy, outros skatistas comentaram sobre o subtema Contribuição para a cidade. Abaixo se encontra um quadro de extrapolações das fotografias.

Quadro 8 - Extrapolações das fotografias sobre o subtema Contribuição para a cidade

Eduardo

Eu acho que desde o turismo, o skate traz bastante gente de fora para conhecer nossos espaços de prática, quando tem campeonato também o pessoal vem para cá, movimentam hotéis, transporte também. Maringá, por ser uma cidade planejada, a maioria das ruas, principalmente as do centro, são ruas lisas, isso também incentiva a locomoção alternativa [...] hoje até aqueles skates maiores que se chamam *longboards* são vistos acompanhando as pessoas, vejo gente no banco com o skate do lado, coisas que a gente não via, né? [...] agrega um monte ser um esporte, mas o skate vem acompanhado de um estilo de vida [...] os praticantes e os simpatizantes contribuem com um estilo que influencia pessoas, né? Influencia gerações e isso agrega culturalmente também. Maringá se tornou uma referência nacional, até pelo estilo de vida dos nossos skatistas, pelos nossos esforços em manter a comunidade representada, a galera então acredita, vê que é possível. Por isso os nossos esforços fazem sentido, não é algo separado, não queremos que a referência positiva do nome de Maringá que os skatistas ajudaram a reforçar no Brasil inteiro seja conhecido só entre os skatistas, queremos mostrar que o skate agrega como esporte, assim como outros esportes, todos batalhamos para a continuidade acontecer [...] realmente têm pessoas que se importam com o esporte, com fazer acontecer nas praças, fazer com que sejam utilizadas, porque as praças estão aí para isso, né? Para as pessoas utilizarem, fazer com que saiam de suas casas, de seus bairros para socializar.

Ezequiel

Um cara que anda de skate, tipo, já conhece sobre música assistindo aos vídeos de skate ou participando dos eventos, às vezes, vê algum vídeo em que o skatista também é artista, vai se interessar por arte [...] Skate envolve toda a cultura de rua por ele acontecer na rua.

Gabriel

Alguns espaços que ficariam abandonados por cidadãos comuns, por exemplo, o vale do Anhangabaú, um espaço que tínhamos ali em São Paulo, se não fosse pelos skatistas, aquele espaço ficaria jogado, sendo frequentado por mendigos, pessoas que fazem mal-uso e tornam o espaço um “lugar morto” e as pessoas teriam ou já tinham, né? Medo de passar por ali. O skate traz alguma vida para esses espaços, né? Muitas crianças acabam frequentando o local, aprendendo manobras novas, conhecendo gente nova, [...] a gente acaba dando cor para o cinza que seria o de alguma praça abandonada, que poderia, sem essa atenção, se tornar um ponto de tráfico de drogas ou coisa do tipo.

Matheus

Na parte social de unir as pessoas porque o skate, eu não sei, é uma percepção minha, mas eu acho que o skate deixa a pessoa mais aberta assim, sabe? Faz a pessoa ser mais mente aberta, cria um senso de humildade nas pessoas, eu acho que isso é bem positivo. O skate também contribui comercialmente né? Roupas, materiais de skate, criam empregos e permite que algumas pessoas vivam de skate dessa forma. Contribui também na cultura, campeonatos de skate e todos os laços em volta, Hip hop, a música, os elementos, sabe? Da cultura de rua.

Rafael

Principalmente nesta questão de movimentar e ocupar os espaços. [...] a Vila Olímpica, por exemplo, já tem um exemplo bem legal lá. Um tempão atrás a gente fez os obstáculos, de madeira [...] O diretor em um momento ali, decidiu que não queria mais o skate naquele lugar [...] tiramos todos os obstáculos, proibiu até de andar nas arquibancadas [...] em pouco tempo, acho que nem um ano depois ele ligou para nós e disse “você precisam voltar para cá, o negócio aqui está fora do controle” [...] Drogas! É, começou uma função de tráfico e tudo mais, entendeu? Isso aí é um exemplo de como o skate colabora com o ambiente né? Que acaba inibindo até a criminalidade, tem várias coisas aí.

A nuvem de palavras do subtema contribuição do skate para a cidade complementa a perspectiva dos skatistas sobre como a cultura de skate atua na cidade de Maringá está apresentada na Figura 7. Segundo eles, andar de skate contribui com um movimento de pessoas na rua, que atua positivamente em suas vidas, frequentando as praças e incentivando mais gente para conhecer os projetos que a pratica e seus praticantes mobilizam na cidade.

A palavra pessoas se refere tanto aos praticantes de skate, como também para as pessoas que não conhecem a prática com intimidade, essa questão foi melhor apresentada no próximo eixo temático.

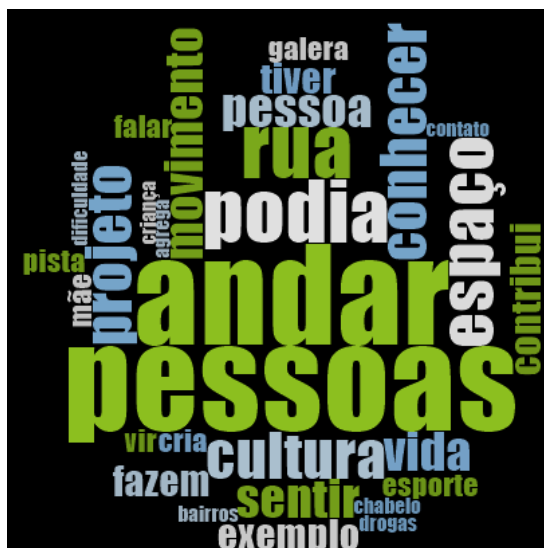


Figura 7 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o tema ‘contribuição do skate para a cidade’.

5.2.3 PERCEPÇÃO SOBRE A PRÁTICA DO SKATE

Este eixo temático se refere a interpretação que os skatistas fazem de sua presença na cidade. Está dividido em dois temas: visão externa, visão interna.

5.2.3.1 Visão externa

O tema diz respeito às percepções dos skatistas para com as pessoas que não praticam o skate. Aqui eles mostram como sentem a devolutiva das pessoas alheias a cultura do skate, que os observam nas ruas da cidade (Quadro 9).

Quadro 9 - Fotografias e narrativas sobre o tema visão externa.

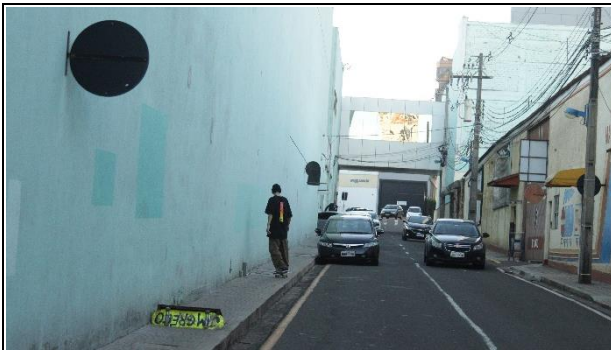


Foto 23, Ezequiel. *Saída estacionamento do Shopping.*



Foto 24, Ezequiel. *Usando a parede.*



Foto 25, Ezequiel. *Segurança.*

Ezequiel, sobre as fotos:

Neste dia resolvemos utilizar a parede do lado de fora do *Shopping* para andar de skate, não demorou muito para essa situação da foto acontecer. O segurança quando vê fica

indignado [...] a pessoa deve pensar meio que como um ato de vandalismo, né?

Só tem um estacionamento ali, o comércio que tem na esquina já fechou a anos, é um bagulho morto isso aí, é um ‘becozinho’ morto [...] quando uma pessoa como nós acha uma utilidade para o lugar, eles devem pensar ‘vou ter que fazer alguma coisa, vou boicotar’ [...] porque todo o policial que enquadra, toda a pessoa que te aborda na rua sempre fala: ‘Ah! Mas você tem a pista ali que vocês reformaram’.

Acho que isso acontece por respeito a um padrão né, eu vejo assim quando me dizem que [...] não pode andar de skate aqui, tem a pista ali, você tem o seu espaço ali na pista, então você só pode andar ali. Nessa situação eu me pergunto qual seria a abordagem deles se eu estivesse do lado de dentro do *Shopping*, como um cliente, um consumidor.



Foto 26, Gabriel. *Em direção ao corrimão.*



Foto 27, Gabriel. *Apague.*

Gabriel, sobre as fotos:

[...] nós estávamos fazendo filmagens na UEM, não tínhamos uma autorização [...] o segurança se deparou com a situação [...] como pode ver na foto o segurança veio correndo em direção ao skatista [...] essa situação foi bem... como posso dizer... um tanto quanto assustadora, porque ele veio bem agressivamente para cima [...] logo após a tentativa da manobra, se mostrou bastante agressivo, falava com a gente em tom de voz bem alto, usando palavras também agressivas pra cima da gente.

[...] ele está indo em direção ao corrimão que as pessoas usam simplesmente para segurar a mão, isso se seguram, porque a maioria nem segura o corrimão, mas para a gente, o uso que fazemos pode trazer bastante benefícios. [...] nós acabamos utilizando de locais que, para as pessoas que não praticam o skate, são coisas bem indiferentes, um banco, a pessoa usa para sentar por um momento e pronto, a gente passa horas tentando fazer a filmagem de uma manobra no banco, ou no corrimão, seja onde for.

[...] acreditamos que seja porque o skate é um esporte que ainda está sendo aceito, por mais que tenha entrado nas olimpíadas, ainda está sendo aceito e, para as pessoas de outras gerações, eles ficam um pouco espantados com o que veem, né? Ficam até mais preocupados com a gente, porque não sabem qual a noção que o skatista tem sobre o que está fazendo. Eles olham, por exemplo, em direção ao corrimão e pensam “ele vai se machucar e nós teremos que arcar com as consequências”, mas na verdade esse skatista da foto já pratica há 10 anos e, para ele andar de skate nesse corrimão é mais simples que esse senhor descer a escada caminhando.

[...] é bem engraçado na verdade, porque a polícia foi feita para trazer segurança, fazer com que a gente se sinta seguros na cidade

Por exemplo essa foto do guarda municipal, nós estávamos fazendo algumas

filmagens na catedral e o que aconteceu foi o seguinte... a viatura passou lá... bateram uma 'sirenada' para chamar a atenção, e quando o guarda virou já viu que a gente estava filmando e já disse que não poderíamos estar praticando skate ali [...] eu parei de fazer a filmagem e fomos guardar os equipamentos [...] Assim que ele percebeu que estava sendo gravado parou a viatura, com um colega dele, veio com um taco de *baseball* para pedir que a gente excluísse a filmagem que expusesse ele.

[...] por mais que faça sentido se incomodar com o uso da sua imagem, consideramos a abordagem dele um tanto quanto assustadora para esse tipo de situação, principalmente por parte de um agente de segurança pública.

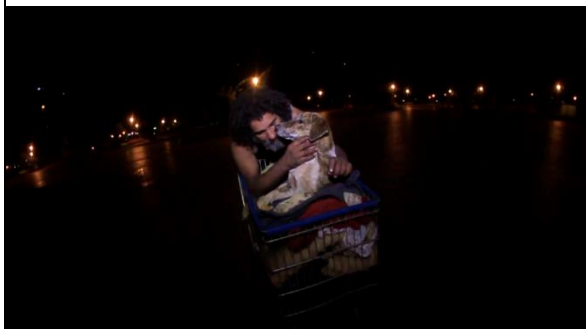


Foto 28, Gabriel. Parece...

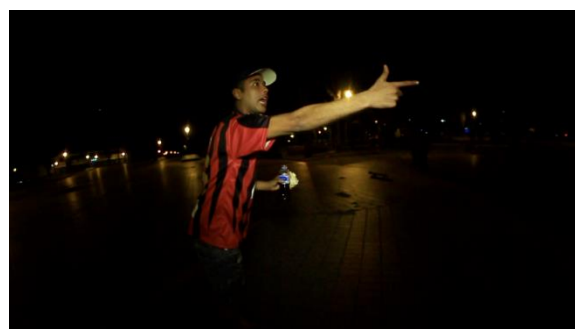


Foto 29, Gabriel. ..., mas não é.

[...] fazendo umas filmagens na praça da Prefeitura, três horas da manhã, exatamente no momento em que o skatista acertou a manobra apareceu um morador de rua correndo em nossa direção e gritando palavras muito positivas para a gente, ele ficou mais feliz do que a gente com a manobra, demonstrou mais isso.

[...] foi impressionante, porque a gente jamais esperaria isso, né? Geralmente as pessoas repudiam os moradores de rua e acabam evitando algum contato.

[...] Eu acredito que o diálogo é a melhor forma de resolver os conflitos que ocorrem entre skatistas e a vigilância, porque como nós frequentamos lugares públicos [...] a gente só quer resolver o que temos para resolver, no caso, filmar a manobra, fotografar a manobra, ou só andar que seja e ir embora [...] não permitem que a gente tenha essa abertura de conversar, que isso se resume em tentativas [...] Muitas vezes eles já chegam assustados e pensando que precisam impedir o quanto antes de estarmos ali, que precisamos ser expulsos o quanto antes, porque, na visão deles, estamos prejudicando seu trabalho [...] Por isso eu acredito que a melhor forma de resolver é o diálogo, tentar entender o porquê de estarmos ali no espaço, nós temos um porquê.

Além do quadro de fotografias e narrativas, o tema visão externa trouxe outras representações presentes no quadro de extrapolações das fotografias (Quadro 10).

Quadro 10 - Extrapolações das fotografias sobre o tema visão externa.

Jonas

[...] eu reparo muito as pessoas olhando assim, ah! Eu vejo muito a guarda andando em volta da gente

[...] talvez porque eles não gostem mesmo, o que eu vou falar para o cara que é o dono do lugar né? Mas cara você já parou para pensar que as vezes, vamos colocar aí um

banco, uma agência bancária, o Itaú tem vários corrimãos que já saíram em vários vídeos de skate, e tipo, andam lá e fazem vídeo e aí os responsáveis proíbem, será que passa pela cabeça dos caras que aquele skatista têm uma conta bancária ali, que ele movimenta o dinheiro ali, né? Então assim... parece que as pessoas as vezes esquecem que o skatista é um ser social, da mesma forma que ele está aqui, ele consome tudo que as outras pessoas consomem, ele come, ele dorme, ele bebe.

[...], mas proibições são apenas detalhes, o skatista é movido por obstáculos cara.

João

[...] hoje em dia eu vejo que existe um grau de compreensão das pessoas para com o esporte, porque há 20 anos, mano, skate era marginal, se você andava de skate, você era marginal, eram poucas pessoas que viam como uma cultura, como um *lifestyle* ou até um esporte.

[...] tem lugares privados que as pessoas sei lá, por ter senso territorial ou, às vezes, até por enxergar o skatista como um vagabundo, se manifestam de forma agressiva.

Matheus

Pra uma pessoa que não acompanha o skate, a prática do skate, os eventos de skate, ele vai ver, provavelmente, só vai enxergar o lado negativo [...] vai estar andando de carro na rua, com skatistas cruzando no meio do trânsito [...] uma pessoa que não pratica vai no Banks, por exemplo, vê a galera fumando maconha [...] vê o skatista andando na rua, caindo, não tomando cuidado, andando rápido [...] o cara andando na rua, quebrando calçada, procurando lugares proibidos, lugares melhores, acho que isso tudo só vai piorando a imagem que o skate tem e pra romper com ela é difícil porque você tem que estar disposto a ir conhecer... eu acho que skate faz parte de uma cultura restrita que precisa ser mais compartilhada.

Veb

[...] muitos skatistas se dedicam várias horas do dia, são vistos 8 horas da manhã remando na rua e isso para os outros parece coisa de vagabundo, assim como estar na pista para essas pessoas é não estar fazendo nada, é perda de tempo, nisso a gente tem o vagabundo que não faz nada, que anda com calça largada e para muitas pessoas essa é a única ideia do que é o skate.

[...] quando passamos em frente um condomínio e vemos uma calçada, só de passar por ela os proprietários dizem que estamos sujando, tá ligado? Isso acontece em locais públicos também

A nuvem de palavras sobre o tema Visão externa complementa as narrativas e fotografias dos skatistas (Figura 8). De acordo com esses skatistas, a visão que as pessoas não praticantes têm em relação a cultura do skate no meio urbano pode ser atribuída a um desconhecimento. Eles indicam que a presença constante dos skatistas nas ruas, a forma com que eles andam e se desafiam pode soar agressiva para aqueles com quem dividem o espaço público. Entretanto, atualmente, a inserção do skate como esporte olímpico pode melhorar essa situação, que apesar de difícil e conflituosa entre a vigilância pública, tende a atribuir

credibilidade aos praticantes a medida que ganhem abertura para pronunciar o sentido da prática.

Compreendemos o sentido da prática do skate para os praticantes no tema a seguir, denominado Visão interna.



Figura 8 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o tema ‘visão externa’.

5.2.3.2 Visão interna

No tema Visão interna, os skatistas participantes apontaram a sua percepção enquanto praticantes, isto é, a forma como eles, inseridos no movimento, se percebem como indivíduos que atribuem um significado ao que fazem (Quadro 11).

Quadro 11 - Fotografias e narrativas sobre o tema Visão interna.



Foto 30, Fernando.

Minha sombra na sociedade.

Fernando, sobre a foto:

Eu acho que assim, a gente é um indivíduo da sociedade, não tem como não aceitar isso. Por mais que a gente viva nos subúrbios, ainda fazemos parte dela. Eu acho que o skatista tem dificuldade de aceitar essa realidade e normalmente ele fica com raiva da sociedade, mas eu acho que não tem como evitarmos isso... a menos que a gente crie umas pistas de skate no meio do mato e viva lá, entendeu?

[...] por mais que a sociedade tenha dificuldade de nos aceitar, a gente tem que trabalhar junto nisso, sabe? Eu acho que esse é o caminho que devemos seguir.

[...] tem uma coisa interessante que eu ouvi recentemente, o que muda um país não é exatamente as ações políticas, são as ideias, dizem que, quando a gente discute ideias, com o tempo vamos agindo conforme essas ideias, e os políticos vão observando tais ideias na sociedade e então eles vão, digamos assim, agir conforme essas ideias para manter o seu poder. Então eu acho que isso poderia ser aplicado também no skate, a gente começar a pensar de um jeito mais aberto [...], receber mais as pessoas, entender que nós fazemos parte de uma sociedade.



Foto 31, Rafael. *Parafusos no chão?*



Foto 32, Rafael. *Grade de ferro na praça.*

Rafael, sobre as fotos:

[...] A praça da prefeitura é um lugar que eu já fui até preso aqui porque estava andando em um banco, eu tinha 15 anos na época. A polícia chegou, tinha um guarda municipal, falou que a gente estava destruindo o patrimônio e me levou, entendeu? Só que eu vejo pelo contrário, essas fotos aqui, por exemplo, toda a vez que tem um evento, alguma coisa grande, inclusive algumas vezes por parte da prefeitura, passa caminhão, monta barraca, faz buraco no chão com aqueles pinos para fixar as barracas, então, o estrago é grande, muito maior do que o skate, entendeu?

[...] a maioria das vezes atentamos conservar os espaços, porque para a gente, por mais que o skate desgaste, também não é interessante que estrague o lugar, que acabe, entendeu? A gente sempre tenta fazer alguma coisa para dar longevidade.

[...] Maringá é uma cidade que é referência no Brasil hoje em dia, se você for ver o tanto de gente que vem de fora para explorar, para andar aqui na praça, para andar na vila e tudo mais, entendeu? Acho que a galera tem que ver por esse lado também, essa questão de, além de tudo, gerar emprego, as lojas de skate, as marcas que também geram bastante emprego, tem muita coisa envolvida, não é só uma brincadeira.

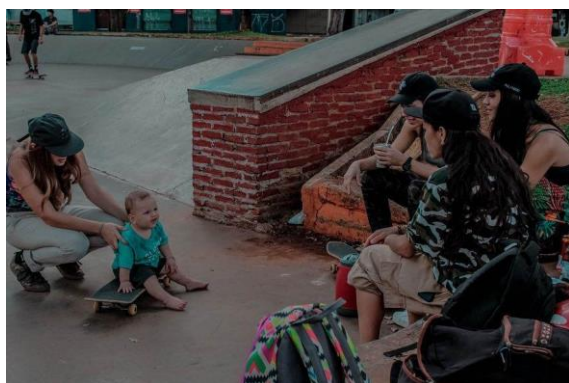


Foto 33, Susy. *Evento de skate das minas no Banks.*



Foto 34, Susy. *Evento ELAHS Crew na UEM.*

Susy, sobre as fotos:

[...] as mães, elas são skatistas, elas já são, a gente já está na geração que as mulheres são as skatistas, a gente já não é mais a mina do cara, a mãe do cara. Então aqui, a Mari está com o bebê dela, a Carina e a Joyce, as meninas do skate apoiando ela que é mãe e não vai deixar de estar em um rolê porque é mãe... eu vejo isso como ocupação do nosso espaço na prática né? Isso aqui para mim é a renovação da cultura de rua.

Na foto anterior eu mostrei a nova geração, essa próxima eu também vejo uma coisa geracional. A Kenia, que é a nossa amiga, participa da nossa Crew e ela faz o grafite, tá começando (ao lado direito aqui, de saia branca) e tem a Soraia (de roupa preta), ela começou a grafitar com 55 anos de idade, ela é artista plástica e visual a muitas décadas já, militante de vários movimentos. Como que é interessante o viés do gênero aqui né, nessa foto, a gente consegue intercalar gerações, naquela foto anterior era com a nova geração, essa daqui com a geração que passou, então como é legal isso, a cultura é algo que realmente transcende o momento individual, é algo que vai crescendo conforme vai passando o tempo.

[...] a gente já viveu muitas coisas muito mais pesadas do que fazer um evento, muito mais difícil do que você invadir um prédio, pichar um prédio, tá ligado? Muito mais difícil até do

que você ficar várias horas em uma sessão de skate tentando acertar até dar certo, então a nossa força foi construída, infelizmente, na violência, tá ligado? Porque as ruas são violentas, para todo mundo, principalmente para a mulher.



Foto 35, Thiago. *Manobra no Gap*



Foto 36, Thiago. *Comemoramos o acerto.*

Tiago, sobre as fotos:

O skate é uma cultura urbana, então a gente sempre está na rua, sempre está andando ou às vezes está com a família no carro, olha uma borda nova, olhou um imóvel novo que acabou de ser construído, a gente olha com outra visão, tá ligado? A gente olha aquela borda e já imagina andar de skate, qual manobra, a foto, a imagem para os vídeos, então, essa é a visão que a gente tem de novos picos na rua, sempre vemos isso e transformamos em arte.

[...] a gente tem essa visão mais além, então, eu sempre queria registrar aqueles momentos, tá ligado? Aquele frame da vida, para pessoa nunca mais esquecer. Na verdade, é um congelar daquele momento né? Isso aí é muito bom, skatista sempre está entre amigos dando risada e é sempre bom estar andando de skate.

[...] em uma pista de skate rola risada, rola aprendizagem, rola um amigo ajudando o outro, um ensinando o outro, mesma coisa que em uma escola, mas é um pouco mais difícil porque você está na rua, então a valorização é um pouco maior, a aprendizagem é um pouco maior.

[...] andar de skate, dar risada, fazer umas fotos, evoluir, gravar, acho que essa é minha vida, esse é meu *lifestyle*, essa é onde eu me sinto bem, onde eu me encaixo.



Foto 37, Veb. *"Liberdade"*.



Foto 38, Veb. *Liberdade sem aspas.*

Veb, sobre as fotos:

Skate é a liberdade, você se sente livre quando está remando pela cidade, apenas andando ou fazendo uma manobra, mano, skate é liberdade.

[...] O skate e o picho vão representando minhas caminhadas, é como eu vejo por onde já passei, tá ligado? Porque, querendo ou não, é uma marca sua, mano, é um carimbo que você está deixando.

A cidade é agressiva... a cidade urbana, o mundo da pedra o bagulho é louco, o povo já não vai com a sua cara, seja porque você é negro, porque você tem *dreadlock*, tá ligado? Os caras já não vão com a sua cara, muitas pessoas sofrem por diversos motivos com a resposta agressiva da sociedade, uma dessas formas de sofrimento é não conseguir trampo. Então, você percebe que realmente parece não ter liberdade, sabe? Porque mano, todo mundo, somos iguais, tá ligado? [...] somos um só, mas o povo não é valorizado as vezes só por já ter sido preso, por exemplo, sai da cadeia quer trabalhar, mas não consegue trampo por já ter sido preso, então... parece que você vai estar preso para sempre, tá ligado? Isso pode causar muitos danos, uma pessoa pode ir para o mundo do crime por causa dessas frustrações, ou voltar para ele e acreditar que aquele é o único caminho... e a cidade é tão grande, mas não é cidade grande, é cidade caos, tá ligado?

Por isso eu acredito que, para mim, o skate é uma força, é uma força que, acho que existe porque foi entre vivências, tá ligado? Eu fui vivendo, fui vendo, eu fui conhecendo pessoas mano [...] eu fui conhecendo pessoas que me levaram a sair de coisas ruins, ir para outros rolês, tá ligado? Eu acho que foi um acontecimento.

Cultura Hip hop é isso mano, é o break é o skate, é a dança, é o Rap, é a rima e é o grafiteiro, é união, é a cultura de rua.

Quadro 12 -Extrapolações das fotografias sobre o tema Visão Interna

Jonas

O skate é um esporte muito diferente porque ele te ajuda a entrar em contato com pessoas entende? É algo que te dá sentido para estar na rua.

[...] o skate é um filho da rua.

João

O skate nasceu na rua, ele não nasceu em uma pista, à pista foi feita para atender a prática, inclusive, a pista imita o que atrai os skatistas na rua.

Matheus

[...] há uma característica no skate, você está, tipo, sempre querendo inovar, conhecer lugares novos, eu sei que isso, às vezes, envolve usar uma propriedade privada [...] mas se não for assim, tem que se conformar em ficar limitado as pistas, então, é tipo o preço da liberdade, sabe?

[...] eu acho que o que dá para fazer é tentar mostrar mais né? O lado positivo do skate para as outras pessoas, para os pais, para as pessoas que só conseguem ver o lado negativo.

Paulo

A gente está buscando o nosso local, estamos valorizando a cultura do skate junto com o meio urbano, tentando mostrar como que é a nossa visão de cidade, como ela pode somar na cultura das pessoas.

Na temática Visão interna, esses skatistas centralizaram o termo cultura como forma de definir o que caracteriza o movimento do skate de rua para eles. A palavra sociedade aparece para recorrer a ideia de que eles sabem que algumas pessoas têm dificuldade de compreender seu estilo de vida, seus eventos, como praticantes de um esporte de presença na rua. Para eles, faz parte de ser skatista ter uma visão diferenciada ao andar nas ruas, olhar para o espaço público com atenção e cuidado com suas condições. Houve também a aparição da presença da mulher na cultura do skate, segundo as fotos e narrativas, são momentos de ocupação de espaço na prática, demonstrando a união das mulheres skatistas e outros elementos do movimento que vem construindo essa cultura de rua maringaense.

Ainda foi possível verificar nas narrativas do tema Visão interna alguns comentários sobre o aprendizado que esses skatistas relataram obter através da prática do skate. Esse aprendizado aparece a seguir como um subtema intitulado Ensinaamentos.



Figura 9 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o tema ‘visão interna’.

5.2.3.3 Ensinaamentos

O subtema ensinamentos destaca alguns aprendizados advindos da prática, compartilhados pelos skatistas durante as entrevistas. Novamente, não foram feitas fotografias específicas, mas se tratando de um subtema presente nas falas, valorizamos sua exposição através de um quadro de extrapolações e nuvem de palavras (Quadro 13).

Quadro 13 - Narrativas sobre o subtema Ensinaamentos.

Eduardo

[...] o skate, além de um estilo de vida que é o que eu levo até hoje, até no meu trabalho, na roupa, em tudo, mas assim, eu acho que é um esporte de total persistência que a gente precisa na vida. As vezes no trabalho é difícil, mas é igual no skate, tem uma manobra que é difícil, mas se você ficar tentando, insistindo, uma hora você encontra ali o tempo de chutar a manobra e acerta.

Ezequiel

Skate me ensinou a usar algo que não tem sentido nenhum para as pessoas.

Gabriel

[..] é uma coisa que faz com que todos sejam mais respeitosos entre si, tanto no coletivo dos skatistas, você respeita mais o outro, você não sabe, muitas vezes, qual é a história das pessoas e a pessoa não sabe a sua [...] você cria amizades muito fortes nesse contato na rua e é uma amizade muito intensa, diferente de amizades que você tem em meios profissionais, que envolvem competitividade, no skate há uma harmonia.

João

[...] o que eu vejo no *skateboard* é um fábrica de fazer amigos, você faz amigos em muitos lugares [...] eu acho que a pessoa que anda de skate, que é um skatista mesmo,

mesmo desenvolvendo outras afinidades que ela tenha, outros talentos que ele tem, o skate faz parte do estilo de vida da pessoa.

Rafa

[...] cair, levantar e ir para cima.

Os skatistas relatam que os aprendizados que adquirem praticando skate se perpetuam como valiosos para suas vidas, a medida que representam o que eles chamam de estilo de vida (Figura 10). A cultura do skate é alimentada por pessoas que, por suas afinidades, criam laços de amizade que os motivam para executar manobras e enfrentar as situações nas ruas. Ao conhecer este esporte, reconhecem também sua dificuldade, então, os skatistas dão importância a termos como persistência e evolução. Em relação a evolução na prática do skate, o termo aparece no próximo eixo temático com maiores detalhes.



Figura 10 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o subtema ‘ensinamentos’.

5.2.3 RELAÇÕES ENTRE SAÚDE E A PRÁTICA DE SKATE

Este eixo temático tem apenas um tema: Relações entre saúde e a prática do skate. Aqui estão expostos todas as fotografias e narrativas dos skatistas que dizem respeito a sua representação de saúde enquanto praticantes de skate (Quadro 14).

Quadro 14 - Fotografias e narrativas sobre o tema relações entre a saúde e a prática de skate.



Foto 39, Gabriel. Dor.

Gabriel, sobre a foto:

[...] A dor funciona como um incentivo, muitas vezes o skatista está tentando a manobra por horas e o que acontece? Por exemplo, nessa foto o skatista machucou a mão e abriu um pedaço da canela, se fosse em qualquer outro esporte o atleta pararia, iria para o hospital, faria pontos e ficaria um mês sem praticar o esporte, no caso, sem andar de skate. Nesse caso o que aconteceu foi o seguinte: Ele caiu, se machucou e sentiu uma energia maior para fazer a manobra, para resolver isso, como se tivesse sido desafiado, como se dissessem para ele “Não, você não vai conseguir, não tem como fazer essa manobra”, então somos movidos por desafios, sabe? É isso que acontece no skate, você olha um lugar na rua, esse lugar não foi feito para andar de skate e é isso que nos atrai, queremos um lugar que não é feito para andar de skate, sentimos atração por isso como um desafio, como “será que não é para andar de skate? ”, vamos lá, vamos andar de skate, vamos ver se dá.

[...] O que acontece é isso, a dor, por mais que a gente sinta a dor, ela acaba muitas vezes nos motivando para executar as manobras.

[...] uma coisa que eu já percebi é que, quando a gente anda de skate diariamente por horas, a gente se sente mais disposto, criamos uma condição física e tudo mais

[...] ficar um mês sem andar de skate, sem praticar esporte você já vai sentir muita diferença desde a respiração até a questão do estresse, né? Porque skate, para quem pratica, funciona como uma válvula de escape dos problemas. Muitas vezes já me vi em situações em que estava estressado com o trabalho, na época que eu trabalhava em shopping, muitas cobranças, eu usava como uma válvula de escape e isso é o que a maioria das pessoas fazem, sabe? É bem legal isso, na verdade, porque a gente está fazendo um exercício que está nos tirando dessa babilônia, dessa ideia do caos, da produtividade excessiva.



Foto 40, Thiago. *Desafio de Ollie mais alto.*

Tiago, sobre a foto:

[...] a gente já sai de casa com o intuito de finalizar a manobra, a gente nunca sai de casa para quebrar o braço, nunca na vida [...] no skate é muito mais fácil de acontecer isso, porque você está com quatro rodinhas debaixo dos pés, descendo uma escada de dois metros ou descendo um corrimão gigantesco, ou às vezes, andando na rua uma pedrinha trava e você vai para o chão, pode se machucar, isso realmente é perigoso. O fato da gente sempre cair e se levantar, a gente sempre cai, levanta e quer uma perspectiva de vida, eu acho que isso é uma evolução na sua vida, no intuito do skate, você evolui no seu trabalho, você evolui com a sua família, evolui com a sua esposa, seus irmãos, o benefício é muito magnífico.

Quadro 15 - Extrapolações das fotografias sobre o tema relações entre a saúde e a prática de skate.

Fernando

[...] o skatista, o skate tem esse risco de você cair e se machucar, e se machucar grave, mas a partir do momento que você sai de casa você tem esse risco de ser atropelado, a partir do momento que você decide fazer um investimento arriscado você tem a chance de perder todo o seu dinheiro, então não faz sentido, é, eu acho que isso serve até como um convite, quem andar de skate vai perceber que a vida é arriscada, então não é uma coisa específica do skate [...].

[...] A dor, eu acho que é um pré-requisito para o crescimento.

Jonas

Quantas pessoas você não escuta falar que anda de skate para aliviar o estresse? Anda de skate porque quando anda se sente livre, tem um momento de paz interior, entende? Skate faz muito bem para a saúde do indivíduo em diversas partes.

As práticas depressivas também podem afetar muito os skatistas, não tem como falar que não, você chega em um lugar e não é bem-vindo ali, é muito difícil para qualquer

pessoa, você não ser aceito, você entrar no ônibus, na condução e todo mundo ficar te olhando, sabe? Essas coisas são estranhas [...] nós pertencemos a uma sociedade cara, tudo ao redor nos afeta de uma maneira, e eu acho que essas coisas podem acabar adoecendo e tudo mais.

João

É um momento que é uma satisfação pessoal, uma superação a cada dia, é um aprendizado, entendeu? É uma manobra nova que eu consigo acertar, é uma manobra antiga que a muito tempo eu lançava e que consigo lançar, isso traz satisfação pessoal.

Matheus

O skate é perigoso de fato, e machuca, mas é normal, quando você começa a andar, começa a se expor aos tombos, aos machucados você também vai desenvolvendo uma garra, sabe? Vai se sentindo desafiado, quanto mais você cai, mais você quer acertar a manobra, mais você quer aprender e eu acho que você começa a lidar melhor com os tombos, vai aprendendo a cair também. Para mim skate é tombo, querendo ou não, para você evoluir tem que se expor a isso.

Paulo

Skate ajuda a pessoa a ter mais paciência também... quando você demora muito para acertar uma manobra, o skate mostra para você que tudo tem seu tempo, que se naquele dia você não acertou a manobra, você com certeza vai tentar acertar outro dia. Tipo, o skate é uma escada, você vai evoluindo o tempo todo. Porque quando a gente só erra a gente está evoluindo também.

Rafa

Eu acho que principalmente saúde mental. A parte física ajuda bastante, skate é uma atividade bem completa. Hoje em dia eu faço até algo preventivo, sabe? Fortalecimento, funcional para poder andar de skate por anos e anos ainda (risos), então faço de forma preventiva e que me traz benefício também.

Tem uma questão também, a dor, o desafio de cair, levantar e acertar. É algo pessoal, desafio pessoal.

Veb

[...] é uma liberdade boa, você se sente livre, você está remando, sentindo o vento na cara, está ligado? Estar com a galera sentindo a energia quando você acerta uma manobra, mesmo você caindo é uma energia boa, porque você está praticando, evoluindo, está exercitando.

A Figura 11 apresenta a nuvem de palavras referente ao tema apresentado acima pelos skatistas. As palavras mais constantes nas falas dos skatistas foram sente e dor. Entretanto, sentir dor foi descrito como algo natural da prática de skate. Nos momentos de tentativa de manobra os skatistas podem se machucar nas quedas, mas como descrito, o intuito de praticar skate é a evolução, o sucesso perante o desafio e a diversão com os amigos. Além disso, os skatistas relataram benefícios para sua saúde nas condições física, mental e social. Um relato se referiu a possibilidade de adoecimento causado por rejeição social como algo a se observar nos skatistas.



Figura 11 - Nuvem de palavras gerada a partir das narrativas sobre o tema ‘relações entre a saúde e a prática de skate’.

5.2.4 SUGESTÕES

Como último eixo temático constam as sugestões. Aqui, o tema igualmente intitulado apresenta alguns dizeres dos skatistas para que possamos compreender sua percepção sobre o espaço urbano. (Quadro 16)

Quadro 16 - Narrativas sobre o tema Sugestões.

Eduardo

Eu gostaria de dizer que todo mundo pode ajudar de alguma forma, podemos fazer alguma reforma [...] nós esperávamos mais interesse, principalmente dos praticantes, penso que se a galera se motivasse mais acreditando que pode ajudar, mesmo essa visão negativa da sociedade poderia ser amenizada bastante, vejam, estamos aí para isso, para ser exemplo nessa forma de fazer acontecer.

Todo mundo pode ajudar, até no seu próprio bairro, tem um espaço? Tape as imperfeições com massa plástica, pode pedir para os representantes da ASKM, falar sobre esses espaços, nós tentaremos dar uma atenção, pode ter certeza! Fazemos um projeto, levamos até a prefeitura, mostramos que tem pessoas nos bairros interessadas em fazer acontecer nos espaços públicos, queremos mesmo ser solicitados, se você não sabia disso, agora sabe. Meu recado é esse: Você é útil, você pode ajudar.

Ezequiel

Vamos explorar! Conhecer sobre arquitetura também, skate é bastante arquitetura [...] você vê muito a arquitetura da cidade, não só um banco ou não só uma escada, existe muita coisa para explorar, muita coisa, é isso.

Fernando

Skate é um tipo de esporte que pode ser visto também como uma brincadeira, mas eu tenho certeza que, assim como em diversos outros esportes, se a pessoa decidir assumir o risco de andar de skate, assim como existe risco em diversas áreas da vida, ela vai viver intensamente e vai observar a vida de uma outra forma [...] skate traz bastante experiência.

Gabriel

Salve a rua!

João

A gente tem que ir se adaptando e ver que são ciclos, que nós vamos aprender com eles, o skate é uma forma de aprendizado, né cara? É uma forma de pessoas se superar dentro de suas capacidades [...] a maior satisfação que tem é a pessoas realizar algo diferente dentro de suas capacidades, algo que ainda não realizou.

Rafael

Cada um respeitando seus espaços, mas sempre pensando o que um tem para agregar ao outro. Não adianta ficar querendo encontrar defeitos, ver lado negativo porque se for se informar mesmo, for ver os benefícios que o skate traz são infinitamente maiores.

Susy

Eu acho que principalmente essa questão do mercado de trabalho, porque fazendo isso a gente ainda não tem uma renda, então quando a gente vive em uma sociedade onde o dinheiro rege tudo, a gente acaba estando fora de todas essas relações. Então para nós é muito importante gerar renda, eu acho que oportunidade de trabalho e valorização do trabalho de produção feminina e da cultura de rua em geral é uma grande ferramenta para mudar a situação dessas mulheres e das pessoas envolvidas com skate.

[...] para a gente o Hip hop é uma ferramenta né, de mudar vidas, o skate, a cultura de rua, de mudar vidas em geral. No caso falamos de mulheres, de valorizar o trabalho da mulher, gerando renda, colocando que isso é importante para vida da cidade, que isso é importante para o município, que isso pode ser importante para desenvolver algum outro tipo de trabalho dentro da cidade,

[...] a prática do esporte ou da arte é algo que, como estávamos comentando, não se separa da cidade, não se separa, então como a gente dá vazão para essas necessidades? E além de dar vazão, além de tipo 'ah vou deixar praticar ali', mas como valorizar e dar importância para isso? Sabe? Você não valoriza dando importância para o skate ou para o Rap, você valoriza dando importância para a pessoa que pratica skate, para a pessoa que pratica [...] quem que é o público da sua cidade? Sabe?

Thiago

O Skate é uma cultura de continuidade.

Os skatistas relatam que a cultura do skate é um estilo de vida e um esporte relacionado com a rua e arquitetura urbana. Há reconhecimento de uma responsabilidade nos praticantes para gerir a continuidade da cultura dentro da cidade. Essa responsabilidade é referenciada como um apelo por atenção direcionado aos skatistas dos bairros e também para as mulheres inseridas no movimento em relação a necessidade de gerar de renda como

- Os skatistas participantes do estudo acreditam que a prática do skate contribui positivamente para a cidade, entretanto, eles dizem que nos conflitos recorrentes nos espaços urbanos há pouca oportunidade de falar sobre a importância e a função da prática em suas vidas e para a cidade.
- Apesar do skate ser comumente referido como uma prática perigosa, esses skatistas definem a dor de quedas e machucados como algo corriqueiro na prática e um aprendizado, eles a definem também como motivadoras para superar desafios e afirmam que a prática de skate traz benefícios para a saúde biopsicossocial.
- Eles acreditam que o crescente reconhecimento do skate como um esporte vêm ajudando a mudar a visão negativa das pessoas sobre a prática e os praticantes.
- Esses skatistas acrescentam que, em um cenário onde se disponibilizasse o diálogo para conhecer os benefícios da prática para os praticantes e para os lugares onde ela ocorre, seria possível manifestar que o skate tem características para agregar na dinâmica coletiva da cidade.

Os tópicos que percebemos na nuvem de palavras geral nos servem como forma de organização para a discussão que vem a seguir. A medida que discutimos nossos dados seguindo a estrutura inicial dos eixos temáticos: Espaços de prática; percepção sobre a prática do skate; relação entre saúde e a prática do skate; sugestões, usamos os tópicos para garantir não esquecer de pronunciar as principais forças e fragilidades compartilhadas pelos skatistas sobre a sua atuação no espaço urbano e a agressividade urbana.

6 DISCUSSÃO

Após nossas conversas com os skatistas, verificamos que existem características que, se compartilhadas, podem conduzir uma discussão sobre alguns aspectos da saúde, da cidade e da vida urbana. Realçando que no *Photovoice*, o ponto de chegada dos autores com seu grupo deve ser a criação de conhecimentos que fazem sentido para a comunidade e para o estudo, vamos, a seguir, relacionar nossos resultados com a literatura da saúde e outros estudos relacionados a cidade e a vida urbana.

6.1 ESPAÇOS DE PRÁTICA

Primeiramente deixaremos claro que, quando nos referimos aos termos cidade e urbano até aqui, reconhecemos que para continuar é preciso conceituar de qual cidade e de qual urbano estamos falando. Utilizamos o conceito de espaço e cidade dados por Milton Santos (2013) que define cidade como aquilo que é particular, concreto e interno, já o urbano é o abstrato, geral, externo. Isso quer dizer que, da cidade fazem parte as ruas, as propriedades, as calçadas, os sistemas de transporte, já o urbano se encarrega de ser as relações empregadas na cidade, como o trabalho, a cooperação, a comunidade, o caminhar (SANTOS, 2013). Para auxiliar no entendimento, o conceito de espaço dado pelo autor pode iluminar o caminho, Santos (2013) propõe que entendamos o espaço como um conjunto de sistemas de objetos e de ações, este conjunto segundo ele não pode ser separado, porque os objetos são fabricados pelo homem com a finalidade de condicionar as ações. Portanto, o espaço para Milton Santos é relacional, os objetos não têm força de ação senão através da relação com os homens (SANTOS, 2014).

Outro autor para quem os objetos do espaço têm seu uso atribuído a relação com as pessoas é James Gibson (1986). Esse autor cunhou o termo *Affordance*, que define a qualidade que um objeto ou ambiente tem de oferecer ações aos indivíduos (GIBSON, 1986). As *Affordances* se tratam da complementaridade do indivíduo e do ambiente, o autor indica isso afirmando que diferentes substâncias do ambiente oferecem recursos distintos para nutrição e fabricação, assim como diferentes objetos do ambiente oferecem distintas possibilidades de manipulação, e todas as possibilidades de ação estão disponíveis, mesmo que não as vejamos, são as condições restritas ao indivíduo e ao ambiente que conduzem as *Affordances* (GIBSON, 1986).

Um exemplo para auxiliar no entendimento das *Affordances* pode ser feito utilizando uma cadeira. Comumente, a utilizamos para nos sentar, é o seu uso mais comum e o que nos foi instruído, porém, sob condições de indivíduo e de ambiente diferentes sua usualidade pode se modificar. Uma criança que engatinha pode utilizar uma cadeira para se apoiar e ficar de pé, apoiando suas mãos no assento, assim como um adulto pode subir no assento da cadeira para elevar sua altura, ou arremessá-la como um gesto súbito de medo ou perigo. Todas essas usualidades são *Affordances*, intuitivas, possibilidades que os indivíduos podem até não saber que têm, mas dadas as condições, estão disponíveis (GIBSON, 1986).

Mas aonde queremos chegar? Nossos resultados indicam que os skatistas fazem uso de praças, espaços públicos, privados, eles utilizam os objetos distribuídos nesses espaços, bordas, bancos, corrimãos para executar manobras. Como foi apresentado por Paulo (fotos 1 e 2), os skatistas do bairro onde ele mora utilizam uma ATI para praticar skate. Uma ATI, como nos foi ensinado, foi criada para que idosos ou pessoas viventes em seu arredor possam fazer exercícios físicos utilizando os equipamentos diversos que a compõem. Mas a relação que Paulo e seus amigos fazem é estabelecida por uma percepção de que, na falta de um espaço específico para praticar, a forma e condição de uma ATI se enquadram como potencial para servir de lugar para praticar skate.

Do mesmo modo, a Praça Pedro Álvares Cabral, hoje *Banks*, não foi planejado inicialmente como uma pista de skate, mas os skatistas, por compartilharem percepções, por interagirem com objetos em comum, realizaram ali ações de cooperação que se somam para significar a praça como um lugar de prática. O mesmo vale para a Praça da Prefeitura, Catedral, são espaços com objetos fabricados pelo homem para condicionar ações, mas são as pessoas que executam as ações, as relações empregadas nos objetos são, essencialmente, humanas, e por isso, são dinâmicas (SANTOS, 2014).

Não paramos por aí, a psicologia ambiental vem desenvolvendo estudos para demonstrar a importância da relação afetiva entre pessoa e ambiente. Bonfim, Delabrida e Ferreira (2018) indicam que qualquer ambiente físico evoca emoções, tais emoções influenciam percepções afetivas ou hostis e, por sua vez, influenciam nossas escolhas de para onde ir e de que forma explorar o ambiente. Afetos positivos nos ambientes, segundo os autores, podem gerar ações pró-ambientais nos usuários, porque o apego ao lugar estabelece laços afetivos e intenções de preservação (BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018). Nesse sentido, refletimos que o apego ao lugar, descrito pelos skatistas, causou mobilização de cuidado nos lugares de prática. Além de se apropriar de espaços, eles mencionaram reformá-lo e tentar manter as condições propícias para garantir longevidade, para que continuem praticando (BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018).

Mas que tipo de afetos vem permitindo o planejamento urbano aos usuários dos espaços da cidade? De acordo com a Organização das Nações Unidas, em 40 cidades investigadas no estudo, mesmo nas consideradas desenvolvidas, apenas 15% da terra é destinada para a construção de ruas nas áreas centrais, o número é menor em áreas periféricas, sendo 10%. Isso significa que o planejamento das ruas vem sendo feito de modo irregular, sendo que as vias construídas não condizem com expertise no que diz respeito a qualidade e

interligação. O resultado desse planejamento urbano é a criação de zonas vazias, ruas sem saída e também falta de conectividade entre elas, principalmente, na conexão entre área central e regiões periféricas. Ainda aponta o estudo que, entre 1980 e 2000, a criminalidade cresceu 30%, sendo que em 15% dos crimes há influência do desenho e da gestão do espaço público (ONU, 2015). Segundo a ONU (2015) isso culminou no surgimento de condomínios fechados, sistemas de segurança aprimorados, muros e comunidades fechadas. Com efeito, diminui a permanência das pessoas nas ruas cada vez mais carentes de atenção, e termina por aumentar sua desconfiança nos ambientes públicos.

Conclui também o estudo acima que, nos últimos 30 anos, o espaço público tem se comercializado, gerando edifícios privados e espaços semipúblicos que agravam a desigualdade entre classes (ONU, 2015). É notável que, se o espaço se reveste de características para alavancar o consumo, a exclusão espacial pode se dar justamente pela implacabilidade de sua função. É o que afirma Serpa (2007) quando menciona que no Brasil contemporâneo houve um fenômeno de urbanização dos status, em que espaços como Shoppings, condomínios, parques são construídos com o slogan da acessibilidade e da segurança que têm faltado nas ruas. Esses espaços disponibilizam comodidade e tranquilidade aos usuários, exceto para a questão financeira, pois o consumo é o seu elo de integração. Portanto, uma certa propensão ao consumo na cidade vem definindo, cada vez mais, a função do espaço público contemporâneo como espaço de consumo para usuários consumidores (SERPA, 2007; SANTOS, 2014).

Refletimos que o espaço planejado para o consumo tem se destacado na contemporaneidade, a questão é que discutimos anteriormente que a função dos objetos pode ser determinada pela relação pessoa e ambiente. Certamente, na cidade não existe somente o grupo que pode usufruir deliberadamente dos espaços de consumo, existem também os que não podem, ou não o querem assim com tanto afincio, e o que resta para esses na vida urbana?

Vimos discutindo até aqui que, o processo de urbanização desenvolvido nas cidades vem atendendo a um eixo de comercialização e consumo que, de muitos modos, determinam as atividades desenvolvidas nos espaços. Se por um lado, os índices de desigualdade social e de violência são adjacentes as condições de vida postas aos indivíduos da cidade, por outro, as intenções de privatização e segurança dos espaços oferecem opções paliativas de preservação (ONU, 2011). A questão reflexiva que surge para nós agora é: Se o planejamento urbano está se mobilizando para atender as demandas da comercialização, ofertando espaços seguros para as atividades de consumo dos cidadãos, como ficam as atividades e relações que não dizem

respeito ao consumo nesses mesmos espaços? Assim, passamos a discutir a percepção sobre a prática do skate.

Um exemplo do que tentamos dizer aqui foi fotografado por Ezequiel (foto 25) e Gabriel (foto 27), o primeiro por praticar skate em uma área comercial, o *Shopping*. A prática na área externa (parede da saída lateral) ao ambiente comercial gerou conflito porque, segundo o segurança do local: o espaço não era lugar para skate, por fazer barulho (perturba os clientes) e sujar a parede. Ezequiel retribui nos dizendo que o espaço onde praticava não faz parte do ponto conveniente de atenção para os usuários do *Shopping*, pois se trata da área externa, rua de saída do estacionamento, ou como ele diz: “é um becozinho morto isso aí”. Situação semelhante foi narrada por Gabriel no que diz respeito a conflito, ele praticava na Catedral, um ponto turístico da cidade. A guarda municipal foi até o local o orientar que aquele espaço não fora feito para a prática de skate. Em ambos os casos foi orientado fazer uso da pista para praticar skate, nas duas situações também há presença de vigilância pública ou privada para proteger a integridade dos espaços. Para Menezes, Carvalho e Tashiro (2019) a orientação de uniformizar a prática as pistas é restritiva e desvaloriza o potencial que a prática de skate tem de colaborar com o entendimento de grupos urbanos. Do mesmo modo, para Brandão (2011) a rua não tem apenas a função comercial ou informativa, existe também sua faceta lúdica, que é simbólica e construída pelas novas práticas dadas pelos indivíduos em sua relação com os espaços. Nesse sentido, o skate poderia contribuir como uma forma demonstrativa de como as relações sócias espaciais transformam e moldam outras usualidades e práticas no espaço urbano.

Percebe-se ainda na fala de Ezequiel que a visão de cidade comercial é confirmada, quando ele afirma “me pergunto qual seria a abordagem da segurança se eu estivesse do lado de dentro do *Shopping*, como um cliente, um consumidor”. Essa afirmativa indica um reconhecimento da postura digna e padrão para um ambiente comercial, o consumidor. Howell (2001) já indicou que o ambiente comercial, principalmente a esfera central urbana, construiu um imaginário que intitula o espaço comercial como exclusivo para o trabalho e o consumo, à medida que outras atividades que atrapalham a performance dessas funções tendem a reprovação.

6.2 PERCEPÇÃO SOBRE A PRÁTICA DO SKATE

Borden (2001) discutiu uma possível tendência do espaço público e semipúblico de desenvolver um estilo homogêneo de vida na cidade. Esse estilo é o que conhecemos como

modelo formal, funcionando tanto para a fisicalidade do espaço como para os estilos de vida ditados por mercados como o da moda, da comida, entre outros. O autor mencionou, então, que pendemos para uma organização urbana pautada em demandas escolhidas. A escolha de demandas vem acompanhadas, segundo o autor, de um apanhado de ações para afastar as demandas não escolhidas dos espaços planejados. Então, ao falarmos de um espaço centrado no consumo, o ponto fulcral é que os espaços possam emitir sinais para, primeiro, estimular e convidar as pessoas para essa atividade, segundo, demonstrar-se pronto para dispersar quaisquer gestos que abalem sua integridade (BORDEN, 2001).

Borden (2001) sugeriu que os espaços públicos e semipúblicos estão se revestindo de câmeras de segurança, patrulhamentos, correntes, muros e cercas, alarmes, pavimentos e outros aparatos que são desejados pelas pessoas para aumentar sua sensação de segurança. Ao mesmo tempo, essas modificações e anexos espaciais são implacáveis em causar desconforto nos indivíduos que tem nesses espaços outras intenções que não a mercantil. As opiniões dos nossos skatistas mostraram que, ao praticar skate nos espaços públicos ou privados, eles podem disparar alguns desses elementos da vigilância (fotos 25, 26 e 27). O momento da prática do skate no espaço é uma ação desassociada do consumo mercantil, é somente uma apropriação momentânea, cotidiana, que devido a condição e habilidades dos skatistas pode ocorrer em algum objeto urbano. Contudo, parece-nos que justamente por ser diferente do uso comum, e modificar um desejo regrado de paisagem urbana, a ação do skatista no espaço urbano rende conflitos que, algumas vezes, terminam por desconfortá-los (BÖES, 2014; BRANDÃO, 2012; HOWELL, 2001; MACHADO, 2011).

Além do que foi dito pelos skatistas sobre o desconforto gerado pelos conflitos com a vigilância, eles nos apresentaram uma opinião sobre os *Skate Stops*. Esse termo se refere a alguns objetos que são anexados nos objetos urbanos que chamam a atenção dos skatistas para impedir a prática, conforme exemplo abaixo:



Fonte: Skateboard Stops, de Barrier group, disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=_Mn0BdMZcWw

Sobre os *Skate Stops*, os skatistas mencionaram que o desconforto gerado por não conseguirem utilizar um objeto urbano não se limita ao skate e ao skatista. O desconforto se assemelha ao que um cidadão poderá sentir caso tente utilizar um banco cheio de pinos para se sentar e descansar. Do mesmo modo, como dito pelo skatista Gabriel, um lugar construído com um pavimento que dificulta a utilização do skatista tende a prejudicar também o deslocamento de uma pessoa com mobilidade comprometida. Não queremos aqui nem especificar, nem generalizar os tipos de situações ocorridas com as pessoas em relação ao ambiente, pelo contrário, queremos caminhar com a literatura para discutir como essas situações inspiram interpretações para a cidade contemporânea.

Serpa (2007) faz uma reflexão que queremos compartilhar, segundo ele o espaço público está criando barreiras simbólicas que dividem os grupos, faz-se isso justapondo espaços semipúblicos e privados para receber a todos, mas regradados e regidos por atrações uniformes. Sabemos que apenas a soma de intenções dos indivíduos no espaço não legitima o quão acessível ele é, o que garante acessibilidade nos espaços é a continuidade de práticas sociais de interação e com significado para e entre os usuários (SERPA, 2007). Com efeito, se pensarmos assim, as barreiras simbólicas impostas nos espaços só fazem aumentar os estranhamentos entre os grupos. De fato, Silva (2014) chama a atenção para a necessidade de nos suportarmos mutuamente enquanto cidadãos, o desafio consiste em pensar o urbano como um espaço coletivo, amenizando interesses econômicos de índoles apartarias e valorizando ética e esteticamente o espaço no qual os cidadãos usufruem e são entes.

O documento *Relatório brasileiro para habitat III*, publicado em 2016 pelo Instituto de pesquisa aplicada (IPEA) definiu a mobilidade urbana como um eixo fundamental para inspirar o direito das pessoas de usufruírem dos espaços da cidade. Além disso, é descrito também que a mobilidade urbana tem um papel importante na garantia da efetivação dos

demais direitos dos cidadãos (IPEA, 2016). Quanto aos direitos na cidade, o Estatuto da Cidade (Lei no 10.257/2001) decreta o direito à “terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações” (art. 2º, inciso I), as normativas defendem “o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental (BRASIL, 2008), p. 15). O Estatuto citado vem sendo o principal documento norteador para discussões de garantia de direito à cidade (CAFRUNE, 2016).

A conquista do Estatuto da cidade traduz a vontade de um senso coletivo de direito à cidade e efetivação de justiça social. Porém, segundo Cafrune (2016), a consolidação dessa vontade encontra-se ainda em estado de reconhecimento jurídico, pois seguimos com a incapacidade prática de oferecer condições equitativas a população. Do mesmo modo, Battaus e Oliveira (2016) nos lembram que mais de quinze anos já se passaram desde o Estatuto da Cidade, mas ainda estamos repletos de lacunas na garantia de um ambiente urbano equilibrado, equânime e promotor de qualidade de vida aos cidadãos.

As soluções parecem vir de um caminho complexo e árduo, mas a existência de um documento normativo inspira uma postura de continuidade pela efetivação de seus objetivos (CAFRUNE, 2016) Isso quer dizer que, se enfrentamos um problema de desigualdade social que atrasa nosso desenvolvimento equitativo, podemos, através da referência e existência dos documentos, como do Estatuto da cidade, compartilhar possibilidades práticas de direito à cidade que valorizem e incluam as formas de ser dos diferentes grupos urbanos. Concordamos com isso porque não somente o Estatuto da cidade, mas também os documentos de promoção da saúde apresentam diretrizes importantes para auxiliar pesquisadores a continuarem desenvolvendo ideias que respeitem esses escritos.

Castells (2018) afirma que os esforços para compartilhar essas possibilidades já vêm sendo realizado por comunidades em seu desenvolvimento local. Segundo ele, as pessoas resistem a individualização se agrupando em organizações comunitárias, participando dos movimentos urbanos e criando laços de pertencimento. Foi assim que os skatistas compartilharam de sua percepção sobre a visão interna e externa da prática do skate. Para os skatistas, a prática do skate é uma manifestação cultural de pertencimento e ocupação do espaço, enquanto nas pessoas ausentes a prática há uma tendência ao conflito e a reação protetiva das propriedades, reflexo de um contexto urbano centrado no consumo e na

vigilância (BORDEN, 2001; CAFRONE, 2016; CASTELLS, 2018; HOWELL, 2001; SANTOS, 2014; SERPA, 2007).

A corresponsabilidade entre as pessoas e o Estado na gestão de um ambiente mais inclusivo, equânime e saudável faz parte dos eixos conceituais da promoção da saúde (BRASIL, 2018). Constatamos alguns dizeres sobre a saúde dos praticantes de skate e de como essa prática condiciona ações em suas vidas. Destacamos algumas falas como as de Paulo “Skate é uma forma de libertação, eu vejo como sendo uma terapia para mim”, Rafael também indica “Skate me ajuda muito na saúde mental, eu tenho vários correios diários, então conseguir andar de skate me traz alívio”. Gabriel compartilha outra percepção “Skate tem um benefício social, você faz amizades muito fortes” e Tiago “estamos sempre entre amigos, se divertindo” e também “nossa cultura é sempre reformar, revitalizar”. Acreditamos que esses dizeres tem relação com o que encontramos nos escritos da promoção da saúde, essa temática foi melhor discutida na próxima seção.

6.3 RELAÇÃO ENTRE SAÚDE E A PRÁTICA DO SKATE

Segundo os skatistas do estudo, a prática do skate contribui positivamente para a vida na cidade. Entretanto, eles dizem que as situações de estranhamento e conflito que ocorrem quando praticam nos espaços públicos e privados costuma ser agressiva. Nessas situações eles relatam que há pouca oportunidade de falar sobre a importância e a função da prática em suas vidas e para a cidade, conforme apresentado nos estudos de Howell (2001), Borden (2001), Chiu (2009), Brandão (2014). Com isso, verificamos que a mediação dos conflitos e a abertura para o diálogo tornam-se fundamentais para compreendermos como esse grupo se manifesta na cidade, produz e é influenciado pelas condições biopsicossociais.

De acordo com a PNPS faz parte dos objetivos específicos de nossa política de promoção da saúde evitar ou até mesmo reduzir as desigualdades sistemáticas por meio de uma contribuição e adoção de ações sociais e de saúde centradas na participação e no controle social (BRASIL, 2018). Por parte dos skatistas, reconhecemos que suas ações são referentes a produção de espaços de convívio, que acabam por influenciar os não praticantes a irem nesses locais e também usufruírem de outros momentos, que não a prática do skate, para o convívio e o lazer. O que notamos em relação a PNPS (BRASIL, 2018) é que a redução de desigualdades pode também ocorrer quando diferentes grupos têm interesse de promover um movimento ou uma ação que repercutam em coletividade.

Do mesmo modo a Carta de Ottawa (OMS, 1986) reforça a importância da ação comunitária como uma estratégia de promoção da saúde. Isto porque incrementar o poder das comunidades nas tomadas de decisões e estratégias podem causar melhoria nas condições de saúde. Passamos a reconhecer que o desenvolvimento da comunidade está baseado nos recursos humanos, o que propõe a promoção da saúde é a maior participação social, a autonomia e o controle por parte dos indivíduos, o que torna evidente a repercussão da coletividade (OMS, 1986).

Foi possível reconhecer, neste estudo, que há na prática desses skatistas uma proximidade com uma das diretrizes que fundamentam a PNPS (BRASIL, 2018). Nos referimos a diretriz II, sobre o planejamento de ações territoriais para o reconhecimento de contextos locais, respeitando a diversidade e com o intuito de auxiliar na construção de espaços de produção social e ambientes saudáveis. Isso foi evidenciado por meio da fala dos skatistas sobre a participação de diferentes grupos no cotidiano da praça *Banks* com a inserção de atividades como ciclismo, patinação e outras que conectaram famílias a ações de lazer. Podemos notar nas entrevistas com os skatistas que está presente uma preocupação similar ao que é proposto na Carta de Ottawa (OMS, 1986). Nos referimos ao item ‘Criando Ambientes Favoráveis’ quando é identificada a necessidade de encorajar a ajuda recíproca no cuidar das comunidades com os ambientes, rompendo com o abandono de espaços públicos como praças e de outros ambientes desassistidos.

Para frisar a importância da ação comunitária citamos o item ‘Compromisso com a Promoção da Saúde’ (OMS, 1986), destacando o quarto ponto sobre reconhecer as pessoas como principal recurso para a saúde, apoiando-as, aceitando-as como matéria essencial de saúde. Neste sentido, os skatistas quando propõem compartilhar suas percepções, nos apresentam subsídios para pensar em ações mais inclusivas na cidade e na comunidade. Se aproximar desses grupos e apoiá-los em suas atividades favorecem criação e desenvolvimento de estilos de vida saudáveis, podendo estimular espaços sociais reconhecidos e assistidos pelo poder público.

Antagônico a produção de espaços sociais, foi possível reconhecer que a posição de skatista na cidade pode evidenciar uma tendência do espaço urbano em vigiar e causar segurança. Tais situações são exemplificadas quando ao acessarem determinadas áreas públicas ou privadas da cidade a prática dispara mecanismos de contenção como: guarda municipal, policiamento, seguranças particulares, conflitos com moradores e proprietários. Estas considerações também estão presentes nos dizeres de Borden (2001) e, principalmente,

de Howell (2001) que evidenciam a pratica de skate como uma forma de comprovar e subverter o protecionismo dos espaços contemporâneos. Também, em concordância com Santos (2014) o espaço urbano pensado para o consumo não é promotor de integração social, de bem-estar e, portanto, nem de saúde, é sim de desvalorização e impermanência, opondo-se ao que é entendido pelos skatistas.

Do mesmo modo que existe um desconhecimento em relação aos benefícios do skate para a cidade (ANGNER, 2017; BORDEN, 2001; DARBY, 2018; GLENNEY; O'CONNOR, 2019; HOWELL, 2001; KAZI-TANI, 2014; MCCORMACK; CLAYTON, 2017) existe, também, uma simplificação na produção científica em relação ao elo skate e saúde. Como evidenciado na revisão de literatura, os artigos encontrados com os descritores 'skate' e 'saúde' reportam a acidentes, a quedas e a fraturas sofridas pelos praticantes, chamamos isso de visão negativa. Em relação aos artigos encontrados com os mesmos descritores, mas que continham uma visão positiva, o número é inferior. Os que se reportam a área da saúde estão associados a pratica de esporte e atividade física.

Os diversos artigos que expõem os riscos de acidentes e fraturas sugerem que para conte-los é indicado que os skatistas façam uso de capacete e outros acessórios de segurança. Os resultados desses artigos também recomendam direcionar a prática para lugares específicos com objetivo de preservar a integridade de pedestres, dos espaços e impedir colisões com veículos. Porém, como mostrou Chiu (2009), os skatistas têm uma preferência por se expor aos riscos mesmo os conhecendo. Isso também ficou claro nas falas desses indivíduos quando indicam

Os skatistas compartilharam percepções sobre se colocarem à disposição dos riscos que a prática do skate oferece. Eles não negam que a prática seja perigosa, entretanto, para eles a exposição aos riscos faz parte da característica do skate em envolver o skatista em frequentes enfrentamentos para vencer desafios. Quando conseguem executar uma manobra que tentaram por inúmeras vezes, a sensação de bem-estar conquistada está associada com a persistência e o prazer de superar a dificuldade que permeia a prática. Isso pode explicar o porquê de não fazerem uso de equipamento de segurança, pois os skatistas confiam em suas capacidades e a própria dificuldade os inspiram a vencer os obstáculos.

Quando se discute skate em uma perspectiva de prática cultural da cidade a visão positiva é mais presente, entretanto, os artigos desse tipo que encontramos não são da área da saúde. Isso sugere que ainda é incipiente na comunidade científica estudos que aproximem promoção da saúde e a pratica do skate. Em conformidade com os resultados da revisão de

literatura notamos que as publicações quanto a visão negativa em relação ao indivíduo, são estudos que evidenciam o risco que se dispõe um praticante de skate. Esses artigos estão envolvidos com temas como: estatística de acidentes com skatistas, envolvimento de pedestres e motoristas em colisões com praticantes de skate (FELETTI; BRYMER, 2018; FORSMAN; ERIKSSON, 2001; KADDIS; STOCKTON; KIMBLE, 2016; WOOD; CARTER; MARTIN, 2014). Quanto a visão positiva em relação ao indivíduo os artigos reportam benefícios para o bem-estar físico e o desenvolvimento motor (ARMBRUST; LAURO, 2010; VELOZO; DAOLIO, 2013). Evidenciamos que as descrições apresentadas na literatura ainda não relacionam ou aproximam a prática do skate com a promoção da saúde. Consideramos que existem similaridades na postura de ser skatista na cidade e nas diretrizes dos documentos publicados na área de promoção da saúde que, se valorizadas, também podem perdurar em estratégias para cumprir com objetivos em saúde.

Nossos resultados mostram que esses skatistas enxergam benefícios biopsicossociais na prática de skate. De acordo com Minayo (2012) os direcionamentos em saúde são comumente conduzidos em uma perspectiva biomédica, os quais se resumem a simples ausência de doenças, com procedimentos definidos para tratar agravantes de uma condição saudável. Porém, de acordo com a OMS (1946) a saúde tem relação com o completo bem-estar físico, mental e social, ou seja, existem atravessamentos de diversas instancias que também melhoram ou agravam a condição de saúde de um indivíduo. Em distintos momentos das entrevistas notamos que os skatistas declararam perceber que a prática traz benefícios vinculados a saúde mental ao reportar sensações e sentimentos quanto a diminuição do estresse, atividade terapêutica, prazer por vencer pequenos desafios no jogo do skate.

A partir da Carta de Ottawa (1986) foi adicionado ao conceito apresentado sobre saúde (OMS, 1948) a concepção de promoção da saúde, repercutindo em uma definição quanto a necessidade de incentivar os grupos de indivíduos a reconhecer saúde como completo bem-estar físico e social. Considerando assim a promoção da saúde como um processo de capacitação da comunidade para atuar de modo que busque melhorias na qualidade de vida e na saúde, com autonomia e tomada de decisão (OMS, 1986). Inclusive, houve momentos na entrevista com citações de benefício social referente as amizades e laços construídos, reconhecimento de melhora da condição física e atenção aos cuidados com a sua condição de saúde para continuar a prática do skate.

Uma vez que há outras condicionantes que influem sobre a saúde para além da biomédica, os determinantes de uma condição saudável também se ampliam. Refletimos então

que se encontra incompatível continuar conduzindo estudos em promoção da saúde que consideram apenas a visão biomédica. Como mencionado pelos skatistas, neste estudo, a prática do skate se relaciona com a atenção às condições de um espaço, a sensação de pertencer a um grupo, ao engajamento comunitário, a viver a cidade com valorização dos espaços, de modo a reinseri-los no convívio urbano. Houve também considerações dos skatistas sobre a prática do skate enquanto um recurso promotor e colaborador da saúde mental, e um incentivador para uma atenção à sua saúde como esportista. Há, portanto, outros pontos a explorar, outros projetos a elaborar, pois estamos envolvidos em atravessamentos que influem sobre nossa saúde.

6.4 SUGESTÕES

De acordo com Westphal e Mendes (2000) há uma necessidade de inserir e convidar a população para elaborar e executar projetos com objetivo de discutir cidades saudáveis. Tal consideração nos conduz a verificar que é preciso aproximar os grupos das decisões em saúde que os influenciam quando implementadas. As sugestões que os skatistas do estudo mencionaram podem contribuir para que trabalhemos em elo com essa cultura na valorização de ambientes esquecidos na paisagem urbana e tornar esses espaços úteis para a comunidade novamente. Do mesmo modo, a cultura do skate de rua se mostrou importante para discutir questões de diversidade, representando-se inclusive na manifestação de jovens, mulheres, negros propondo eventos que dialogam com liberdade de expressão, identidade e expressão de gênero (FIGUEIRA; GOELLNER, 2013; MACHADO, 2013). Um exemplo disso foi dado pela skatista Susy quando menciona a importância das suas ações de promover eventos para que mulheres skatistas e inseridas na cultura *Hip Hop* tenham oportunidades como produtoras culturais na cidade.

O relatório Habitat III do IPEA (2016) apresenta a cultura como um eixo importante de desenvolvimento urbano e promoção de equidade entre a população (BRASIL, 2016). Além disso, o IPEA indica que a exclusão socioambiental é sintoma e causa da fragmentação sociocultural, isso porque as pessoas precisam não somente poder acessar os espaços da cidade, mas também necessitam de segurança para transitar, conviver e produzir sentidos coletivos. Concordamos que para os diversos grupos habitantes da urbe comunicarem sua identidade e características cabe inicialmente reconhecermos e promovermos um espaço democrático.

Assim como escrito por Jacobs (2011) os participantes deste estudo destacaram a importância do senso de comunidade na reativação de vizinhança e desfrute dos espaços. A cidade precisa ser convidativa para que as pessoas circulem por suas ruas com segurança e desejem permanecer ao invés de simplesmente trafegar. Ainda segundo a autora, o refúgio para a segurança pode ser o próprio prazer de mutuamente apropriarmos-nos dos espaços. Entretanto, os condicionantes de violência têm nos conduzido a buscar abrigo nos carros, nos *Shoppings* e em ambientes fechados, essa realidade descrita pela autora é confrontada pelos skatistas quando os mesmos narram que a prática do skate remete a liberdade e que a rua é seu refúgio (JACOBS, 2011).

Segundo esses skatistas, o reconhecimento da prática do skate como um esporte e a sua inserção nos jogos olímpicos de Tóquio 2020 vem melhorando a visão que as pessoas tinham em relação ao skate. Como mencionamos anteriormente, a popularidade do skate se elevou nos últimos anos, tornando-se presença comum em diversas cidades do Brasil. Acreditamos que essas condicionantes positivas, somadas as narrativas dos skatistas, mostram que os estigmas anteriormente empregados a eles como a improdutividade, a marginalização, o uso de substâncias ilícitas e a concepção de irresponsabilidade não se refletem a postura descrita pelos mesmos, pois não foram relevantes nos resultados. As características que foram narradas remetem a prática do skate como um recurso para liberdade de movimento, para repensar o uso dos espaços públicos e privados, para usufruir da cidade e das ruas de maneira diferenciada, com uma postura política e criativa.

Para tanto fazemos algumas sugestões quanto ao olhar da comunidade e a proposta de promoção da saúde associadas a prática do skate, que podem ser aproveitadas para futuras considerações quanto a saúde da comunidade de skatistas e da população urbana:

- Esses skatistas sugerem que os espaços e objetos da cidade podem ter outros usos e olhares que não apenas os predeterminados;
- Os espaços onde esses skatistas realizam ações de mudança tendem a se tornarem também espaços de convívio entre pessoas que não fazem parte da prática do skate;
- A configuração da cultura do skate de rua em Maringá está em acordo com itens da PNPS e Carta de Ottawa no que diz respeito a maior participação social no desenvolvimento de ações coletivas para a promoção da saúde;
- A prática de skate nos espaços públicos e privados pode evidenciar uma tendência a um protecionismo agressivo nos espaços urbanos, centrada em ações de contenção de práticas indesejadas e afastamento coletivo que promove iniquidades entre pessoas e grupos;

- A prática do skate está envolta em ações benéficas para a saúde biopsicossocial dos praticantes e para a vida urbana;

Este estudo rompe com o discurso tradicional e biomédico de vincular o skate a tombos, quedas e dores, e explicita que o skatista pode ser convidado para outras discussões que remetam a promoção da saúde. A prática demonstrou potencialidades para o pensar saudável, para a participação social nas decisões em saúde e na criação de ambientes favoráveis. A concretização deste estudo pode ser um recurso para que os membros externos da cultura do skate e os planejadores urbanos possam interpretar a percepção dos skatistas como um recurso para projetos de cidades saudáveis.

Talvez a agressividade relacionada ao personagem skatista na cidade possa ser reinterpretada como uma reação a agressividade da própria cidade, que parece estar se revestindo de aparatos para se proteger da alteridade e criatividade dos indivíduos. Resgatamos, mais uma vez, que a promoção da saúde relacionada a cidade é um tema de políticas públicas de saúde da população urbana, assim como a mediação de conflitos entre os grupos que coexistem nos assentamentos urbanos. Destacamos que há nos skatistas a fagulha da participação e convívio social, e atitudes que dizem respeito a olhar para os espaços da cidade como recurso e expressão das pessoas. Esses caminhos inexplorados abrem espaço para mais estudos que relacionem a prática do skate com a promoção da saúde na cidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao objetivo geral deste estudo ‘compreender a percepção dos skatistas sobre a sua atuação no espaço urbano, como experimentam a agressividade urbana, e as relações da prática com a promoção da saúde’, notamos que os skatistas reconhecem a rua como seu espaço, e a cidade como um recurso de interação e experiências para a sua prática de skate. No entendimento dos participantes, sua percepção sobre agressividade urbana é associada a uma tendência ao padrão de uso do espaço urbano para o consumo, que repele a identidade e mobilidade alternativa empregada pelos skatistas e desconhecem suas potencialidades. Quanto a relação saúde e skate constatamos uma incoerência em continuar realizando estudos com esses temas que consideram apenas uma visão negativa sobre quedas, fraturas e outros. Isto porque esses skatistas narraram um benefício biopsicossocial da prática, melhor relacionado a visão holística de saúde da OMS e também, da promoção da saúde.

Em relação ao objetivo específico ‘Analisar como o skate é abordado na literatura científica da saúde, urbanismo e antropologia cultural’ concluímos que a contribuição de

outros estudos não relacionados a área específica da saúde nos permitiram refletir de modo interdisciplinar. Nos referimos a isso porque, ao considerar o conceito mais amplo de promoção da saúde, relacionamos outros olhares como os da antropologia cultural, da arquitetura e urbanismo e verificamos que a saúde é também influenciada por outros atravessamentos que moldam a vida na cidade. Nesse sentido, as respostas para demandas de saúde podem vir de diferentes reflexões e áreas de conhecimento, como do convite para dialogar com skatistas para melhor compreender os indivíduos e grupos que compõem a cidade. No caso dos skatistas, isso tem relação com o uso que fazem dos objetos urbanos e as consequências dessa apropriação diferenciada.

Em relação ao objetivo específico ‘Analisar como os skatistas manifestam sua percepção frente ao espaço urbano e de que modo tal percepção permite uma postura reflexiva sobre urbanismo e promoção da saúde’ podemos concluir que a postura do skatista na cidade remete a uma reflexão crítica da função dos espaços. Isto é, quando compartilhada a percepção própria que os skatistas têm da cidade, notamos que essa expressão cultural amplia nossa visão da funcionalidade urbana, e nos inspira a pensar em outras formas de enxergar a potencialidade dos espaços para as pessoas. A sensação de liberdade, imprevisto e a ação de persistência do skatista sobre um movimento indicam que a cidade ainda não tem uma função pré-definida, pois sua alteridade se expressa também em vias que ainda não estão sob os holofotes.

Do mesmo modo constatamos que o *Photovoice* pode ser utilizado com outras comunidades para melhorar nossa compreensão sobre os grupos que compõem a cidade e seu entorno. Assim como o método tem potencial notável para corresponder a outras demandas de saúde e alcançar formadores de políticas, perdurando em ações mais compreensivas e inclusivas. Quanto a limitações, o que indicamos é a condição de fidelidade para com o discurso da comunidade pesquisada, onde os resultados gerados no estudo que utilizam esse método encontram-se estritamente ligados as percepções e opiniões do grupo.

Os resultados aqui obtidos sugerem que há ainda uma tendência no espaço público e privado em proteger a integridade física através do exercício da vigilância, como câmeras, segurança, correntes, etc. Esse protecionismo expõe que o espaço urbano vem se revestindo de aparatos para afastar a alteridade das pessoas, tornando a cidade cada vez mais unilateral, voltada para a atividade comercial e o trabalho. O compartilhamento da percepção desse grupo sobre skate, cidade e saúde corresponde as demandas em promoção da saúde no que diz respeito a maior participação social, ao reconhecimento dos cidadãos sobre seus

assentamentos urbanos e, também, a escuta de grupos desassistidos para contribuir com a criação de políticas públicas de cidade mais saudáveis e inclusivas.

8 CONCLUSÃO

Apesar da prática do skate ser comumente referida como negativa na literatura científica da saúde, a visão interdisciplinar que optamos por atribuir ao tema modificou a compreensão sobre as características dessa prática e reinterpreta as imagens atribuídas aos praticantes de skate. O conceito holístico de saúde do qual faz uso a promoção da saúde também evidencia que continuar analisando temas como o skate apenas pelo viés biomédico pode desconsiderar os diversos atravessamentos que influenciam positivo e negativamente a saúde dos indivíduos. Concluímos que a pessoa, o grupo skatista tem opiniões diferenciadas sobre cidade e saúde. As imagens criadas por esse grupo indicam interpretações de agressividade urbana, saúde coletiva, participação social e, portanto, dialogam com as demandas de interesse da promoção da saúde. A estratégia de escutar e compartilhar os dizeres de um grupo oferece compreensão sobre suas forças e fragilidades, tal compreensão pode auxiliar formuladores de políticas públicas na criação de ações mais inclusivas e saudáveis.

REFERÊNCIAS

- ADAMKIEWICZ, E. **Les performances sportives de rue . Pratiques sportives autonomes spectaculaires à Lyon.** Les Annales de la recherche urbaine. **Anais...**1998Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/aru_0180-930x_1998_num_79_1_2177>
- AMARAL-ROSA, M.; EICHLER, M. L. A pesquisa no ensino de química e o software QRS Nvivo: Aproximações, possibilidades e aplicação. In: **Métodos de análise em pesquisa qualitativa: Releituras atuais.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 293.
- AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. Skateboard and Scooter injuries. **Pediatrics**, v. 107, n. 2, p. 437–441, 2001.
- ANGNER, F. Skateboard urbanism An exploration of skateboarding as an integrated part of public space Master's thesis for the Landscape Architecture programme EX0504 Degree Project in Landscape Architecture, 30 HEC Level: Advanced A2E Title in English: Skateboard Urb. 2017.

- ARMBRUST, I.; LAURO, F. A. Relato de Experiência O Skate e suas possibilidades educacionais The skateboarding and its educational possibility. **Motriz**, v. 16, n. 3, p. 799–807, 2010a.
- ARMBRUST, I.; LAURO, F. A. A. O Skate e suas possibilidades educacionais. **Motriz. Revista de Educação Física. UNESP**, v. 16, n. 3, p. 799–807, 2010b.
- AUDRAIN-MCGOVERN, J.; RODRIGUEZ, D. All Physical Activity May Not Be Associated with a Lower Likelihood of Adolescent Smoking Uptake. **Addict Behav.**, n. 51, p. 177–183, 2015.
- BAIG, A. A. et al. Using photovoice to promote diabetes self-management in Latino patients. **TBM**, p. 1–6, 2019.
- BATTAUS, D. M. DE A.; OLIVEIRA, E. A. O direito à cidade: Urbanização excludente e a política urbana brasileira. **Lua Nova**, v. 1, n. 97, p. 81–106, 2016.
- BÖES, G. **Skate e a cidade: uma perspectiva em criminologia cultural**. IV Congresso Internacional de Ciências Criminais. **Anais...**Porto Alegre: 2013Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/IV/64.pdf>>
- BÖES, G. **Resistências Urbanas: algumas notas sobre Criminologia Cultural, pesquisa na cidade e contracultura**. 5º Congresso Internacional de Ciências Criminais e XIV Congresso Transdisciplinar de Ciências Criminais do !TEC/RS. **Anais...**2014
- BOISE MUNICIPAL CODE. **Prohibiting skateboard use in designated areas of the city**, 1996. Disponível em: <<https://police.cityofboise.org/media/635202/wheels-restriction-zone.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2019
- BOMFIM, Z. Á.; DELABRIDA, Z. N.; FERREIRA, K. P. Emoções e afetividade ambiental. In: **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente / Sylvia Cavalcante, Gleice A. Elali (Orgs.)**. Patrópolis - RJ: Vozes, 2018. p. 60–74.
- BORDEN, I. Another pavement, another beach: Skateboarding and the performative critique of architecture. In: BORDEN, I. et al. (Eds.). . **The unknown city: Contesting architecture and social space**. London: The MIT Press, 2001. p. 178–199.
- BRADLEY, G. L. Skate parks as a context for adolescent development. **Journal of Adolescent Research**, v. 25, n. 2, p. 288–323, 2010.
- BRADLEY, G.; STINSON, K. K. **Skaters' Paradise? A Study of Gold Coast Skate Parks and Their Users**. Gold Coast: Gold Coast City Council, 2008.
- BRANDÃO, L. Entre a marginalização e a esportivização: Elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. **Revista de História de Esporte**, v. 1, n. 2, 2008.

- BRANDÃO, L. **A cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural**. Dourados: UFGD, 2011.
- BRANDÃO, L. Da cidade transfigurada à cidade transformada: culturas juvenis e a prática do skate (1970/1980). **Revista História e Cultura**, v. 1, n. 2, p. 7–20, 2012.
- BRANDÃO, L. De Jânio Quadros a Luiza Erundina: Uma história da proibição e do incentivo ao skate na cidade de São Paulo. **Projeto História**, n. 49, p. 293–326, 2014.
- BRASIL, E. DA C. **Estatuto da Cidade: Lei 10.257/2001** Senado Federal, Subsecretaria de edições técnicas Brasil Senado Federal, , 2008.
- BRASIL, M. DA S. S. DE V. EM S. S. DE A. À S. **Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS: Anexo I da Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017, que consolida as normas sobre as políticas nacionais de saúde do SUS/ Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de**. Brasília: [s.n.]. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude.pdf>.
- CAFRUNE, M. E. O direito à cidade no Brasil: construção teórica, reivindicação e exercício de direitos. **Revista interdisciplinar de direitos humanos**, v. 4, n. 1, p. 185–205, 2016.
- CASTELLS, M. **Networks of Outrage and Hope: Social Movements in the Internet Age**. 1st. ed. Cambridge-UK: Polity, 2012.
- CASTELLS, M. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 2018a.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade: a era da informação**. 9. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e terra, 2018b.
- CHIU, C. Contestation and Conformity: Street and Park Skateboarding in New York City Public Space. **Space and Culture**, v. 12, n. 1, p. 25–42, 2009.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE. **Penetração e Perfil dos Praticantes do skate, DataFolha**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://umti.com.br:8040/uploads/ckeditor/attachments/4449/Pesquisa_Datafolha_2015.pdf>.
- COOPER, M. T.; MCGEE, K. M.; ANDERSON, D. G. Epidemiology of athletic head and neck injuries. **Clinics in sports medicine**, v. 22, n. 3, p. 427–443, jul. 2003.
- CREIGHTON, G. M. et al. “ I Never Saw a Future ”: Childhood Trauma and Suicidality Among Sexual Minority Women. **Qualitative Health Research**, p. 1–13, 2019.
- D’ANGELO, K. A.; HER, W. “The drug issue really isn’t the main problem”— A photovoice study on community perceptions of place, health, and substance abuse. **Health & Place**, v. 57, p. 257–264, 2019.
- DALLABONA-FARINIUK, T.; FIRMINO, R. Smartphones, smart spaces? O uso de mídias

- locativas no espaço urbano em Curitiba, Brasil. **Eure**, v. 44, n. 133, p. 255–275, 2018.
- DANIELS, J. Building Global Health Capacity at a Minority-Serving Institution in the Bronx : The Potential Role of PhotoVoice and the Geo-Social Pathway Framework in This Endeavor. **International Quartely of Community Health Education**, v. 39, n. 1, p. 19–30, 2018.
- DARBY, F. Belonging at ITB: The Use of Photovoice Methodology (PVM) to Investigate Inclusion and Exclusion at ITB Based on Ethnicity and Nationality from a Student Perspective. In: CRADDOCK, G. et al. (Eds.). . **Transforming our World Through Design, Diversity and Education**. [s.l.] IOS Press, 2018. v. 256p. 601–623.
- DELFIN, L.; MACHADO, A. L. A.; IMBRIZI, J. M. A rua como palco : arte e (in) visibilidade social. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, p. 1–10, 2015.
- DISTRICT OF COLUMBIA. **Vehicles and traffic. 18-1211 operation of miscellaneous vehicles**, 1995. Disponível em:
<<https://dcregs.dc.gov/Common/DCMR/RuleDetail.aspx?RuleId=R0002977>>. Acesso em: 16 jan. 2019
- FANG, K. Faster than walking, more flexible than biking: Skateboarding as a real mobility mode. **Transfers**, p. 1–6, 2018.
- FELETTI, F.; BRYMER, E. **Pediatric and adolescent injury in skateboardingResearch in Sports Medicine**, 2018.
- FERLATTE, O. et al. Using Photovoice to Understand Suicidality Among Gay , Bisexual , and Two - Spirit Men. **Archives of Sexual Behavior**, p. 1–13, 2019.
- FIGUEIRA, M. L.; GOELLNER, S. V. "Quando você é excluída, você faz o seu": mulheres e skate no Brasil. **Cadernos pagu**, n. 41, p. 239–264, 2013.
- FLUSTY, S. Thrashing downtown: Play as resistance to the spatial and representational regulation of Los Angeles. **Cities**, v. 17, n. 2, p. 149–158, 2000.
- FORSMAN, L.; ERIKSSON, A. Skateboarding injuries of today. **British Journal of Sports Medicine**, v. 35, n. 5, p. 325–328, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.
- FREITAS, H. H. et al. Skate Sociabilidade E Consumos No Lazer: a Percepção Do Lícito E Ilícito. **Licere**, v. 19, n. 1, p. 85–107, 2016.
- FURR, H. N. et al. Sun Exposure Habits and Sun Protection Practices of Skaters. **Neurosurgery**, v. 77, n. 4, p. 927–929, 2017a.
- FURR, H. N. et al. Sun Exposure Habits and Sun Protection Practices of Skaters. **J Cancer**

Educ, v. 32, n. 4, p. 734–739, 2017b.

FURR, H. N.; NESSLER, J. A.; NEWCOMER, S. C. Characterization of Heart Rate Responses, Duration, and Distances Traveled in Youth Participating in Recreational Skateboarding at Community Skateparks. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 00, n. 00, p. 1, 2018.

GALLIANO, L. et al. Saúde, aptidão e habilidades motoras de skatistas e de jovens inativos. **Revista Didática Sistemica**, v. 1, n. 1, p. 218–230, 2012.

GIBSON, J. J. **The ecological approach to visual perception**. New York: Psychology Press, 1986.

GLENNEY, B.; O’CONNOR, P. Skateparks as hybrid elements of the city. **Journal of Urban Design**, v. 24, n. 6, p. 840–855, 2019.

GULLÓN, P. et al. Using Photovoice to Examine Physical Activity in the Urban Context and Generate Policy Recommendations : The Heart Healthy Hoods Study. v. 6, n. 729, p. 1–16, 2019.

HEES, S. VAN et al. Photovoicing the neighbourhood : Understanding the situated meaning of intangible places for ageing-in-place. **Health & Place**, v. 48, p. 11–19, 2017.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOWELL, O. **The Poetics of Security: Skateboarding, Urban Design, and the New Public Space**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <http://urbanpolicy.net/wp-content/uploads/2013/02/Howell_2001_Poetics-of-Security_NoPix.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

HOWELL, O. Skatepark as neoliberal playground: Urban governance, recreation space, and the cultivation of personal responsibility. **Space and Culture**, v. 11, n. 4, p. 475–496, 2008.

IPEA, I. DE P. E. A. **Relatório brasileiro para o HABITAT III**. Brasília: ConCidades: [s.n.].

IRBY, M. B. et al. Violence as a health disparity : Adolescents ’ perceptions of violence depicted through photovoice. **Journal of community psychology**, p. 1–19, 2018.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

JACQUES, P. B. **Elogio aos errantes**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2014.

JENSON, A.; SWORDS, J.; JEFFRIES, M. The Accidental Youth Club: Skateboarding in Newcastle-Gateshead. **Journal of Urban Design**, v. 17, n. 3, p. 371–388, 2012.

KADDIS, M.; STOCKTON, K.; KIMBLE, R. Trauma in children due to wheeled recreational

- devices. **Journal of paediatrics and child health**, v. 52, n. 1, p. 30–33, jan. 2016.
- KAZI-TANI, T. Le skateur comme designer. **Environnement / Urban Environment**, v. 8, p. 1–18, 2014.
- KEAYS, G.; DUMAS, A. Longboard and skateboard injuries. **Injury**, v. 45, n. 8, p. 1215–1219, ago. 2014.
- KINDER, K. Guerrilla-style Defensive Architecture in Detroit: A Self-provisioned Security Strategy in a Neoliberal Space of Disinvestment. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 38, p. 1767–84, 2014.
- KIRK, M. skateboard clinic teaches kids with disabilities life skills. **PALAESTRA**, v. 31, n. 1, p. 55–56, 2017.
- LEAL, C. C. G. et al. Photovoice: method experiment research with adolescent mothers. **Escola Anna Nery**, v. 22, n. 3, p. 1–7, 2018.
- LINDSAY, H.; BRUSSIONI, M. Injuries and helmet use related to non-motorized wheeled activities among pediatric patients. **Chronic diseases and injuries in Canada**, v. 34, n. 2–3, p. 74–81, jul. 2014.
- LUCKE, S.; MAMO, E.; KOENIGSTORFER, J. Exploring the meaning of growing food in community gardens to South African township residents: A photovoice study. **Health & Place**, v. 55, p. 165–176, 2019.
- MACHADO, G. M. C. **De “ carrinho ” pela cidade : A prática do street skate em São Paulo**. [s.l.] Universidade de São Paulo, 2011.
- MACHADO, G. M. C. **As mulheres e o “carrinho”: gênero e corporalidade entre as skatistas**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 Desafios atuais dos feminismos. **Anais...2013** Disponível em:
 <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373171573_ARQUIVO_GiancarloM.C.Machado_Asmulhereseocarrinho_generoeorporalidadeentreasskatistas.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018
- MADRID. **Ordenanza de Movilidad para la Ciudad de Madrid**, 2005.
- MAJERCIK, S. et al. Epidemiology of Traumatic Brain Injury After Small-Wheeled Vehicle Trauma in Utah. **Neurosurgery**, v. 77, n. 6, 2015.
- MCCORMACK, F.; CLAYTON, B. Engagement and influence in local policy decisions: an examination of the enabling factors in the negotiations of a youth skateboard community. **International Journal of Sport Policy**, v. 9, n. 1, p. 41–54, 2017.
- MCKENZIE, L. B. et al. Epidemiology of skateboarding-related injuries sustained by

children and adolescents 5-19 years of age and treated in US emergency departments: 1990 through 2008. **Injury Epidemiology**, v. 3, n. 1, p. 4–11, 2016.

MENEZES, V. G.; CARVALHO, L. DE O.; TASHIRO, T. Políticas públicas de esporte e lazer na cidade: Não só de pista, vive o skatista de Recife-PE. **Licere**, v. 22, n. 3, p. 517–536, 2019.

MINAYO, M. C. DE S. Saúde e ambiente: uma relação necessária. In: CAMPOS, G. W. et al. (Eds.). **Tratado de saúde coletiva**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2012. p. 871.

OLIVEIRA, É. **Skate melhora a coordenação motora e reforça estrutura muscular**.

Disponível em:

<<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/noticias/makepdf.php?storyid=372>>.

Acesso em: 20 dez. 2018.

OMS, O. M. DA S. **Constituição da Organização Mundial da Saúde**. Disponível em:

<<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organização-Mundial-da-Saúde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

OMS, O. M. DA S. **Carta de OttawaPrimeira conferência internacional sobre promoção da saúde**, 1986. Disponível em:

<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2019

ONU, O. DAS N. U. **DOCUMENTOS TEMÁTICOS DA HABITAT III - 11 Espaço público**. United Nations Conference on Housing and Sustainable Urban Development. **Anais...**New York: 2015

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Agência da ONU apresenta plano para tornar cidades mais inclusivas**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia-da-onu-apresenta-plano-para-tornar-cidades-mais-inclusivas/>>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Relatório nacional voluntário sobre os objetivos de desenvolvimento sustentável**. Disponível em:

<<https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/>>.

OSBERG, J. S. et al. Skateboarding: more dangerous than roller skating or in-line skating. **Archives of pediatrics & adolescent medicine**, v. 152, n. 10, p. 985–91, 1998.

PADILLA, M. et al. Adaptation of PhotoVoice methodology to promote policy dialog among street-based drug users in Santo Domingo , Dominican Republic. **Arts & Health**, p. 1–16, 2018.

- PAGE, J. L. et al. Prevalence of helmet use by users of bicycles, push scooters, inline skates and skateboards in Toronto and the surrounding area in the absence of comprehensive legislation: an observational study. **Injury prevention : journal of the International Society for Child and Adolescent Injury Prevention**, v. 18, n. 2, p. 94–97, abr. 2012.
- PERETTI-WATEL, P.; BECK, F.; LEGLEYE, S. Beyond the U-curve: The relationship between sport and alcohol, cigarette and cannabis use in adolescents. **Addiction**, v. 97, n. 6, p. 707–716, 2002.
- POPE, C.; ZIEBLAND, S.; MAYS, N. Analisando dados qualitativos. In: **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 172.
- PRENTISS, A. M. et al. Get Rad! The Evolution of the Skateboard Deck. **Evolution: Education and Outreach**, v. 4, n. 3, p. 379–389, 2011.
- RAMPAZZO, M.; STIGGER, M. P. Jovens praticantes de skate e seu cotidiano. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 207–221, 2016.
- RETHNAM, U.; YESUPALAN, R. S.; SINHA, A. Skateboards: Are they really perilous? A retrospective study from a district hospital. **BMC Research Notes**, v. 1, p. 1–5, 2008.
- RIVADENEIRA, A. W. et al. **Getting our head in the clouds: Toward evaluation studies of tagclouds**. Conference on Human Factors in Computing Systems. **Anais...San Jose: 2007**
- ROBERT WOOD JOHNSON FOUNDATION. **Jane Jacobs: Neighborhoods in Action**, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z99FHvVt1G4>>. Acesso em: 20 dez. 2018
- ROSLER, M. In, around, and afterthoughts (on documentary photography). In: **The Context of Meaning**. Bolton R ed. Cambridge: MIT Press, 1987. p. 303–333.
- RUTH WHELAN, K.; WHELAN, K. R. Using PEACE to target helmet legislation involving nonmotorized wheeled sports in Canada. **PUBLIC HEALTH NURSING**, v. 24, n. 2, p. 184–189, 2007.
- SANTOS, A. L. P. **O skate enquanto fenômeno esportivo, cultural, social e contemporâneo: uma abordagem pedagógica nas aulas de Educação Física no ensino fundamental**. [s.l.] Universidade tecnológica federal do Paraná, 2012.
- SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- SANTOS, M. **O Espaço do Cidadão**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

- SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.
- SHAFFER, R.; SHAFFER, B. **Beyond the dispensary**. Nairobi, Quênia: AMREF African Medical and Research Foundation, 1983.
- SHARMA, M.; ROMAS, J. A. **Theoretical Foundations of Health Education and Health Promotion**. Ontario: Jones and Barlett, 2007.
- SHUMAN, K. M.; MEYERS, M. C. Skateboarding injuries: An updated review. **Physician and Sportsmedicine**, v. 43, n. 3, 2015.
- SILVA, A. **Imaginários: estranhamentos urbanos**. São Paulo: Sesc São Paulo, 2014.
- SILVA, D. R. **Conflito na praça: embate entre moradores e skatistas sobre os usos da Praça Roosevelt na capital paulistana**. II Colóquio Semiótica das Mídias. vol. 2, n. 1. Japaratuba, AL: UFAL. **Anais...2013** Disponível em:
<http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm2/CSM2_DanielRamosdaSilva.pdf>.
Acesso em: 13 dez. 2018
- SIMS-GOULD, J. et al. “ The Social Side Is as Important as the Physical Side ”: Older Men ’ s Experiences of Physical Activity. **American Journal of Men’s Health**, v. 12, n. 6, p. 2173–2182, 2018.
- TAVARES, D. M. DOS S. et al. Qualidade de vida de idosos com hipertensão arterial. **Revista eletrônica de enfermagem**, v. 19, n. 3, p. 438–444, 2011.
- TEIXEIRA, J. C. **Skate Street e devires minoritários: (des) territórios do sujeito skatista**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos). **Anais...Florianópolis: 2017**
- TEIXEIRA, J. C.; SILVA, M. R. S. **cenar urbanas: processos de ocupação das ruas pelos skatistas da cidade de rio grande / RS**. Anais do XIX Congresso brasileiro de ciências do esporte / CONBRACE. **Anais...Vitória: 2015**
- THF, T. H. F. 2009 law Enforcement Study. 2009.
- TOMINAGA, G. T. et al. Epidemiological and clinical features of an older high-risk population of skateboarders. **Injury**, v. 44, n. 5, p. 645–649, 2013.
- TOMINAGA, G. T. et al. Head injuries in hospital-admitted adolescents and adults with skateboard-related trauma. **Brain Injury**, v. 29, n. 9, p. 1044–1050, 29 jul. 2015.
- TRUE, G.; RIGG, K. K.; BUTLER, A. Understanding Barriers to Mental Health Care for Recent War Veterans Through Photovoice. **Qualitative Health Research**, n. 1–13, 2014.
- VELOZO, E. L.; DAOLIO, J. O skate como prática corporal e as relações de identidade na cultura juvenil. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 62, p. 217–231, 2013.

- WALLERSTEIN, N.; BERNSTEIN, E. Empowerment Education: Freire's Ideas Adapted to Health Education. **Health Education Quarterly**, v. 15, n. 4, p. 379–394, 1988.
- WANG, C.; BURRIS, M. A. Photovoice: Concept, Methodology, and Use for Participatory Needs Assessment. **Health Education and Behavior**, v. 24, n. 3, p. 369–387, 1997.
- WANG, C. C. et al. Photovoice as a participatory health promotion strategy. **Health Promotion International**, v. 13, n. 1, p. 75–86, 1998.
- WANG, C. C. **Photovoice: A Participatory Action Research Strategy Applied to Women's Health** *Journal of Women's Health*, 1999.
- WANG, C. C.; BURRIS, M. A. Empowerment through Photo Novella : Portraits of Participation. **Health Education Quarterly**, v. 21, n. 2, p. 171–186, 1994.
- WANG, C.; CASH, J.; POWERS, L. Who knows the streets as well as the homeless? Promoting personal and community action through photovoice. **Health promotion practice**, v. 1, p. 81–89, 2000.
- WESTPHAL, M. F.; MENDES, R. Cidade saudável : uma experiência de interdisciplinaridade e intersetorialidade. **Revista de Administração Pública**, v. 34, n. 6, p. 47–61, 2000.
- WHO, W. H. O. **Global action plan for the prevention and control of noncommunicable diseases 2013-2020**. World Health Assembly. **Anais...**Genebra: 2013Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/94384/1/9789241506236_eng.pdf>
- WOOD, L.; CARTER, M.; MARTIN, K. Dispelling Stereotypes ... Skate Parks as a Setting for Pro-Social Behavior among Young People. **Current Urban Studies**, v. 2, n. March, p. 62–73, 2014.
- WOOLLEY, H.; HAZELWOOD, T.; SIMKINS, I. Don't skate here: Exclusion of skateboarders from urban civic spaces in three Northern Cities in England. **Journal of Urban Design**, v. 16, n. 4, p. 471–487, 2011.
- YU, A. F.; MEN, H. H.; ALUMNI. "Where we wanna be": The role of structural violence and place-based trauma for street life-oriented Black men navigating recovery and reentry. **Health & Place**, v. 54, n. October, p. 200–209, 2018.
- ZHOU, L.; CHEN, D.; DONG, G. Characteristics and related factors of nonfatal injuries among adolescents and college students in Shenzhen City of China. **BMC public health**, v. 13, p. 392, abr. 2013.

APÊNDICE

Apêndice 1. Roteiro da entrevista semiestruturada de acordo com o SHOWeD.

Tema: Percepção dos skatistas sobre sua atuação no espaço urbano e agressividade urbana.

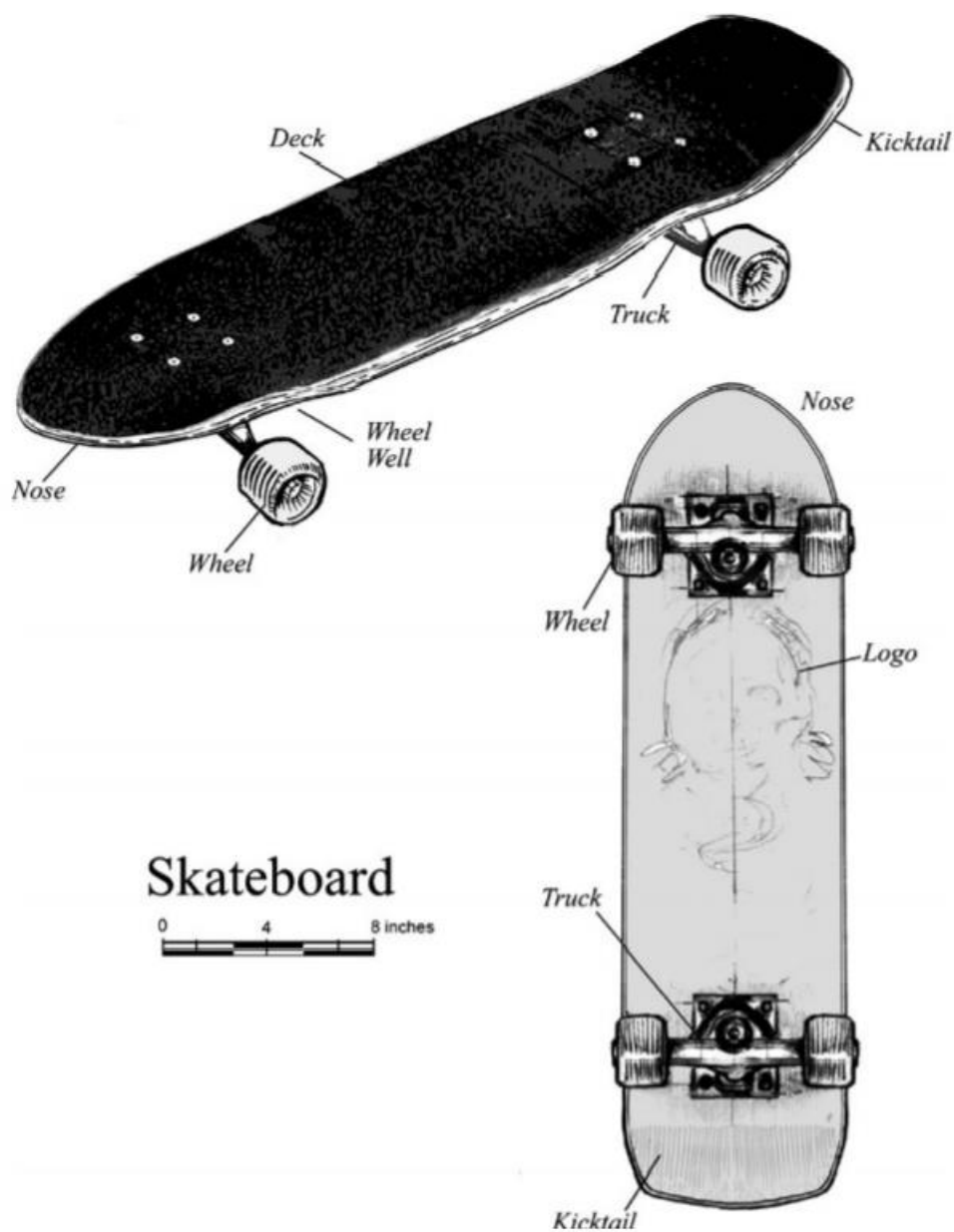
Material: Fotografias, gravador de áudio, *Notebook*.

Perguntas:

1. O que você vê aqui?
2. O que realmente está acontecendo aqui?
3. Como isso se relaciona com as nossas vidas?
4. Por que esse problema ou essa força existe?
5. O que podemos fazer sobre isso?

*Resolver juntamente com os skatistas qual a melhor forma de compartilhar nossos resultados.

ANEXOS

Anexo I – Partes que compõem o objeto

S

kate

Fonte: (PRENTISS et al., 2011, p. 381).